



RONDÔNIA EM IMAGENS: KIM-IR-SEN

FOTOS DE KIM-IR-SEN
TEXTO DE MONTEZUMA CRUZ



RONDÔNIA EM IMAGENS: KIM-IR-SEN

FOTOS DE KIM-IR-SEN
TEXTO DE MONTEZUMA CRUZ

RONDÔNIA IN PICTURES:
KIM-IR-SEN

PHOTOS OF KIM-IR-SEN
TEXT BY MONTEZUMA CRUZ

Patrocínio



Realização

MINISTÉRIO DA CULTURA



CONTATOS
KIM-IR-SEN PIRES LEAL
EMAIL: KIMIRSENPHOTO@GMAIL.COM
WHATSAPP: +55 (62) 98451-3469

ISBN: 978-65-01-07197-8



DESCRIÇÃO: FOTO DA CAPA

AGRICULTORES DESFRUTAVAM DO ÚNICO LAZER EM ESPIGÃO DO OESTE EM 1978: O BOTEÇO DE PORTAS SEMPRE ABERTAS PARA MIGRANTES CAPIXABAS

COVER PHOTO: FARMERS ENJOYING THE ONLY LEISURE ACTIVITY IN ESPIGÃO DO OESTE IN 1978: THE BAR THAT WAS ALWAYS OPEN TO MIGRANT WORKERS FROM ESPÍRITO SANTO

DESCRIÇÃO: FOTO CONTRA-CAPA

JARU, 1986: CASAS DE MADEIRA INICIAM O DISTRITO DE BOM JESUS. A FIAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA CONTRASTA COM A FLORESTA NATIVA QUE SERIA TOTALMENTE DERRUBADA PARA O CRESCIMENTO URBANO

BACK COVER PHOTO:
JARU, 1986: WOODEN HOUSES MARK THE BEGINNING OF THE BOM JESUS DISTRICT. ELECTRICAL WIRING CONTRASTS WITH THE NATIVE FOREST THAT WOULD BE COMPLETELY CLEARED FOR URBAN DEVELOPMENT

RONDÔNIA EM IMAGENS: KIM-IR-SEN

FOTOS DE KIM-IR-SEN
TEXTO DE MONTEZUMA CRUZ

RONDÔNIA IN PICTURES:
KIM-IR-SEN

PHOTOS OF KIM-IR-SEN
TEXT BY MONTEZUMA CRUZ



Patrocínio



Realização

**MINISTÉRIO DA
CULTURA**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rondônia em imagens: = Rondônia in pictures /
fotos de Kim-Ir-Sen ; texto de Montezuma
Cruz ; [coordenação Raíssa Dourado]; . --
Goiânia, GO : Ed. dos Autores, 2024.

Edição bilíngue: português/inglês.
ISBN 978-65-01-07197-8

1. Fotografias 2. Rondônia (RO) - Fotografias

3. Rondônia (RO) - História I. Kim-Ir-Sen. II. Cruz,
Montezuma. III. Dourado, Raíssa. IV. Título:
Rondônia in pictures.

24-213976

CDD-779.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografias 779.9

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Apresentação

Kim-Ir-Sen Pires Leal fotografou pessoas e lugares do antigo Território Federal de Rondônia. Viu e acompanhou o surgimento de algumas vilas e municípios, a colonização agrícola, e a reconfiguração geográfica-ambiental da região.

Nada significariam centenas e milhares de eslaides e negativos guardados em gavetas e armários, não fosse o interesse da empresa Energisa, que em bom momento viu no rico acervo de imagens analógicas a concepção deste livro publicado com apoio da Lei Federal de incentivo, também chamada de Lei Rouanet, através de renúncia fiscal.

Rondônia em Imagens é mais uma apoteose da fotografia amazônica. Nessa que é uma das mais importantes invenções da humanidade, Kim conduz o leitor à recordação dos acontecimentos que marcaram o período da colonização rondoniense.

E todos aqueles mais jovens aqui nascidos e que não testemunharam a maior saga migratória do País também encontrarão nestas páginas um bom motivo para saber como tudo aconteceu, em desafios e facilidades.

Sangue, suor e lágrimas construíram Rondônia.

O autor é grato à Energisa pela oportunidade de revelar o passado deste estado, notadamente, de seus povos originários. Os indígenas fazem deste trabalho um contribuinte vitorioso no ato de contar parte da história amazônica ocidental brasileira.

O estado perdeu grande parte de sua memória simplesmente devido ao desinteresse de seus governantes em adquirir em tempo hábil imagens em cores e em preto e branco que outros célebres autores lhe ofertaram, em vão.

Nascida do antigo Território Federal do Guaporé – denominação que teve até 1956 – Rondônia teve terras pertencentes em grande parte ao vizinho Mato Grosso, e ao sudoeste do Amazonas.

Em imagens e texto bilingue, o livro revela a crianças, jovens e adultos a maneira como se deu a chamada colonização. Todos poderão aqui resgatar visualmente o final da década de 1970 e o início dos anos 1980 do século passado.

São eles também que agradecem a Kim Ir Sen Pires Leal e ao Grupo Energisa, a possibilidade de se encantar com o passado e exercer o pensamento crítico no lugar onde nasceram.

Rondônia em Imagens é a própria salvaguarda de bens culturais, que todos sabem, podem se deteriorar e se perder. Razão pela qual o projeto permite o acesso deste livro no formato digital, em website.

Montezuma Cruz

Presentation

Kim-Ir-Sen Pires Leal photographed people and places in the former Federal Territory of Rondônia. He saw and followed the emergence of some towns and municipalities, agricultural colonization and the geographical and environmental reconfiguration of the region.

Hundreds and thousands of slides and negatives stored in drawers and cupboards would mean nothing if it weren't for the interest of the Energisa company, which saw the rich collection of analog images as a good moment to conceive this book, published with the support of the Federal Incentive Law, also known as the Rouanet Law, through a tax waiver.

Rondônia em Imagens is yet another apotheosis of Amazonian photography. In what is one of humanity's most important inventions, Kim takes the reader back to the events that marked the period of colonization in Rondonia.

And all those younger people born here who didn't witness the country's greatest migratory saga will also find in these pages a good reason to know how it all happened, in terms of challenges and facilities.

Blood, sweat and tears built Rondônia.

The author is grateful to Energisa for the opportunity to reveal the past of this state, especially its indigenous peoples. The indigenous people make this work a victorious contributor in the act of telling part of Brazil's western Amazonian history.

The state has lost a large part of its memory simply due to the lack of interest on the part of its rulers in acquiring color and black and white images in a timely manner, which other famous authors have offered in vain.

Born out of the former Federal Territory of Guaporé - the name it had until 1956 - Rondônia had lands that largely belonged to neighboring Mato Grosso and the southwest of Amazonas.

In images and bilingual text, the book reveals to children, young people and adults how the so-called colonization took place. Everyone will be able to visually recall the late 1970s and early 1980s.

They are also grateful to Kim Ir Sen Pires Leal and the Energisa Group for giving them the chance to marvel at the past and exercise critical thinking in the place where they were born.

Rondônia in Images is the very safeguarding of cultural assets, which everyone knows can deteriorate and be lost. That's why the project allows access to this book in digital format, on the website.

Montezuma Cruz



REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA EM 1985, AO LADO DO RIO
GUAPORÉ, ATUAL MUNICÍPIO DE COSTA MARQUES; DO OUTRO LADO,
A BOLÍVIA

REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA IN 1985, NEXT TO THE GUAPORÉ RIVER, IN
WHAT IS NOW THE MUNICIPALITY OF COSTA MARQUES; ON THE OTHER SIDE,
BOLIVIA



RUÍNAS DO REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA EM 1978

RUINS OF THE REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA IN 1978



AO ENTARDECER DE UM DIA DE 1978, O BARCO SINGRA AS ÁGUAS DO RIO MADEIRA PRÓXIMO AO SALTO DE SANTO ANTÔNIO; NESSA CURVA DE RIO SE ENCONTRA ATUALMENTE A USINA HIDRELÉTRICA SANTO ANTÔNIO

IN THE EVENING OF A DAY IN 1978, THE BOAT SAILS THE WATERS OF THE MADEIRA RIVER NEAR THE SANTO ANTÔNIO FALLS; AT THIS RIVER BEND IS NOW LOCATED THE SANTO ANTÔNIO HYDROELECTRIC POWER PLANT



O MAJESTOSO IPÊ-AMARELO FLORESCE EM DIA AZULADO NA FLORESTA TROPICAL RONDONIENSE

THE MAJESTIC YELLOW IPÊ BLOOMS ON A BLUE DAY IN THE RONDÔNIA RAINFOREST

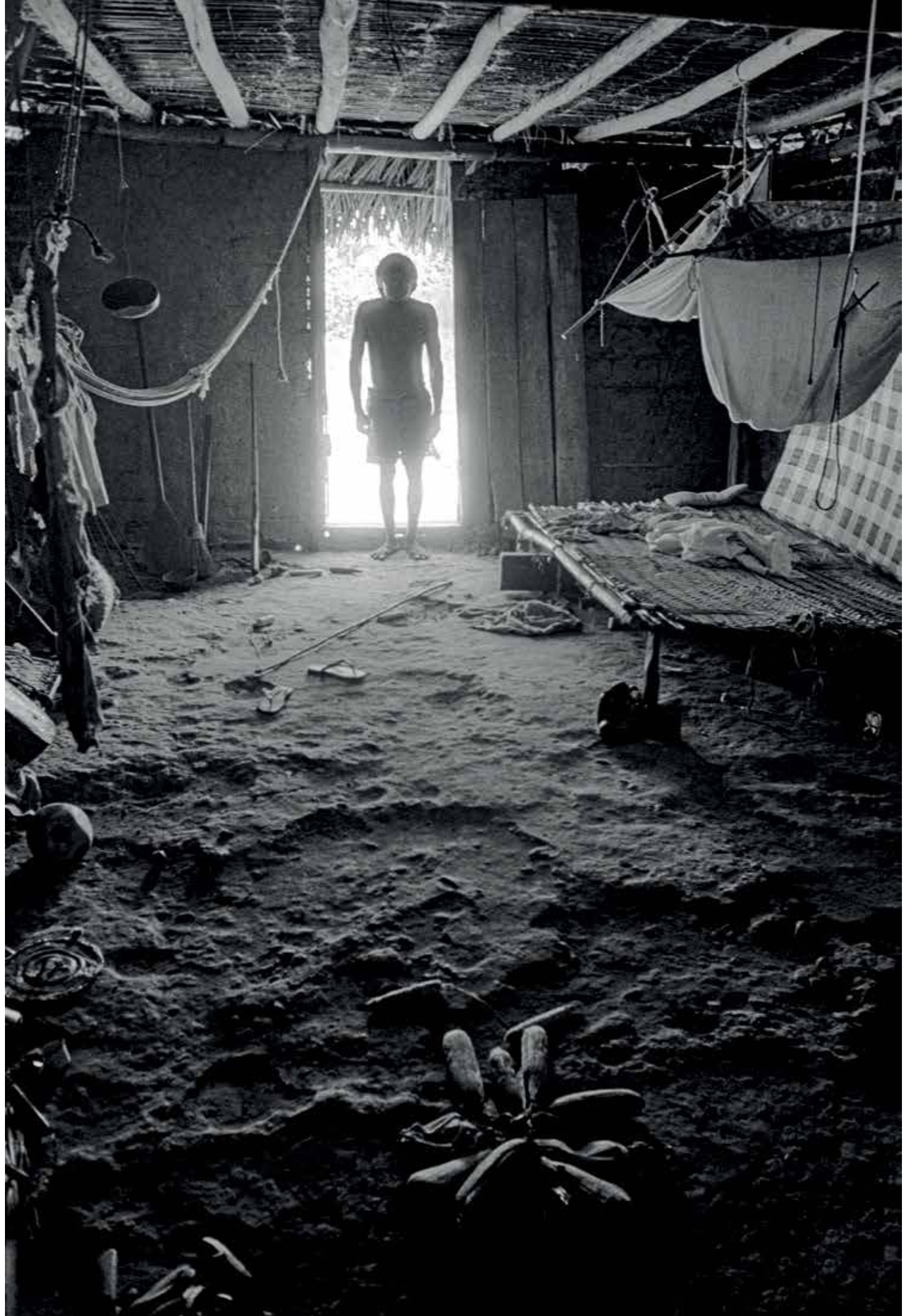


JÍ-PARANÁ, 1986, NO IGARAPÉ LOURDES: VISTO DO ALTO, O VERDE SE DESTACAVA NA TERRA DOS POVOS ORIGINÁRIOS ARARA (KARO)

JÍ-PARANÁ, 1986, AT IGARAPÉ LOURDES: SEEN FROM ABOVE, THE GREEN STOOD OUT IN THE LAND OF THE ORIGINAL ARARA PEOPLES (KARO)

UM FACHO DE LUZ
ENVOLVE ÍNDIO
ARUÁ [DA FAMÍLIA
LINGUÍSTICA TUPI-
MONDÉ] NA ENTRADA
DE SUA MALOCA; AO
LADO, A CAMA RÚSTICA
TEM NO ALTO UM
MOSQUITEIRO

A BEAM OF LIGHT
SURROUNDS THE ARUÁ
INDIAN [FROM THE TUPI-
MONDÉ LINGUISTIC
FAMILY] AT THE ENTRANCE
OF HIS MALOCA; BESIDE
HIM, THE RUSTIC BED
HAS A MOSQUITO NET
HANGING ABOVE





TERRA INDÍGENA SAGARANA, CONFLUÊNCIA DOS RIOS GUAPORÉ E MAMORÉ, 1978: A INDÍGENA WARI' DA FAMÍLIA TXAPAKURA AGUARDA A COMIDA FICAR PRONTA

INDIGENOUS LAND SAGARANA, CONFLUENCE OF THE GUAPORÉ AND MAMORÉ RIVERS, 1978: WARI' AN INDIGENOUS WOMAN FROM THE TXAPAKURA FAMILY, WAITS FOR THE FOOD TO BE READY



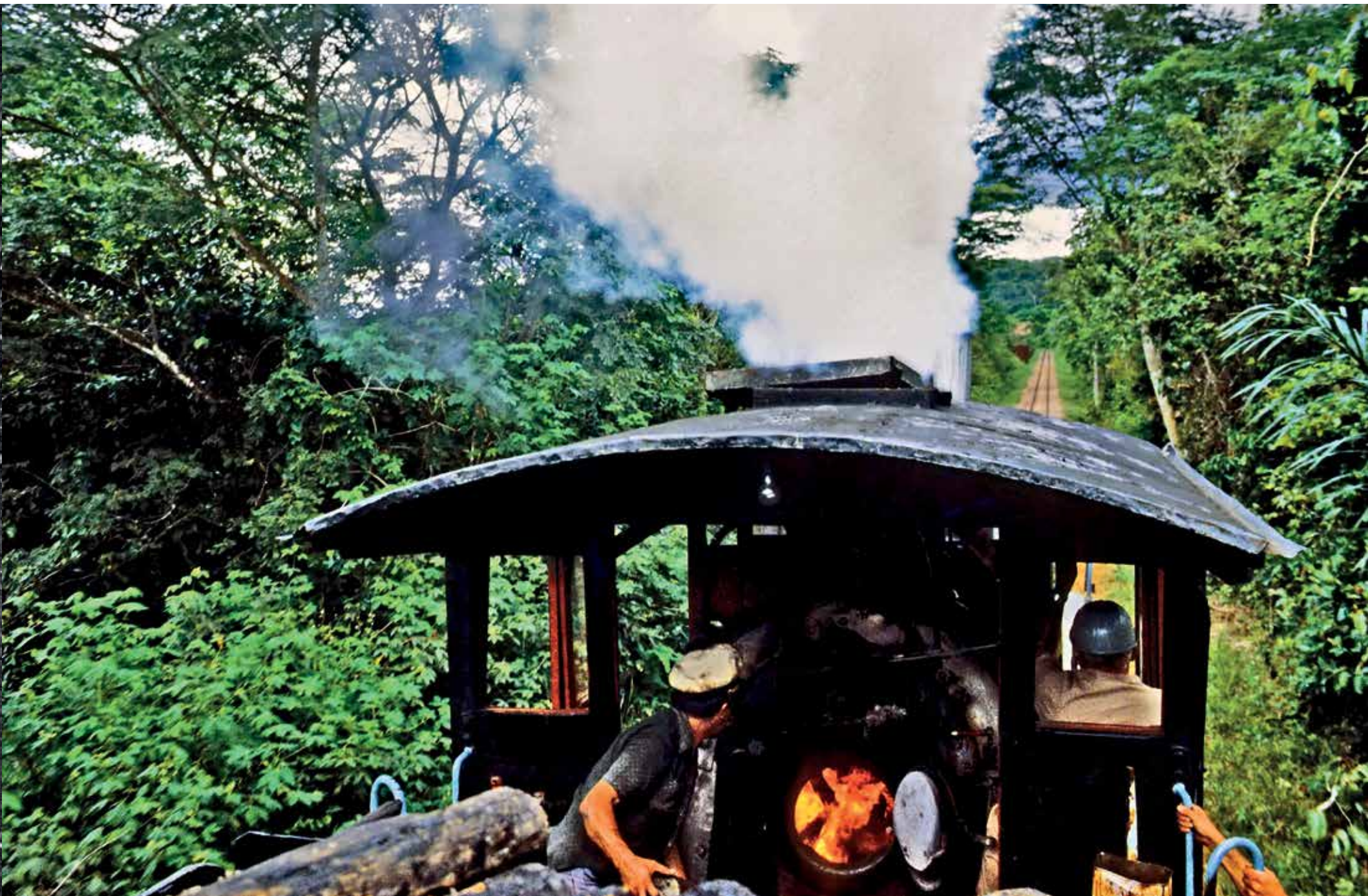
OLHOS CASTANHOS BRILHANTES E CERTEIROS DA CRIANÇA PAKAÁ NOVA (WARI') SURPREENDEM O FOTÓGRAFO. FOI EM 1978, NO POSTO INDÍGENA RICARDO FRANCO, RIO GUAPORÉ

THE BRIGHT BROWN EYES OF THE CHILD PAKAÁ NOVA (WARI') SURPRISE THE PHOTOGRAPHER. IT WAS 1978, AT THE RICARDO FRANCO INDIGENOUS POST ON THE GUAPORÉ RIVER



MULHER PAKAÁ-NOVA TRITURA O MILHO NA PEDRA PARA FAZER PAMONHA. NO POSTO INDÍGENA IGARAPÉ LAJE, EM 1978

PAKAÁ-NOVA WOMAN GRINDS CORN ON A STONE TO MAKE CORNBREAD. AT THE IGARAPÉ LAJE INDIGENOUS POST, IN 1978



RECUPERADA PARA FINS TURÍSTICOS EM 1983, A LOCOMOTIVA MARIA-FUMAÇA DA ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ FEZ DURANTE ALGUM TEMPO O TRECHO ENTRE AS ESTAÇÕES DE PORTO VELHO E SANTO ANTÔNIO

RECOVERED FOR TOURIST PURPOSES IN 1983, THE SMOKE ENGINE OF THE MADEIRA-MAMORÉ RAILROAD RAN FOR SOME TIME BETWEEN THE STATIONS OF PORTO VELHO AND SANTO ANTÔNIO



HABITAÇÃO TÍPICA NA BEIRA DO RIO GUAPORÉ, ENTRE COSTA MARQUES E O REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA. A CHEIA ESTÁ PRÓXIMA E CHEGARÁ À PORTA DA PALAFITA

TYPICAL RIVERSIDE HOUSING ON THE GUAPORÉ RIVER, BETWEEN COSTA MARQUES AND REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA. THE FLOOD IS COMING AND WILL REACH THE STILT HOUSE'S DOOR



CRIANÇAS BOLIVIANAS ATRAVESSAM O RIO GUAPORÉ PARA ESTUDAR NUMA ESCOLINHA DE COSTA MARQUES, EM RONDÔNIA. FINAL DOS ANOS 1970

BOLIVIAN CHILDREN CROSS THE GUAPORÉ RIVER TO ATTEND A SMALL SCHOOL IN COSTA MARQUES, RONDÔNIA. LATE 1970S



PORTO VELHO, 1978: CASA COBERTA DE PALHA, NO SALTO DO TEOTÔNIO; MAIS TARDE, AS ÁGUAS DA HIDRELÉTRICA SANTO ANTÔNIO COBRIRAM TUDO

PORTO VELHO, 1978: A THATCHED-ROOF HOUSE STOOD AT THE SALTO DO TEOTÔNIO; YEARS LATER, THE WATERS OF THE SANTO ANTÔNIO HYDROELECTRIC DAM SUBMERGED IT ALL



NA JANELA SE VÊ O MOSQUITEIRO; À DIREITA, O VASO DE FLORES DÁ SINGELEZA À CASA DE PAXIÚBA EM COSTA MARQUES

IN THE WINDOW, YOU CAN SEE THE MOSQUITO NET; TO THE RIGHT, THE FLOWERPOT ADDS SIMPLICITY TO THE PAXIUBA HOUSE IN COSTA MARQUES



NO DISTRITO DE JACI-PARANÁ, A TRADICIONAL REDE, QUE É A CAMA DE MUITOS AMAZÔNICOS; NA OUTRA CASA, A MÃE CUIDA DA FILHA NO COLO. POR ALI PASSAVA O TREM DA E.F. MADEIRA-MAMORÉ

IN THE JACI-PARANÁ DISTRICT, THE TRADITIONAL HAMMOCK, THE BED OF MANY AMAZONIANS, SWINGS GENTLY. IN THE OTHER HOUSE, A MOTHER CRADLES HER DAUGHTER. THE E.F. MADEIRA-MAMORÉ TRAIN ONCE PASSED THROUGH THIS VERY PLACE



PESSOAS CAMINHAM PELA RUA GENEROSO PONCE NO DISTRITO DE JACI-PARANÁ; À DIREITA, A ESTAÇÃO DA ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ

PEOPLE WALK DOWN RUA GENEROSO PONCE IN THE JACI-PARANÁ DISTRICT; ON THE RIGHT, THE MADEIRA-MAMORÉ RAILWAY STATION STANDS



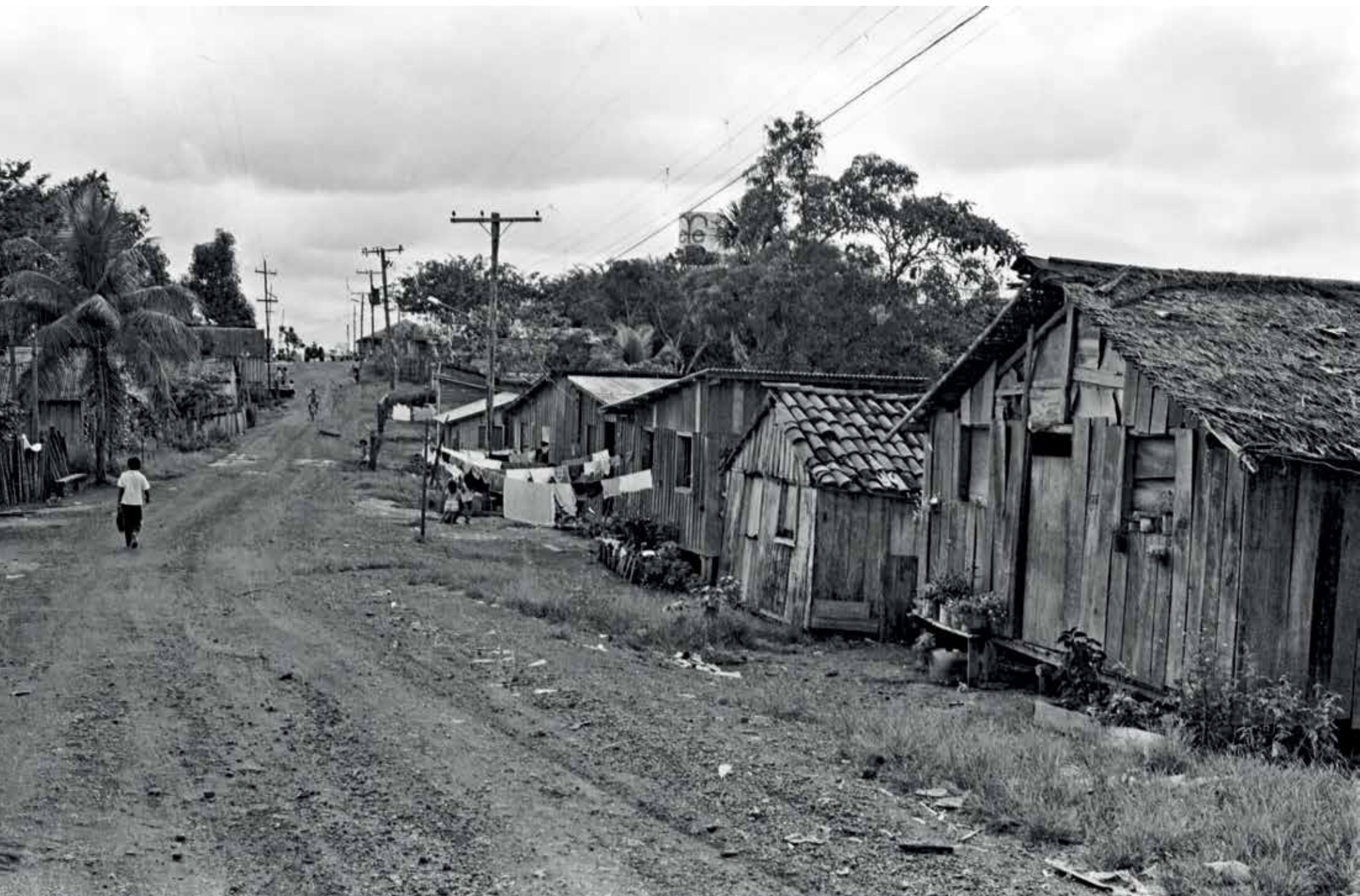
COSTA MARQUES, 1978: ERAM ASSIM, BEM SIMPLES, AS CASAS DOS MORADORES NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

COSTA MARQUES, 1978: THE HOUSES OF THE RESIDENTS ON THE BRAZIL-BOLIVIA BORDER WERE LIKE THIS, VERY SIMPLE



SEPARADOS POR UMA BONECA, IRMÃOZINHOS DESFRUTAM DA SALA RÚSTICA DE PAXIÚBA NA VILA ABUNÃ, PERTO DOS TRILHOS DA MADEIRA-MAMORÉ

SEPARATED BY A DOLL, LITTLE BROTHERS ENJOY THE RUSTIC PAXIUBA ROOM IN VILA ABUNÃ, NEAR THE MADEIRA-MAMORÉ RAILWAY TRACKS



UMA RUA DO BAIRRO TRIÂNGULO NO FINAL DOS ANOS 1970, EM
PORTO VELHO

A STREET IN THE TRIÂNGULO NEIGHBORHOOD IN THE LATE 1970S, IN PORTO
VELHO



TRIÂNGULO, O MAIS ANTIGO BAIRRO DE PORTO VELHO, EM 1983:
CASA DE FAMÍLIA BARBADIANA EXPÕE A INFLUÊNCIA CARIBENHA NA
CIDADE

TRIÂNGULO, THE OLDEST NEIGHBORHOOD IN PORTO VELHO, IN 1983: A
BARBADIAN FAMILY HOME EXHIBITS CARIBBEAN INFLUENCE IN THE CITY



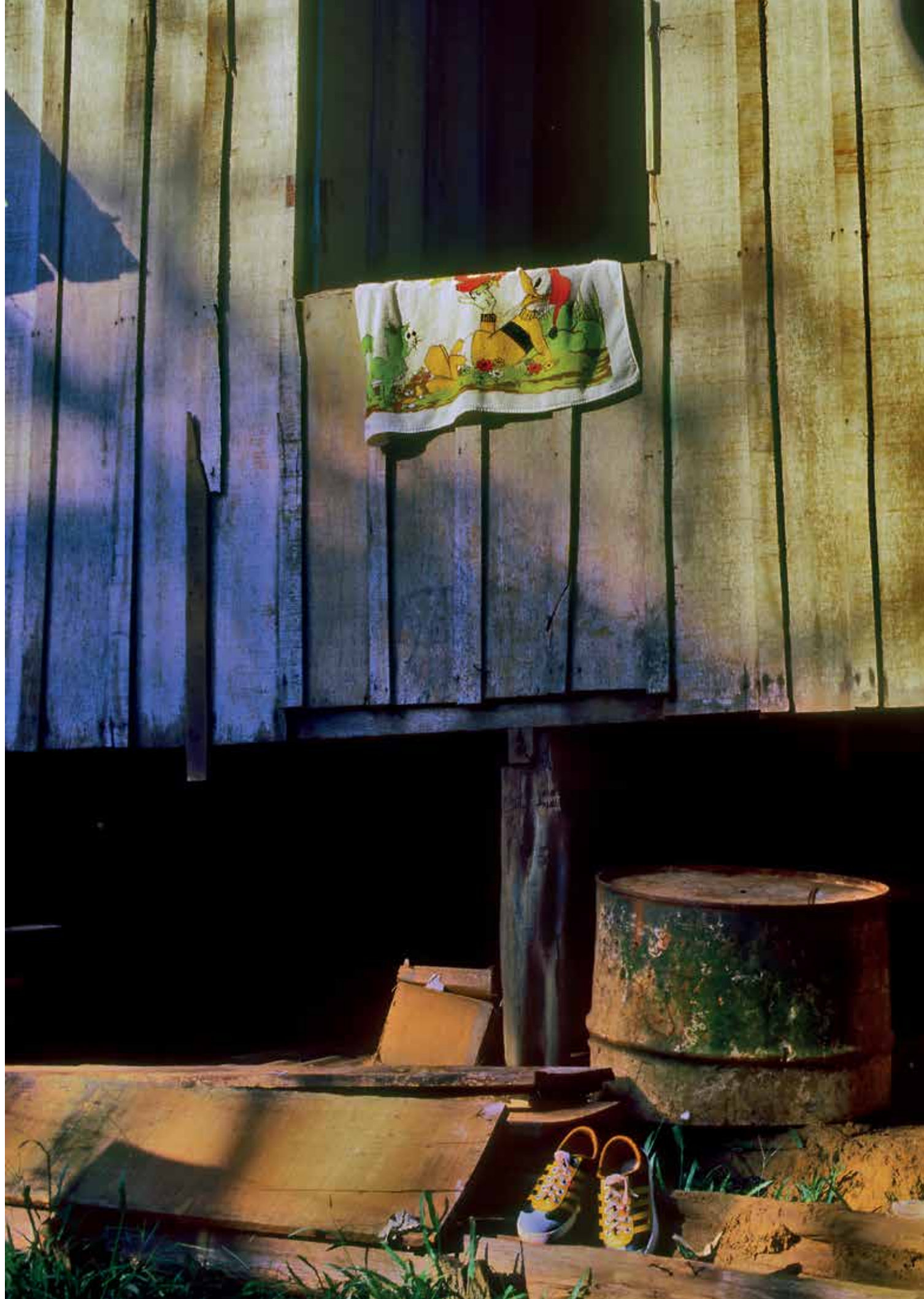
AÇOUGUE DE MADEIRA EXIBE PINTURAS QUE LEMBRAM ÀS DE GUERNICA, DE PICASSO; ADMIRÁVEL ASPECTO CULTURAL DO BAIRRO TRIÂNGULO

A WOODEN BUTCHER SHOP DISPLAYS PAINTINGS REMINISCENT OF PICASSO'S GUERNICA; AN ADMIRABLE CULTURAL ASPECT OF THE TRIÂNGULO NEIGHBORHOOD



EM 1983, A CHEIA DO RIO MADEIRA INVADIU QUINTAIS E CASAS NO BAIRRO DO TRIÂNGULO; 31 ANOS DEPOIS, EM 2014, O FENÔMENO SE REPETIU

IN 1983, THE MADEIRA RIVER FLOOD INVADED YARDS AND HOUSES IN THE TRIÂNGULO NEIGHBORHOOD; 31 YEARS LATER, IN 2014, THE PHENOMENON REPEATED ITSELF



TRIÂNGULO,
PORTO VELHO,
1978 – O PANO
DE COZINHA
PENDURADO
NA JANELA
DA PALAFITA
CONSTRUÍDA
COM TRONCO DE
AQUARIQUARA
FAZIA PARTE DO
COTIDIANO

TRIÂNGULO, PORTO
VELHO, 1978 – THE
KITCHEN CLOTH
HANGING IN THE
WINDOW OF THE
STILT HOUSE BUILT
WITH AQUARIQUARA
TRUNK WAS PART OF
EVERYDAY LIFE



DA JANELA DE SUA CASA, BARBADIANA CONTEMPLA O QUINTAL, NO TRIÂNGULO, EM 1978; BARBADIANOS VIERAM DO CARIBE PARA PORTO VELHO NO SÉCULO PASSADO, PARA CONSTRUIR A LENDÁRIA MADEIRA-MAMORÉ

FROM THE WINDOW OF HER HOUSE, A BARBADIAN CONTEMPLATES THE BACKYARD, IN THE TRIÂNGULO NEIGHBORHOOD, IN 1978; BARBADIANS CAME FROM THE CARIBBEAN TO PORTO VELHO IN THE LAST CENTURY, TO BUILD THE LEGENDARY MADEIRA-MAMORÉ RAILROAD



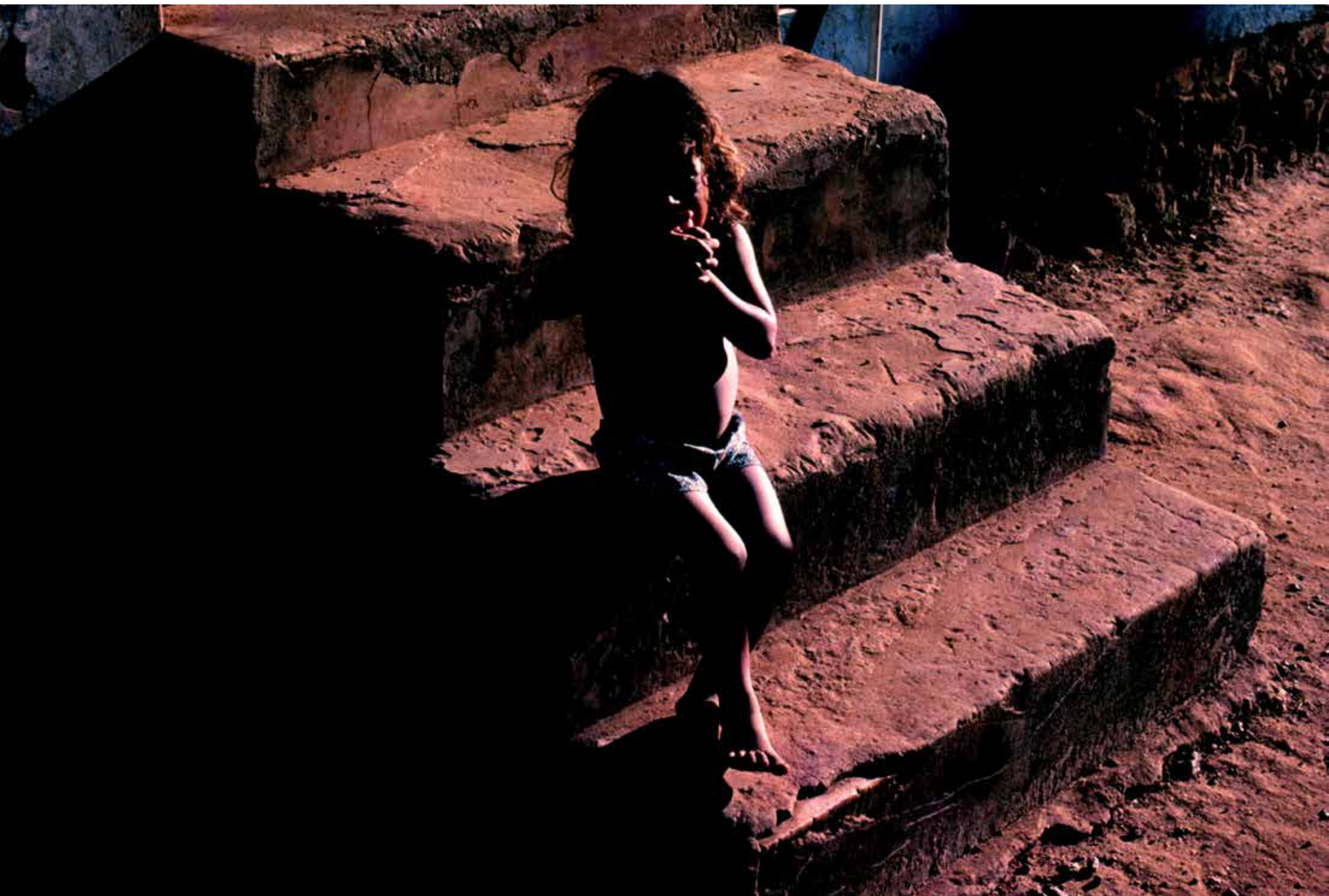
BAIRRO TRIÂNGULO, PORTO VELHO, 1978: NO ALTO, O MOSQUITEIRO ENROLADO, NAS PAREDES QUADROS À MODA ANTIGA, ABAIXO O ARMÁRIO E A GELADEIRA DA FAMÍLIA

TRIÂNGULO NEIGHBORHOOD, PORTO VELHO, 1978: A ROLLED-UP MOSQUITO NET AT THE TOP, OLD-FASHIONED PAINTINGS ON THE WALLS, AND A FAMILY'S DRESSER AND REFRIGERATOR BELOW



PAREDE E RETRATO DE 1978 NÃO EXISTEM MAIS: COM A DERRUBADA DAS CASAS ORIGINAIS NO TRIÂNGULO, PORTO VELHO PERDIA AQUELE QUE FOI CONSIDERADO “UM PEDAÇO DO CARIBE”

THE WALL AND PORTRAIT FROM 1978 NO LONGER EXIST: WITH THE DEMOLITION OF THE ORIGINAL HOUSES IN TRIÂNGULO, PORTO VELHO LOST WHAT WAS CONSIDERED “A PIECE OF THE CARIBBEAN”



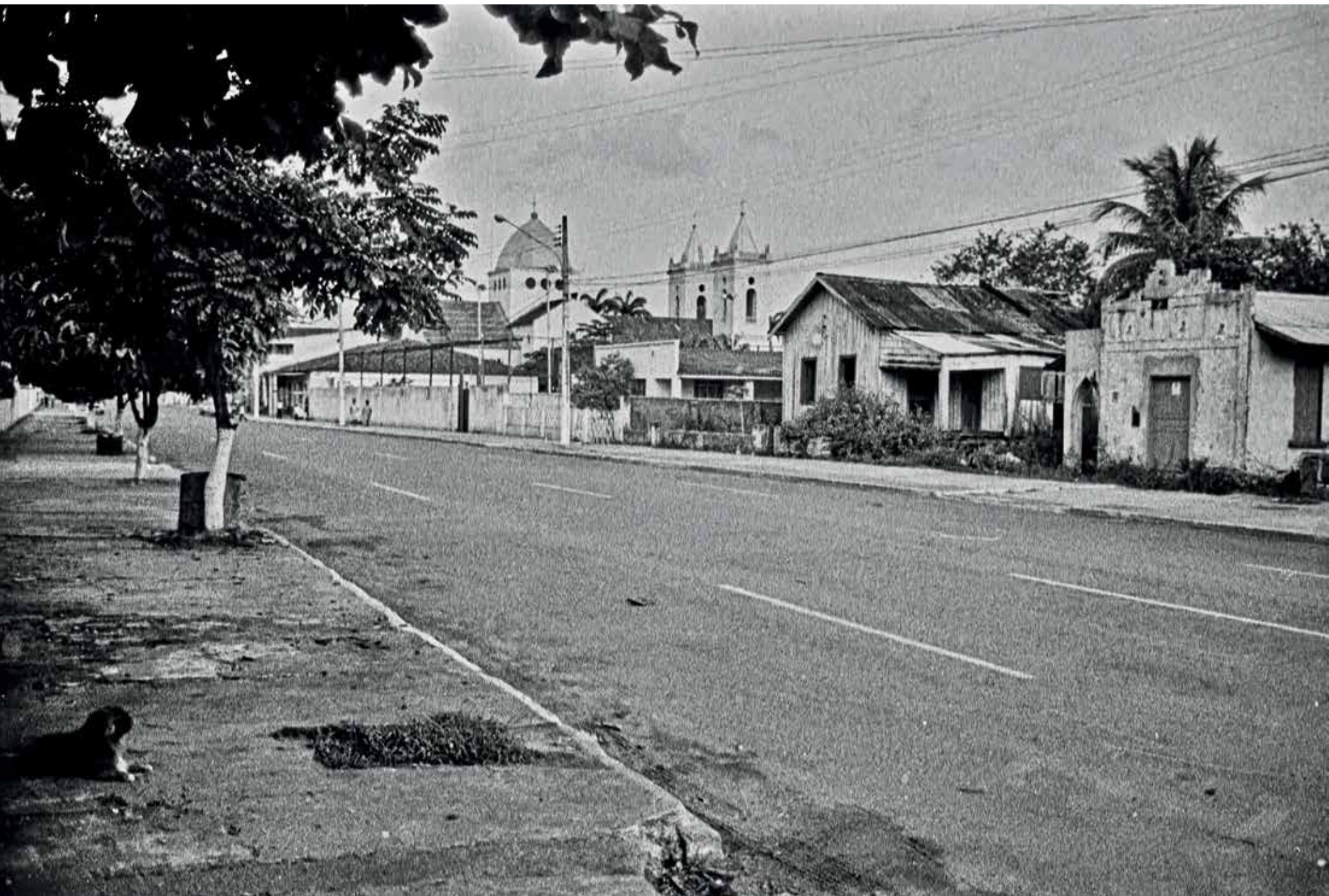
RUA PRUDENTE DE MORAES, CENTRO ANTIGO DE PORTO VELHO:
MENINA SENTADA NOS DEGRAUS DA ESCADA DE TIJOLOS

PRUDENTE DE MORAES STREET, OLD DOWNTOWN PORTO VELHO: A GIRL
SITTING ON THE STEPS OF THE BRICK STAIRCASE



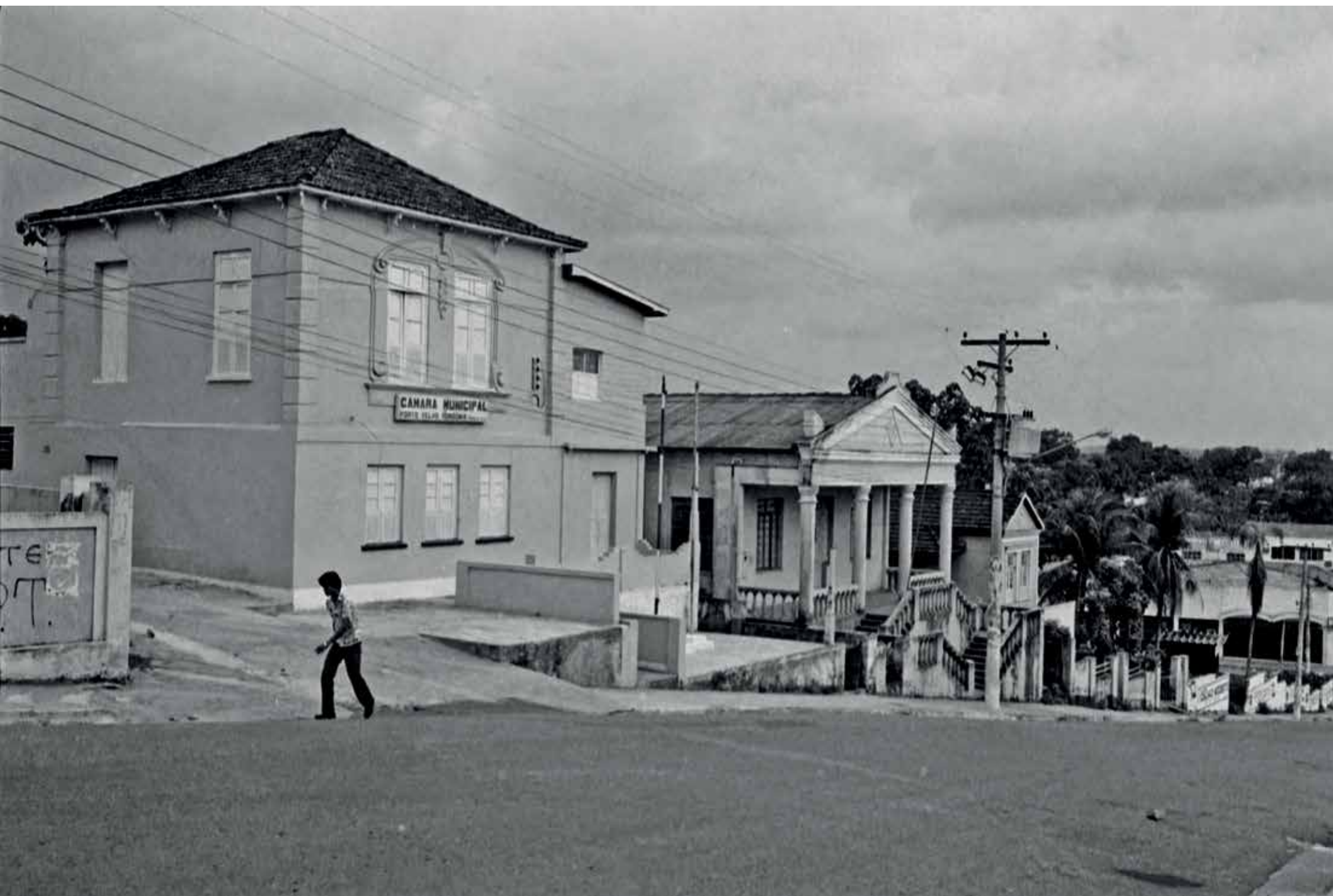
O FUTEBOL DE RUA ERA UM COSTUME DIÁRIO EM 1978 ENTRE OS MENINOS DO BAIRRO ARIGOLÂNDIA, NA CAPITAL DE RONDÔNIA

STREET SOCCER WAS A DAILY ROUTINE IN 1978 AMONG THE BOYS FROM THE ARIGOLÂNDIA NEIGHBORHOOD IN THE CAPITAL OF RONDÔNIA



O ANO É 1982: DA RUA CARLOS GOMES AVISTA-SE A CATEDRAL DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, NO CENTRO ANTIGO DE PORTO VELHO

THE YEAR IS 1982: FROM CARLOS GOMES STREET, YOU CAN SEE THE CATHEDRAL OF THE SACRED HEART OF JESUS IN THE HISTORIC CENTER OF PORTO VELHO



PRIMEIRA SEDE DA CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO VELHO
(SUPERINTENDÊNCIA MUNICIPAL NO SÉCULO PASSADO), VISTA EM
1982; O PRÉDIO RUIU, MAS DEPOIS FOI RECONSTRUÍDO

FIRST HEADQUARTERS OF THE PORTO VELHO CITY COUNCIL (MUNICIPAL
SUPERINTENDENCY IN THE LAST CENTURY), SEEN IN 1982; THE BUILDING
COLLAPSED, BUT WAS LATER REBUILT



OLHOS CASTANHOS, CABELOS DESPENTEADOS, ESSA MENINA MORAVA
NUM CASEBRE DE MADEIRA NA VELHA ARIQUEMES, NUMA DAS
MARGENS DA BR-364

BROWN EYES, DISHEVELED HAIR, THIS GIRL LIVED IN A WOODEN COTTAGE
IN OLD ARIQUEMES, ON ONE SIDE OF BR-364



BARBADIANOS SE CASARAM EM PORTO VELHO DURANTE A CONSTRUÇÃO DA MADEIRA-MAMORÉ E SUAS FILHAS NASCERAM COM LINDA PELE MORENA TROPICAL, A EXEMPLO DESTA, EM 1978

BAJANS GOT MARRIED IN PORTO VELHO DURING THE CONSTRUCTION OF THE MADEIRA-MAMORÉ, AND THEIR DAUGHTERS WERE BORN WITH BEAUTIFUL TROPICAL BROWN SKIN, LIKE THIS ONE IN 1978



CASA DA FAMÍLIA RESKY RESISTE ATÉ HOJE ÀS MARCAS DO TEMPO; É UM DOS RAROS ANTIGOS CARTÕES POSTAIS VIVOS DE PORTO VELHO

THE RESKY FAMILY HOUSE STILL WITHSTANDS THE MARKS OF TIME TODAY; IT IS ONE OF THE RARE SURVIVING VINTAGE POSTCARDS OF PORTO VELHO



COM A VASTA CABELEIRA BRANCA, O FOLCLÓRICO CARNAVALESCO VALDEMAR DE HOLANDA PINTO, O VALDEMAR CACHORRO, COMPARECE AO ENCONTRO DIÁRIO COM AMIGOS NO PORTO CAI N'ÁGUA

WITH HIS VAST WHITE MANE, THE FOLK CARNIVAL CHARACTER VALDEMAR DE HOLANDA PINTO, ALSO KNOWN AS VALDEMAR CACHORRO, ATTENDS THE DAILY GATHERING WITH FRIENDS AT THE CAI N'ÁGUA PORT



PORTO VELHO, 1979: DUAS CRIANÇAS BRINCAM NO ASSOALHO AO LADO DO ESGOTO A CÉU ABERTO, NA RUA PRUDENTE DE MORAIS

PORTO VELHO, 1979: TWO CHILDREN PLAY ON THE FLOOR NEXT TO THE OPEN SEWER ON PRUDENTE DE MORAIS STREET



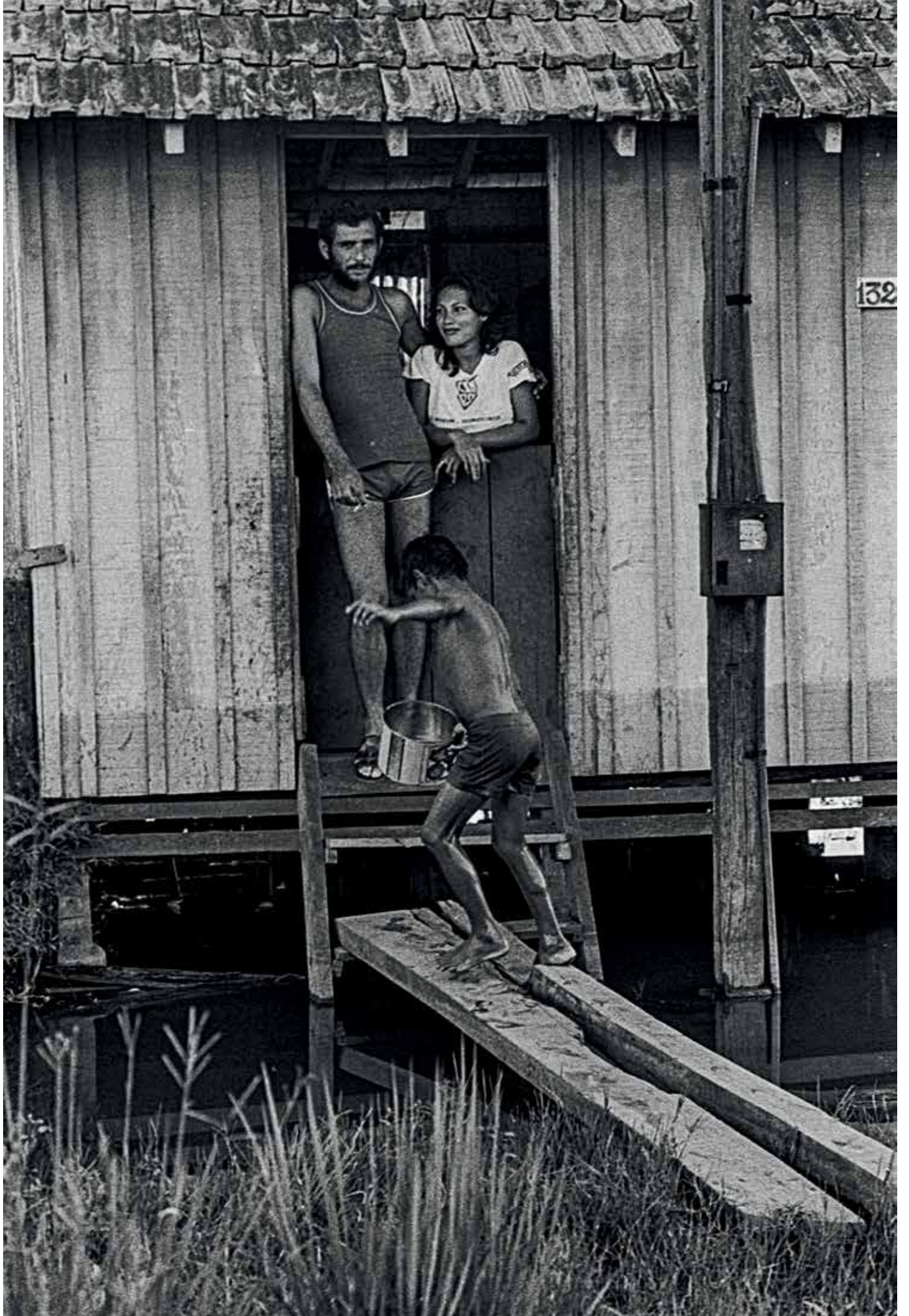
FINAL DOS ANOS 1970: CRIANÇAS BRINCAM NO ESGOTO A CÉU ABERTO EM PORTO VELHO; ATÉ HOJE, O SANEAMENTO BÁSICO É INFERIOR A 10%

LATE 1970S: CHILDREN PLAY IN OPEN SEWERS IN PORTO VELHO; TO THIS DAY, BASIC SANITATION IS LESS THAN 10%



ASPECTO ANTIGO DA ÁREA CONHECIDA POR CAI N'ÁGUA: EM 1978 MENINOS BRINCAM PERTO DA PASSARELA NUM DOS PONTOS DE EMBARQUE E DESEMBARQUE NA MARGEM DO RIO MADEIRA

AN OLD VIEW OF THE AREA KNOWN AS CAI N'ÁGUA: IN 1978 BOYS PLAY NEAR THE FOOTBRIDGE AT ONE OF THE EMBARKATION AND DISEMBARKATION POINTS ON THE BANK OF THE MADEIRA RIVER



SOB O OLHAR DO PAI, NA PORTA DESTA HUMILDE CASA NO BAIRRO DA Balsa, MENINO SAI COM A PANELA PARA BUSCAR ÁGUA NO RIO. NA CHEIA DE 1984, CUJA SITUAÇÃO SE REPETIU DÉCADAS DEPOIS

UNDER HIS FATHER'S GAZE, AT THE DOOR OF THIS HUMBLE HOUSE IN BAIRRO DA Balsa, A BOY GOES OUT WITH A POT TO FETCH WATER FROM THE RIVER. IN THE FLOOD OF 1984, THE SITUATION REPEATED ITSELF DECADES LATER



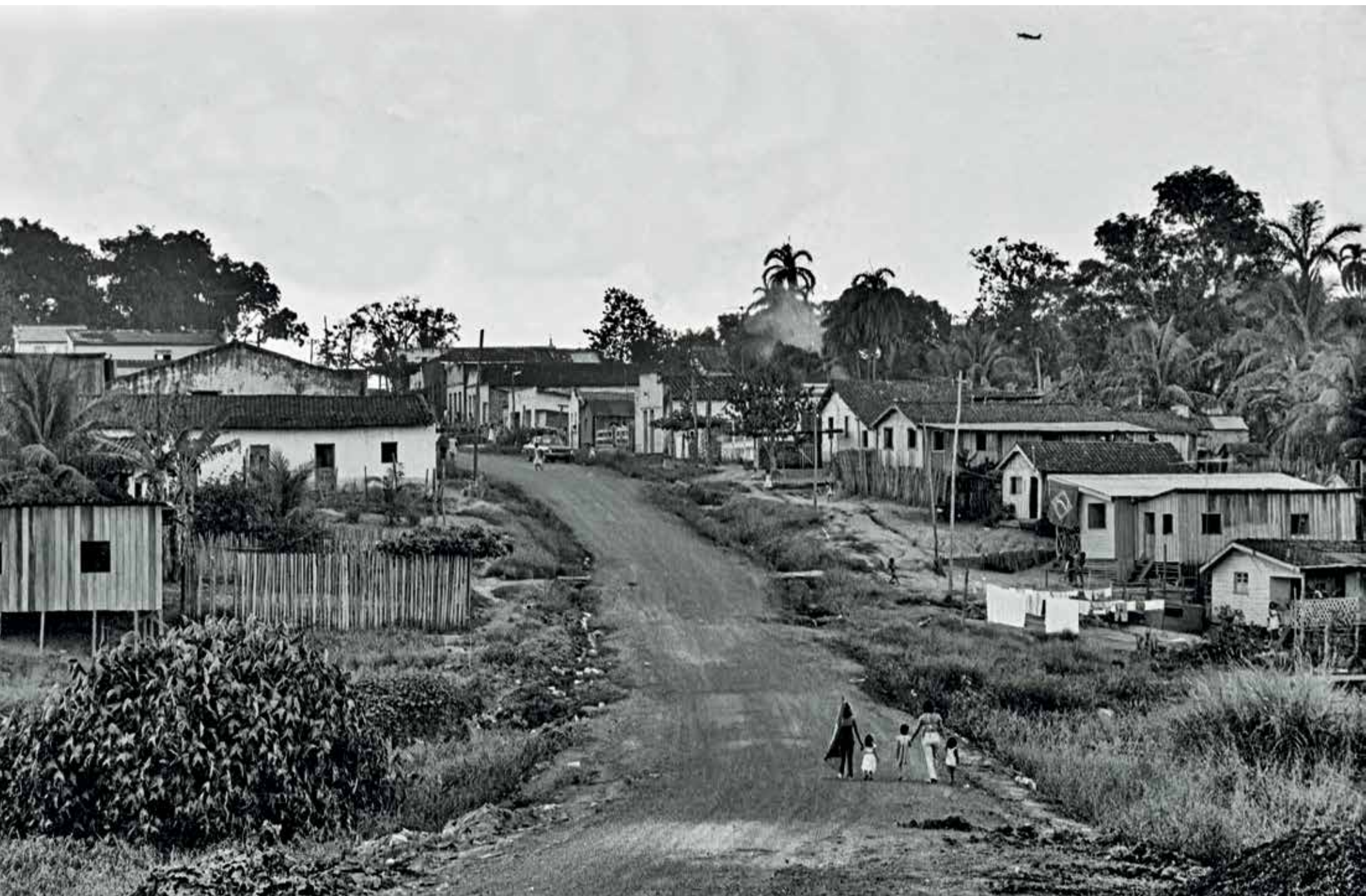
DA ESQUERDA PARA A DIREITA, CINE TEATRO BRASIL, CASA RESKY E LOJA TT DIAS: PRÉDIOS HOJE MODIFICADOS PELA AGRESSÃO VISUAL DO COMÉRCIO

FROM LEFT TO RIGHT, CINE TEATRO BRASIL, CASA RESKY AND TT DIAS STORE: BUILDINGS TODAY MODIFIED BY THE VISUAL AGGRESSION OF COMMERCE



AQUI FUNCIONOU O BAR CANTO DO ARARA, NA AVENIDA 7 DE SETEMBRO, PORTO VELHO, EM 1982

THIS IS WHERE THE ARARA BAR USED TO BE, ON 7 DE SETEMBRO AVENUE, PORTO VELHO, IN 1982



RUA CAPITÃO ESRON DE MENEZES, NO BAIRRO MOCAMBO ATRÁS DO CEMITÉRIO DOS INOCENTES; PORTO VELHO TINHA ENTÃO CEM MIL HABITANTES

CAPITÃO ESRON DE MENEZES STREET, LOCATED IN THE MOCAMBO NEIGHBORHOOD BEHIND THE CEMETERY OF THE INNOCENTS; AT THAT TIME, PORTO VELHO HAD A POPULATION OF ONE HUNDRED THOUSAND.



PAI E FILHA BUSCANDO ÁGUA POTÁVEL, NA PERIFERIA DE PORTO VELHO, EM 1978

A FATHER AND DAUGHTER SEARCHING FOR CLEAN WATER ON THE OUTSKIRTS OF PORTO VELHO IN 1978



CENTRO ANTIGO DE PORTO VELHO ABAIXO DA AVENIDA 7 DE SETEMBRO, QUE COMEÇA NA ESTAÇÃO CENTRAL DA ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ, NA BEIRA DO RIO MADEIRA, 1986

THE OLD DOWNTOWN OF PORTO VELHO LIES BELOW AVENIDA 7 DE SETEMBRO, WHICH BEGINS AT THE CENTRAL STATION OF THE MADEIRA-MAMORÉ RAILWAY, ON THE BANKS OF THE MADEIRA RIVER, 1986



EM 2007, DA MARGEM DIREITA DO RIO MADEIRA, ADIANTE DO BARCO ILUMINADO, SE VÊ AO LONGE O PORTO CAI N'ÁGUA

IN 2007, FROM THE RIGHT BANK OF THE MADEIRA RIVER, AHEAD OF THE ILLUMINATED BOAT, YOU CAN SEE PORTO CAI N'ÁGUA IN THE DISTANCE



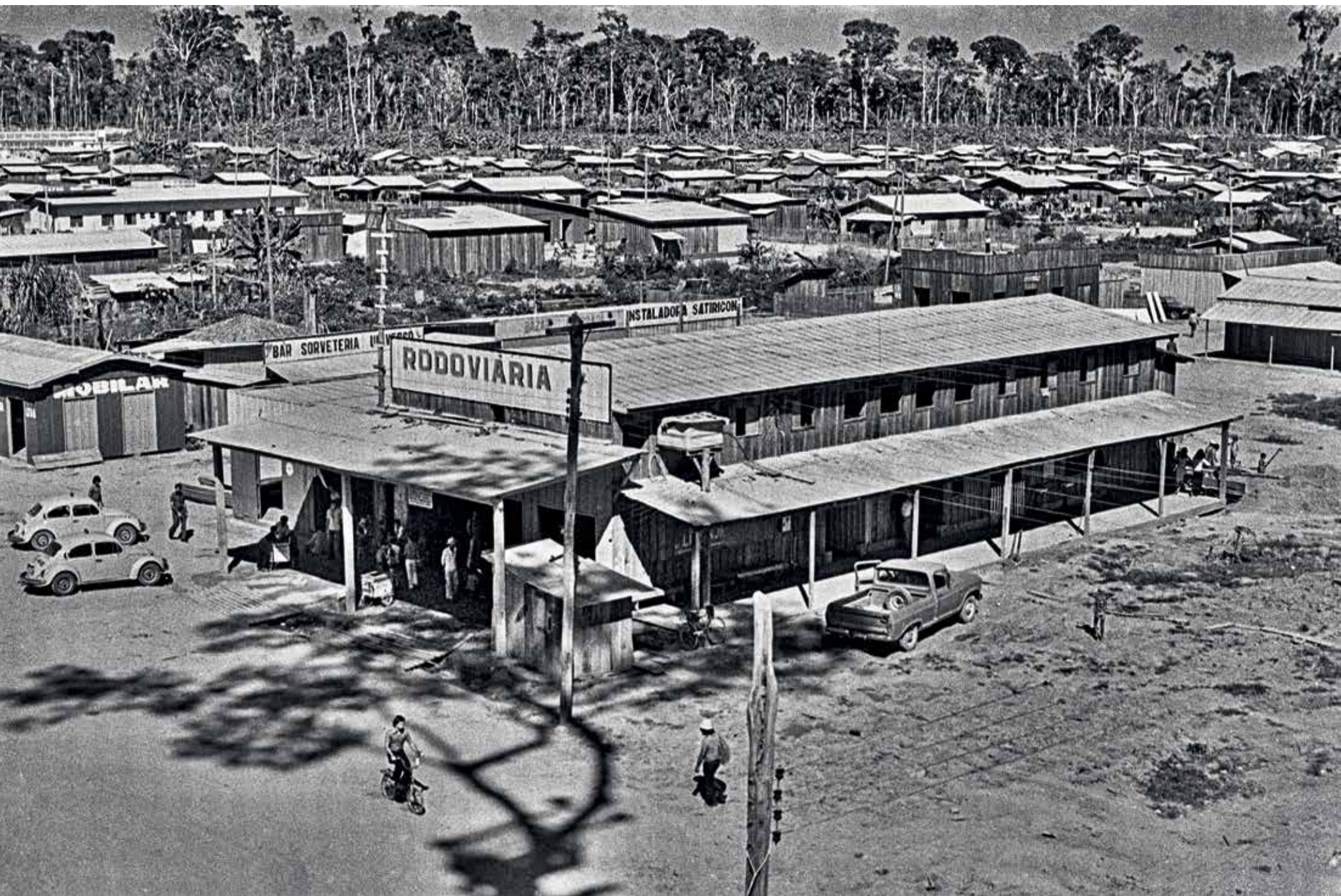
EM 1986, O ASSOREAMENTO CAUSADO PELA EXTRAÇÃO DE CASSITERITA (MINÉRIO DE ESTANHO) DEIXOU MARCAS NO SETOR SÃO SEBASTIÃO, DA MINERAÇÃO JACUNDÁ

IN 1986, THE SILTATION CAUSED BY THE EXTRACTION OF CASSITERITE (TIN ORE) LEFT MARKS ON THE SÃO SEBASTIÃO SECTOR OF THE JACUNDÁ MINING COMPANY



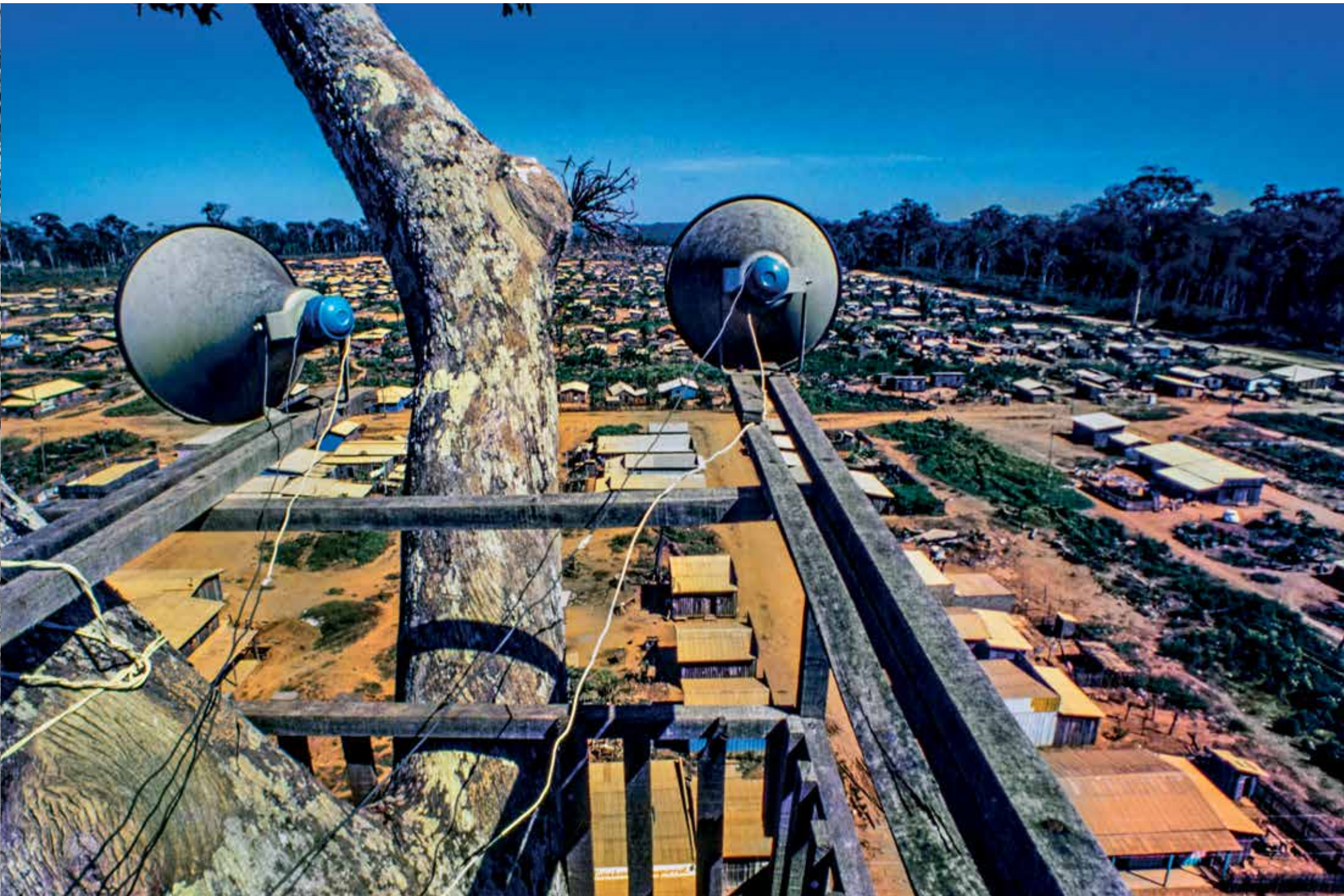
A BR-364 CORTA A VELHA ARIQUEMES. EM 1978, A VILA REPLETA DE CASEBRES DEU LUGAR À NOVA CIDADE PLANEJADA PELO ARQUITETO ANTÔNIO CARLOS CABRAL CARPINTERO, DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

THE BR-364 CUTS THROUGH THE OLD ARIQUEMES. IN 1978, THE VILLAGE FILLED WITH SHANTIES GAVE WAY TO THE NEW CITY PLANNED BY THE ARCHITECT ANTÔNIO CARLOS CABRAL CARPINTERO FROM THE UNIVERSITY OF BRASÍLIA



ARIQUEMES, COM URBANISMO BASEADO NO PROJETO DE BRASÍLIA,
VISTA DO ALTO DO PAU DO FUXICO, EM 1980

ARIQUEMES, WITH URBANISM BASED ON THE BRASÍLIA PROJECT, SEEN FROM
THE TOP OF PAU DO FUXICO, IN 1980



O PAU DO FUXICO ERA UMA CASTANHEIRA AO LADO DA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA DE ARIQUEMES; EM 1978, DUAS BOCAS DE ALTO-FALANTES TRANSMITIAM MÚSICA POPULAR E UTILIDADE PÚBLICA

THE "PAU DO FUXICO" WAS A CHESTNUT TREE LOCATED NEXT TO THE BUS STATION IN ARIQUEMES; IN 1978, TWO LOUDSPEAKERS BROADCASTED POPULAR MUSIC AND PUBLIC SERVICE ANNOUNCEMENTS



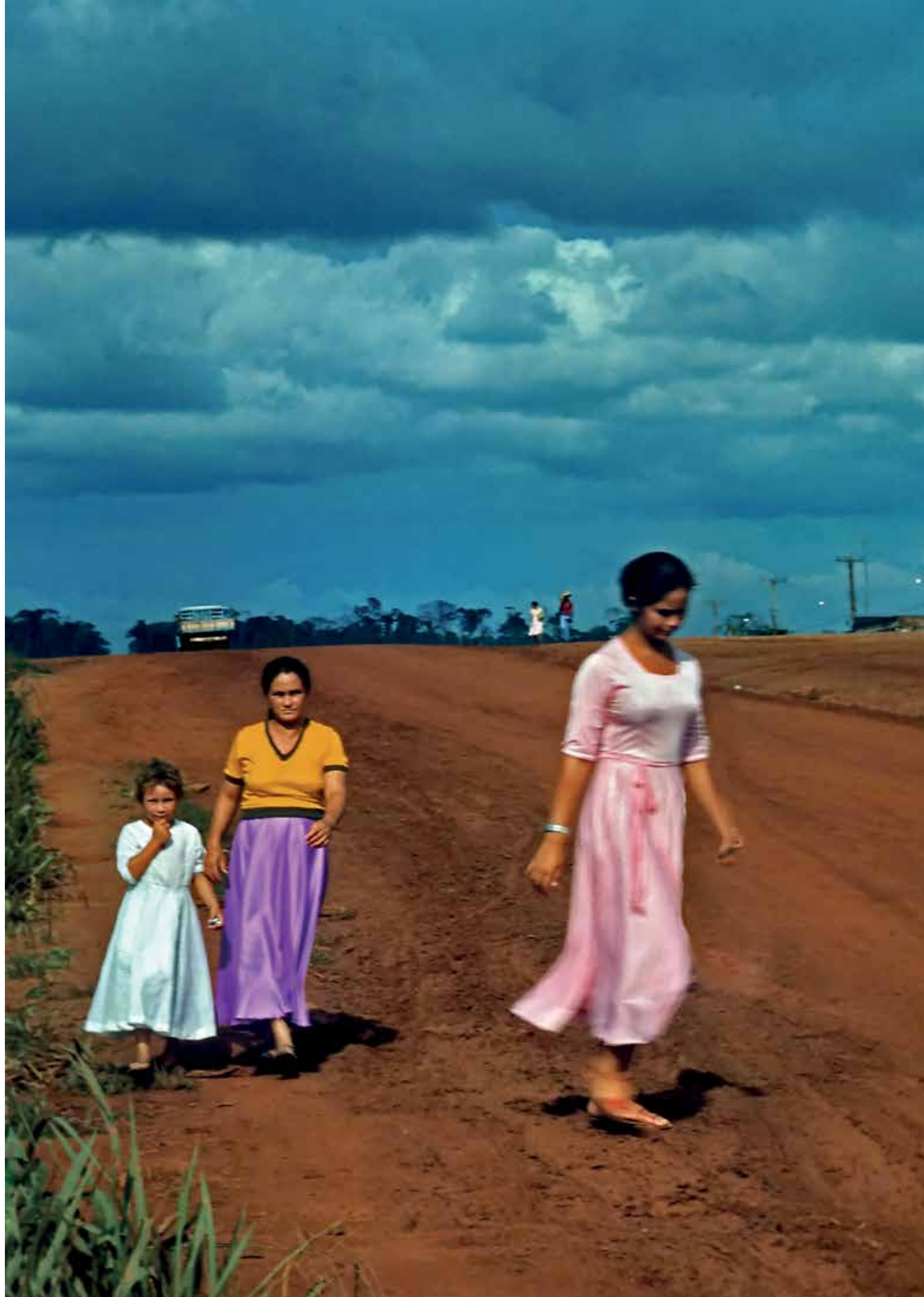
ARIQUEMES, 1978: EM FRENTE AO CINE SETE IRMÃOS COLONO LÊ OS APELOS DO CARTAZ DO FILME DE SEXO

ARIQUEMES, 1978: IN FRONT OF THE SEVEN BROTHERS CINEMA, A SETTLER READS THE APPEALS FROM THE SEX FILM POSTER



ARIQUEMES SERIA UMA PRÓSPERA CIDADE; ENQUANTO ESSA FASE NÃO CHEGAVA, O JOGO DE SINUCA FAZIA PARTE DO COTIDIANO EM 1978

ARIQUEMES WOULD BE A PROSPEROUS CITY; WHILE THAT PHASE DID NOT ARRIVE, BILLIARDS WAS PART OF EVERYDAY LIFE IN 1978



COM ROUPAS
LONGAS,
TRADICIONAIS
ENTRE ALGUMAS
MULHERES
EVANGÉLICAS,
MÃE E FILHAS
CAMINHAM PELA
RODOVIA

MOTHER AND
DAUGHTERS
WALK ALONG THE
HIGHWAY IN LONG,
TRADITIONAL
CLOTHING THAT IS
COMMON AMONG
SOME EVANGELICAL
WOMEN

MÃE E FILHOS LOIROS
CAMINHAM NA RUA
EM 1978; MAIORIA DOS
MIGRANTES VINHA DOS
ESTADOS DO ESPÍRITO
SANTO, MATO GROSSO,
MINAS GERAIS, E
PARANÁ

A MOTHER AND HER
BLONDE CHILDREN WALK
DOWN THE STREET IN 1978;
MOST OF THE MIGRANTS
CAME FROM THE STATES
OF ESPÍRITO SANTO, MATO
GROSSO, MINAS GERAIS,
AND PARANÁ





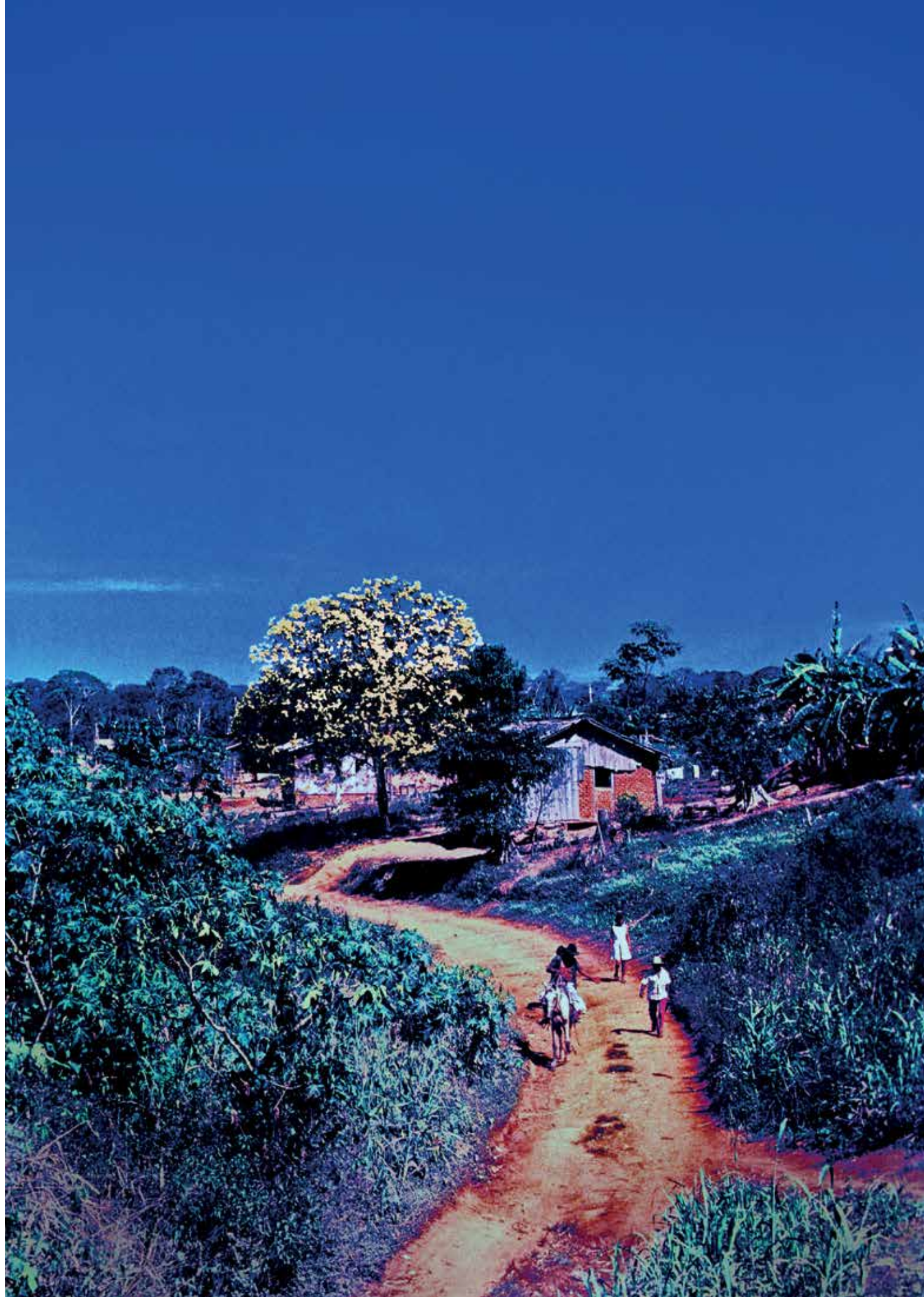
ALVORECER EM
THEOBROMA,
1986. FLORESTA
RALA, SEMI-
DESMATADA

DAWN IN
THEOBROMA,
1986. SPARSE
FOREST,
PARTIALLY
DEFORESTED



NA MARGEM DIREITA DO RIO JAMARI (AFLUENTE DO MADEIRA), NO INTERIOR DO MUNICÍPIO DE CANDEIAS DO JAMARI, O GOVERNO COMEÇOU A CONSTRUIR EM 1982 A USINA HIDRELÉTRICA SAMUEL, COM POTÊNCIA DE 216 MW AINDA NO PERÍODO TERRITORIAL; A OBRA FICOU PRONTA 14 ANOS DEPOIS

ON THE RIGHT BANK OF THE JAMARI RIVER (A TRIBUTARY OF THE MADEIRA), WITHIN THE MUNICIPALITY OF CANDEIAS DO JAMARI, THE GOVERNMENT BEGAN CONSTRUCTION OF THE SAMUEL HYDROELECTRIC PLANT IN 1982, WITH A CAPACITY OF 216 MW WHILE THE AREA WAS STILL UNDER TERRITORIAL JURISDICTION. THE PROJECT WAS COMPLETED 14 YEARS LATER



JARU, 1978 – O
IPÊ-AMARELO
ENFEITAVA O
QUINTAL DA CASA,
DE ONDE TAMBÉM
SE AVISTAVA
UM PEDAÇO
DA FLORESTA
E ALGUMAS
BANANEIRAS

JARU, 1978 – THE
YELLOW IPÊ TREE
DECORATED THE
BACKYARD OF THE
HOUSE, FROM WHERE
YOU COULD ALSO
SEE A PIECE OF THE
FOREST AND SOME
BANANA TREES



EM 1978, CASTANHEIRAS SE DESTACAVAM NA ZONA RURAL ENTRE JI-PARANÁ E JARU

IN 1978, CHESTNUT TREES STOOD OUT IN THE RURAL AREA BETWEEN JI-PARANÁ AND JARU



DUAS LINHAS VICINAIS SE CRUZAVAM EM NOVA COLINA: 78 E 82,
DANDO ORIGEM À RO-133

TWO VICINAL LINES INTERSECTED IN NOVA COLINA: 78 AND 82, GIVING RISE
TO RO-133

MACHADINHO
D'OESTE, EM 1986.
EX-SERINGAL
E PROJETO DO
INCRA, TAMBÉM
FOI ESCOLHIDO
PARA SER NÚCLEO
URBANO DE APOIO
RURAL (NUAR)
COM O DINHEIRO
DO BANCO
MUNDIAL EM 1979

MACHADINHO
D'OESTE, IN 1986,
A FORMER RUBBER
PLANTATION AND
INCRA PROJECT,
WAS ALSO CHOSEN
TO BE A RURAL
SUPPORT URBAN
NUCLEUS (NUAR)
WITH WORLD BANK
FUNDING IN 1979





AMANHECE EM VILA THEOBROMA [THEOBROMA CACAO]; QUINTAIS IGUAIS A ESTE NO ANTIGO PROJETO DE COLONIZAÇÃO PADRE ADOLPHO ROHL ORIGINARAM A CIDADE EM 1986

IT IS DAWN IN VILA THEOBROMA [THEOBROMA CACAO]; BACKYARDS LIKE THIS ONE IN THE OLD PADRE ADOLPHO ROHL COLONIZATION PROJECT GAVE RISE TO THE CITY IN 1986



INTERIOR DE MACHADINHO D'OESTE, EM 1986. EM 2020 A SECRETARIA ESTADUAL DO DESENVOLVIMENTO AMBIENTAL PLANTOU MUDAS DE ÁRVORES EM MAIS DE 270 HECTARES DE ÁREAS DEVASTADAS

INTERIOR OF MACHADINHO D'OESTE, IN 1986. IN 2020, THE STATE SECRETARIAT FOR ENVIRONMENTAL DEVELOPMENT PLANTED TREE SEEDLINGS IN MORE THAN 270 HECTARES OF DEFORESTED AREAS



SENTADOS NO BANCO DA IMPROVISADA COZINHA, PAI E FILHO MIRAM O FUTURO EM MACHADINHO D'OESTE EM 1986, QUANDO RONDÔNIA JÁ POSSUÍA 1 MILHÃO DE HABITANTES

SITTING ON THE BENCH OF THE IMPROVISED KITCHEN, A FATHER AND SON LOOK TO THE FUTURE IN MACHADINHO D'OESTE IN 1986, WHEN RONDÔNIA ALREADY HAD 1 MILLION INHABITANTS. EASTERN RONDÔNIA

MENINO ARRASTA O
CAMINHÃOZINHO
DE TORAS EM
MACHADINHO D'OESTE,
CIDADE ORIGINÁRIA
DE UM PROJETO DE
ASSENTAMENTO DO
INCRA

A BOY DRAGS THE
SMALL LOG TRUCK IN
MACHADINHO D'OESTE, A
CITY ORIGINATING FROM
AN INCRA SETTLEMENT
PROJECT





VILA THEOBROMA, 1986: MORADORES CONSTRUÍAM PUXADOS NESSE ESTILO, COBRINDO-OS COM LONA PLÁSTICA

VILA THEOBROMA, 1986: RESIDENTS BUILT SHEDS IN THIS STYLE, COVERING THEM WITH PLASTIC TARPS



O BANCO DE MADEIRA, O CHÃO BATIDO, O FILTRO DE BARRO E A CASA DE MADEIRA: GERALMENTE ASSIM ERAM AS MORADIAS RURAIS EM 1979

THE WOODEN BENCH, THE BEATEN EARTH FLOOR, THE CLAY FILTER, AND THE WOODEN HOUSE: THIS WAS GENERALLY HOW RURAL HOUSING WAS IN 1979



O AMANHECER NO DISTRITO DE THEOBROMA EM 1986. ESTE FOI UM DOS NÚCLEOS URBANOS DE APOIO RURAL CONCEBIDOS PELO ARQUITETO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÍLVIO SAWAIA; O AUTOR DOS MAPAS, VINCENZO RAFFAELE BOCHICHIO; E O GEÓGRAFO MILTON SANTOS

DAWN IN THE DISTRICT OF THEOBROMA IN 1986. THIS WAS ONE OF THE RURAL SUPPORT URBAN CENTERS CONCEIVED BY THE ARCHITECT OF THE UNIVERSITY OF SÃO PAULO, SÍLVIO SAWAIA; THE MAPMAKER, VINCENZO RAFFAELE BOCHICHIO; AND THE GEOGRAPHER MILTON SANTOS



JARU, 1986: CASAS DE MADEIRA INICIAM O DISTRITO DE BOM JESUS.
A FIAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA CONTRASTA COM A FLORESTA NATIVA
QUE SERIA TOTALMENTE DERRUBADA PARA O CRESCIMENTO URBANO

JARU, 1986: WOODEN HOUSES MARK THE BEGINNING OF THE BOM JESUS
DISTRICT. THE ELECTRIC WIRING STANDS OUT AGAINST THE NATIVE FOREST,
DESTINED TO BE CLEARED FOR URBAN EXPANSION



FILHA DE BERADEIROS, EM FRENTE À ANTIGA MORADIA DE
FUNCIONÁRIOS DA ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ. PORTO
VELHO, 1983

DAUGHTER OF RUBBER TAPPERS, IN FRONT OF THE OLD WORKERS' HOUSING
OF THE MADEIRA-MAMORÉ RAILWAY. PORTO VELHO, 1983



MENINA DO ACAMPAMENTO FAMILIAR CIGANO EM OURO PRETO DO OESTE EM 1978 ERA FILHA DE UM HOMEM QUE PROJETAVA FILMES COM LENTES ANAMÓRFICAS, SUCESSO NAQUELE PERÍODO

GIRL FROM THE GYPSY FAMILY CAMP IN OURO PRETO DO OESTE IN 1978 WAS THE DAUGHTER OF A MAN WHO PROJECTED FILMS WITH ANAMORPHIC LENSES, A SUCCESS DURING THAT PERIOD



RECÉM-CHEGADO A
MACHADINHO D'OESTE,
CASAL DE MIGRANTES
CAMINHA PELA VILA
EM 1986, UM ANO
ANTES DO DECRETO DA
AUTONOMIA MUNICIPAL

A NEWLY ARRIVED COUPLE
OF MIGRANTS WALKS
THROUGH THE VILLAGE OF
MACHADINHO D'OESTE IN
1986, A YEAR BEFORE THE
DECREE OF MUNICIPAL
AUTONOMY



COM A MALA NAS MÃOS E UM SACO NAS COSTAS, COLONO CHEGA A OURO PRETO DO OESTE EM 1982, NO PERÍODO DO ASFALTAMENTO DA BR-364

WITH A SUITCASE IN HAND AND A BAG ON HIS BACK, A SETTLER ARRIVED IN OURO PRETO DO OESTE IN 1982 DURING THE PERIOD WHEN BR-364 WAS BEING PAVED

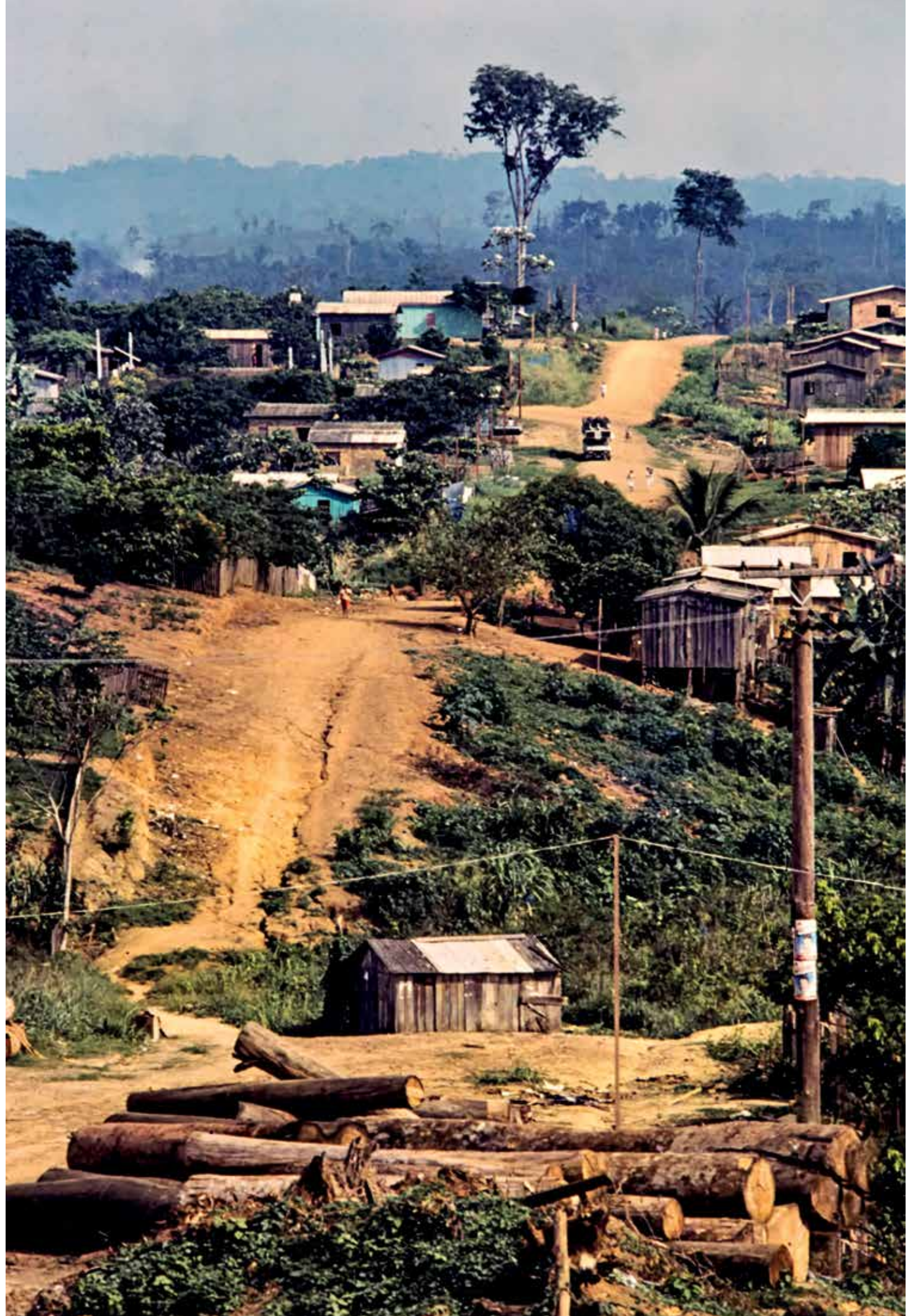


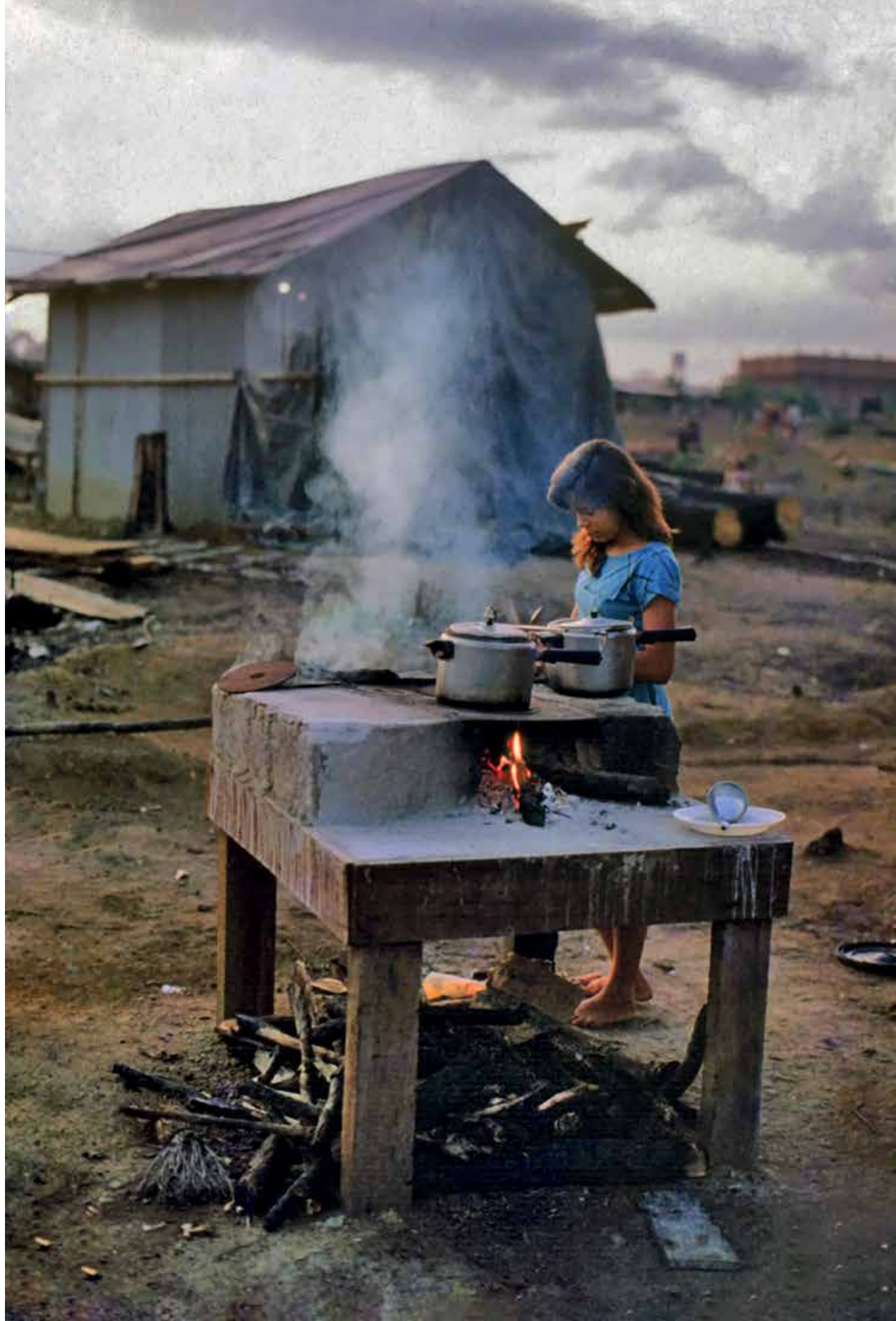
OURO PRETO DO OESTE, 1986: LANCHONETE OFERECIA ALIMENTOS, SUCOS E VITAMINAS EM RUA COM ESGOTO A CÉU ABERTO

OURO PRETO DO OESTE, 1986: A SNACK BAR OFFERED FOOD, JUICES, AND SMOOTHIES ON A STREET WITH OPEN SEWAGE

RUA TORTUOSA DE
OURO PRETO DO
OESTE, NA BR-364, EM
1986: A CIDADE FOI
SEDE DO PRIMEIRO
PROJETO INTEGRADO
DE COLONIZAÇÃO DO
INCRA

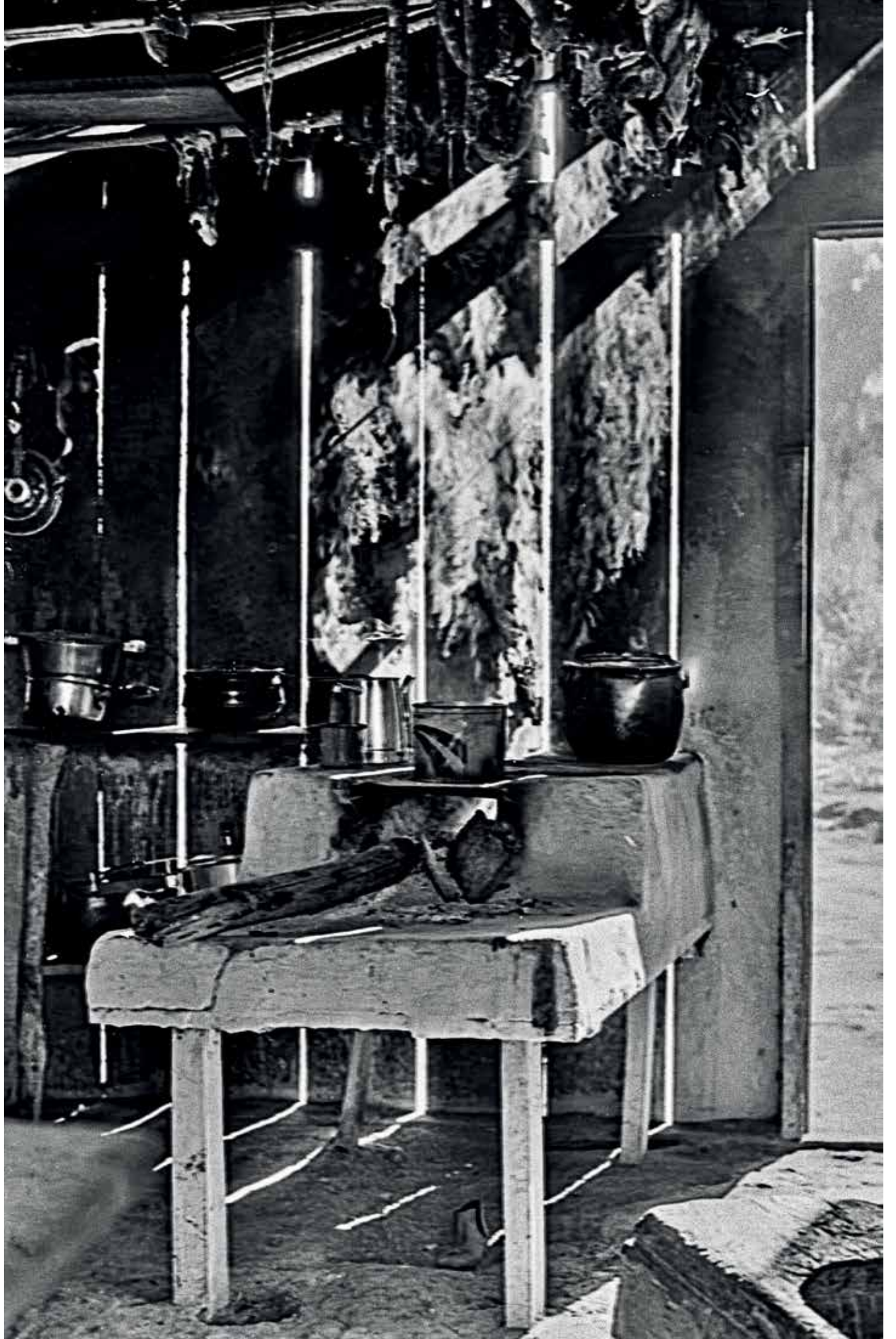
OURO PRETO DO OESTE'S
CROOKED STREET, ON
THE BR-364 HIGHWAY,
IN 1986: THE CITY WAS
THE SITE OF INCRA'S
FIRST INTEGRATED
COLONIZATION PROJECT





MENINA-MOÇA CUIDA
DO COZIMENTO DA
COMIDA NO FOGÃO
IMPROVISADO. CENÁRIO
DE MACHADINHO
D'OESTE, EM 1986

A YOUNG GIRL TAKES CARE
OF COOKING THE FOOD
ON THE IMPROVISED
STOVE. SCENE FROM
MACHADINHO D'OESTE IN
1986



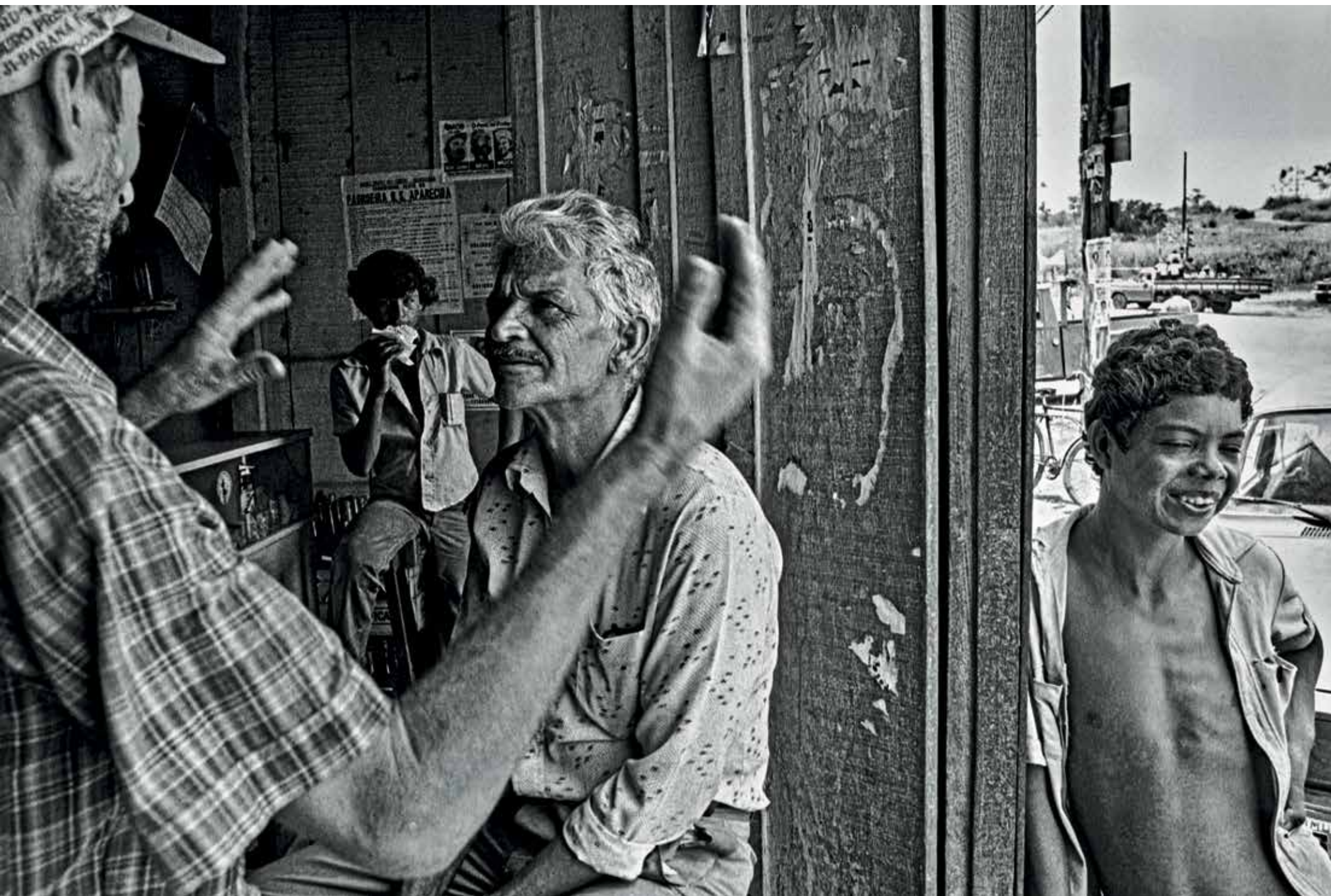
OURO PRETO DO OESTE,
1978: O FOGÃO A LENHA
COZINHA DESDE CEDO A
COMIDA DO COLONO

OURO PRETO DO OESTE, 1978:
THE WOOD-FIRED STOVE
COOKS THE SETTLER'S FOOD
FROM EARLY IN THE MORNING



O RADINHO A PILHA FOI COMPANHEIRO DAS PESSOAS EM RONDÔNIA, A EXEMPLO DESSE MORADOR DE OURO PRETO DO OESTE

THE TRANSISTOR RADIO WAS A COMPANION OF PEOPLE IN RONDÔNIA, EXEMPLIFIED BY THIS RESIDENT OF OURO PRETO DO OESTE



OURO PRETO DO OESTE, 1979: O GAROTO JOÃO FRACÍLIO COME UM PEDAÇO DE PÃO; DE COSTAS, BELIZÁRIO ANTÔNIO COELHO, E NO LADO DE FORA, JOAQUIM CORTES COELHO, O QUINCAS

OURO PRETO DO OESTE, 1979: JOÃO FRACÍLIO, A YOUNG BOY, EATS A PIECE OF BREAD. BEHIND HIM IS BELIZÁRIO ANTÔNIO COELHO, AND OUTSIDE IS JOAQUIM CORTES COELHO, ALSO KNOWN AS QUINCAS



OURO PRETO DO OESTE: MENINO NA PORTA DA SAPATARIA ROSA BRANCA, NA CIDADE AINDA NÃO PAVIMENTADA

OURO PRETO DO OESTE: BOY AT THE DOOR OF ROSA BRANCA SHOEMAKER'S, IN THE UNPAVED CITY



CHUVA CHEGANDO SOBRE O PEQUENO COMÉRCIO DE OURO PRETO DO OESTE EM 1986

RAIN APPROACHING THE SMALL BUSINESS IN OURO PRETO DO OESTE IN 1986



PROXIMIDADES DA CACHOEIRA TRÊS DE NOVENBRO, DO RIO JI-PARANÁ,
NA DIVISA ENTRE OS ESTADOS DE RONDÔNIA E AMAZONAS, EM 1986

NEAR THE TRÊS DE NOVENBRO WATERFALL, ON THE JI-PARANÁ RIVER, ON THE
BORDER BETWEEN THE STATES OF RONDÔNIA AND AMAZONAS, IN 1986



O COLONO CONSTRUIU UM MINICARRO COM PEÇAS DE BICICLETA E DE MOTOSERRA E LEVOU A ESPOSA A PASSEAR COM O FILHO PEQUENO E O CACHORRINHO

THE SETTLER BUILT A MINICAR OUT OF BICYCLE AND CHAINSAW PARTS AND TOOK HIS WIFE FOR A WALK WITH THEIR YOUNG SON AND PUPPY



BEIRA DO RIO MACHADO (OU JI-PARANÁ) EM 1986: DERRUBADAS ILEGAIS PERTO DA CACHOEIRA TRÊS DE NOVEMBRO, NA DIVISA RONDÔNIA-AMAZONAS; ESSA ÁREA SERIA ABRANGIDA PELO PROJETO DA USINA HIDRELÉTRICA DE TABAJARA, ATÉ 2023 NÃO CONSTRUÍDA

BEIRA DO RIO MACHADO (OR JI-PARANÁ) IN 1986: ILLEGAL LOGGING NEAR THE TRÊS DE NOVEMBRO WATERFALL, ON THE RONDÔNIA-AMAZONAS BORDER; THIS AREA WAS TO BE COVERED BY THE TABAJARA HYDROELECTRIC POWER PLANT PROJECT, WHICH WAS NOT BUILT UNTIL 2023



MADEIREIRAS SERRARAM MUITAS ÁRVORES DE CEDRO E MOGNO NAS REGIÕES CENTRAL E SUL DE RONDÔNIA EM 1978; ATIVIDADE CHEGOU A SE ORGANIZAR EM JI-PARANÁ, MAS A OCUPAÇÃO DE TERRAS RESULTOU EM DERRUBADAS ILEGAIS, PIORANDO A SITUAÇÃO NOS ANOS 2000

LOGGING COMPANIES SAWED MANY CEDAR AND MAHOGANY TREES IN THE CENTRAL AND SOUTHERN REGIONS OF RONDÔNIA IN 1978; THE ACTIVITY WAS ORGANIZED IN JI-PARANÁ, BUT LAND OCCUPATION RESULTED IN ILLEGAL LOGGING, WORSENING THE SITUATION IN THE 2000S



A ILHA NO FORMATO DE UM CORAÇÃO ERA VISTA DESTA MANEIRA EM 1986, NO ENCONTRO DAS ÁGUAS DO RIO URUPÁ COM AS DO RIO JI-PARANÁ

THE HEART-SHAPED ISLAND LOOKED LIKE THIS IN 1986, WHEN THE WATERS OF THE URUPÁ RIVER MET THE JI-PARANÁ RIVER.



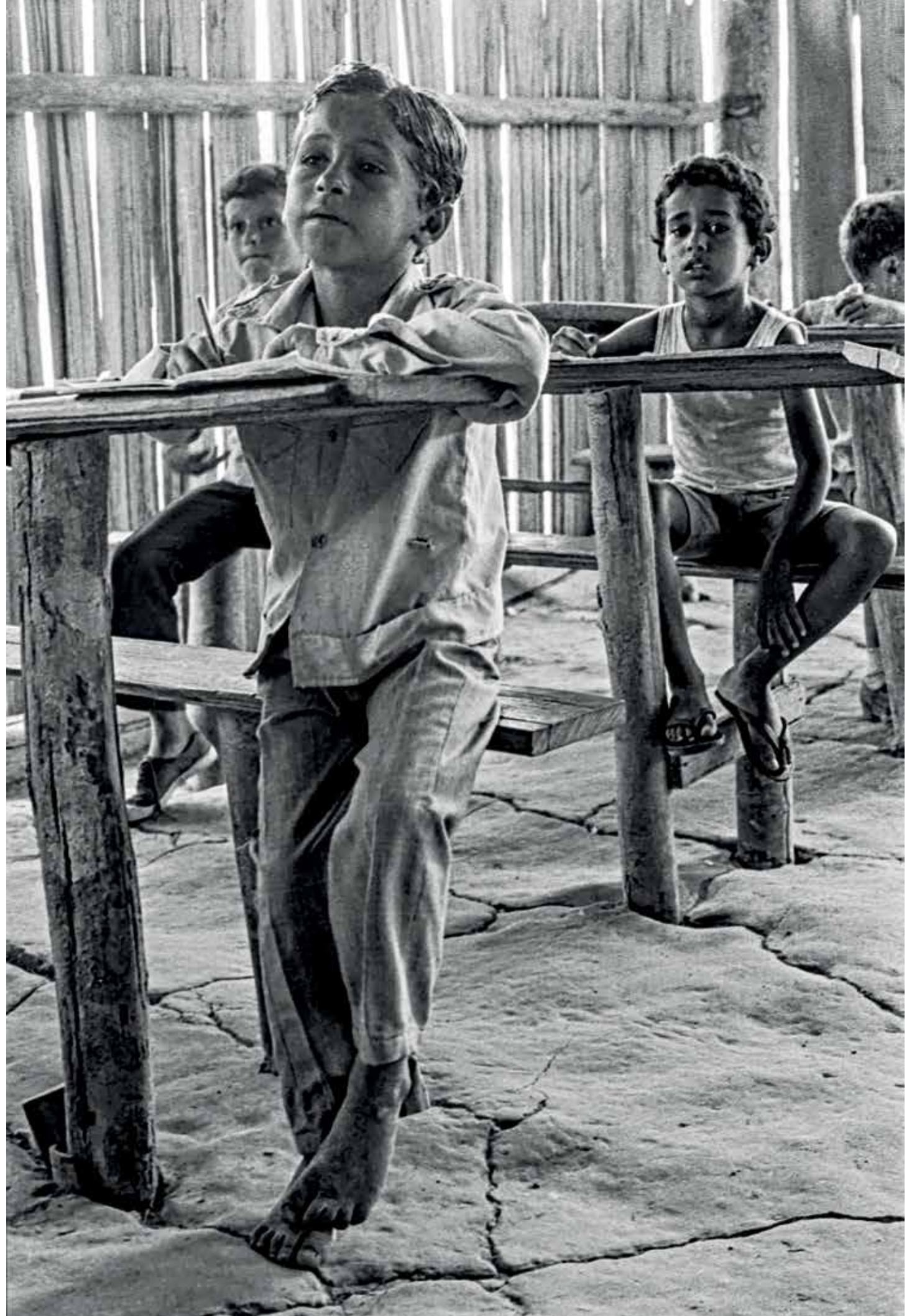
O CAVALO AMARRADO NO POSTE DA ESTAÇÃO TELEGRÁFICA CONSTRUÍDA NOS ANOS 1930. LUGAR FICOU MUITO CONHECIDO NAS EX-VILAS URUPÁ E RONDÔNIA, MAIS TARDE CIDADE DE JI-PARANÁ. O POSTO FOI TOMBADO PELO IPHAN E VIROU MUSEU

THE HORSE TIED TO THE POST OF THE TELEGRAPH STATION BUILT IN THE 1930S. THE PLACE BECAME WELL-KNOWN IN THE FORMER VILLAGES OF URUPÁ AND RONDÔNIA, LATER THE CITY OF JI-PARANÁ. THE STATION WAS LISTED AS A HERITAGE SITE BY IPHAN AND TURNED INTO A MUSEUM



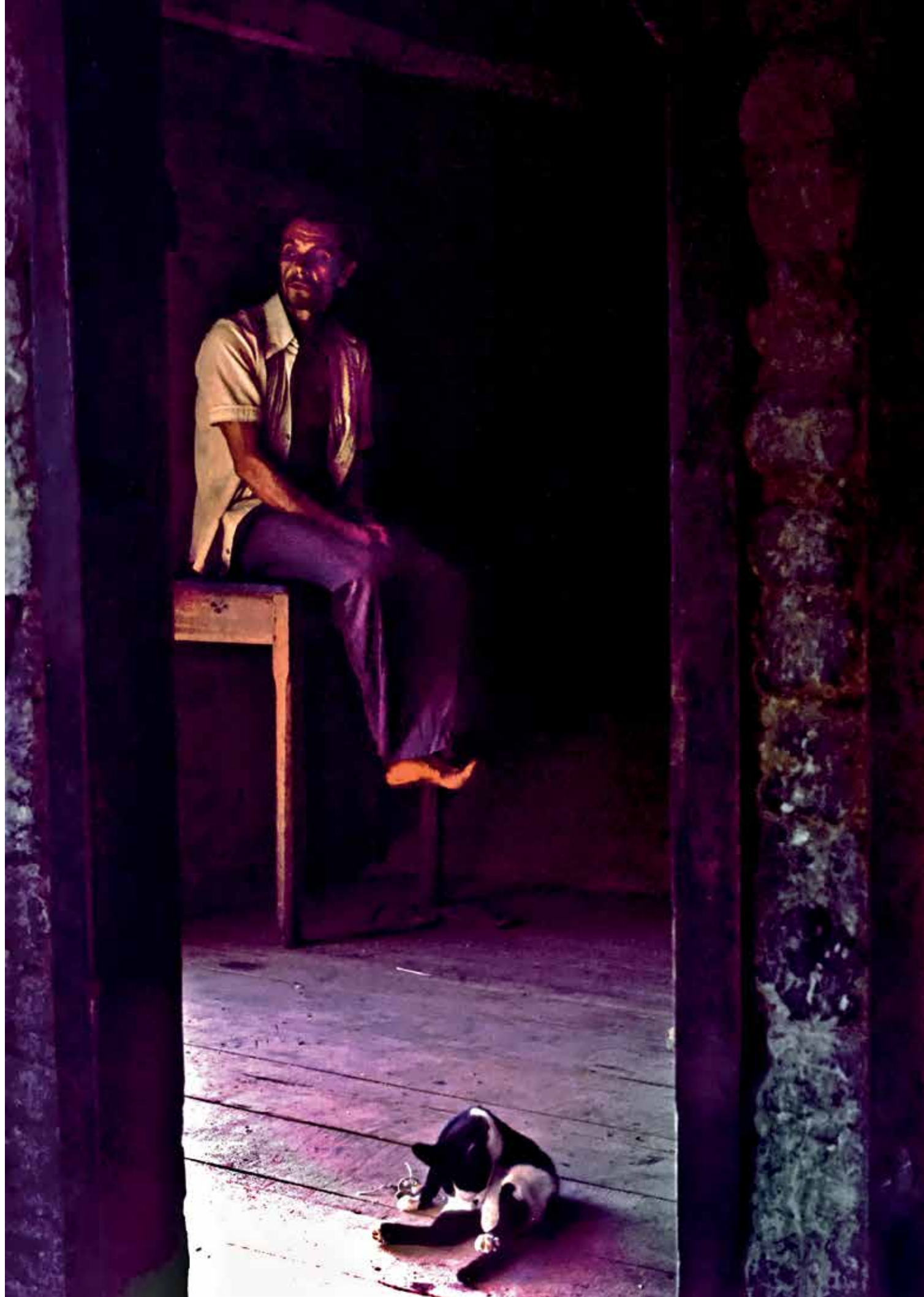
Ji-PARANÁ, 1978:
ENCOSTADA À PORTA DO
COMÉRCIO DOS PAIS,
A MENINA APARENTA
ESPERANÇA

Ji-PARANÁ, 1978: LEANING
AGAINST HER PARENTS'
STORE DOOR, THE GIRL
APPEARS HOPEFUL



EM PÉ OU DESAJEITADOS,
ELES APRENDIAM. CENA
DE 1982 NUMA ESCOLA
RURAL EM JI-PARANÁ

STANDING OR AWKWARD,
THEY WERE LEARNING.
SCENE FROM 1982 IN A
RURAL SCHOOL IN JI-
PARANÁ



O GATO NO
CHÃO, O HOMEM
SENTADO NA
MESA: CENÁRIO
DE UM PEQUENO
COMÉRCIO EM JI-
PARANÁ, EM 1978

A CAT ON THE FLOOR,
A MAN SITTING AT
A TABLE: SCENE OF A
SMALL SHOP IN JI-
PARANÁ, IN 1978

Ji-PARANÁ, 1978: COM
O FILHO DE COLO,
MULHER CAMINHA
NUMA RUA DA VILA
JOTÃO

Ji-PARANÁ, 1978: A
WOMAN, CRADLING HER
CHILD, WALKS DOWN A
STREET IN VILA JOTÃO





SENTADA NUM BATEDOR DE ROUPAS, MÃE FAZ PAUSA NA LAVAÇÃO
NUM DIA 1982; SEU BEBÊ TAMBÉM DESCANSA, NOUTRA TÁBUA DE
LAVAR

SITTING ON A CLOTHES WASHING BOARD, A MOTHER PAUSES HER LAUNDRY
ON A 1982 DAY; HER BABY ALSO RESTS, ON ANOTHER WASHING BOARD



PRÓXIMA À PONTE DA BR-364, MIGRANTE DE ANÁPOLIS (GO) LAVA ROUPAS E UTENSÍLIOS NA VILA JOTÃO, EM VILA RONDÔNIA, QUE DEPOIS SE CHAMARIA JI-PARANÁ

NEAR THE BR-364 BRIDGE, A MIGRANT FROM ANÁPOLIS (GO) WASHES CLOTHES AND UTENSILS IN VILA JOTÃO, IN VILA RONDÔNIA, WHICH WOULD LATER BE CALLED JI-PARANÁ



É DOMINGO: MÃE E FILHA VESTEM AS MELHORES ROUPAS E SAEM DE CASA NAS PROXIMIDADES DO RIO MACHADO, EM JI-PARANÁ

IT IS SUNDAY: MOTHER AND DAUGHTER WEAR THEIR BEST CLOTHES AND LEAVE HOME NEAR THE MACHADO RIVER IN JI-PARANÁ



BEIRADÃO DO RIO MACHADO EM JI-PARANÁ: LUGAR ABRIGAVA
TRABALHADORES E ERA REDUTO DA PROSTITUIÇÃO

MACHADO RIVER BANK IN JI-PARANÁ: THE PLACE SHELTERED WORKERS AND
WAS A STRONGHOLD OF PROSTITUTION



Ji-PARANÁ, 1978: O CASARIO DE MADEIRA NUMA DAS MARGENS DO LENDÁRIO RIO MACHADO, EM Ji-PARANÁ, TINHA ATÉ UM PEQUENO E MODESTÍSSIMO SOBRADO

Ji-PARANÁ, 1978: THE WOODEN HOUSES ON ONE OF THE BANKS OF THE LEGENDARY MACHADO RIVER IN Ji-PARANÁ EVEN HAD A SMALL AND MODEST TWO-STORY HOUSE



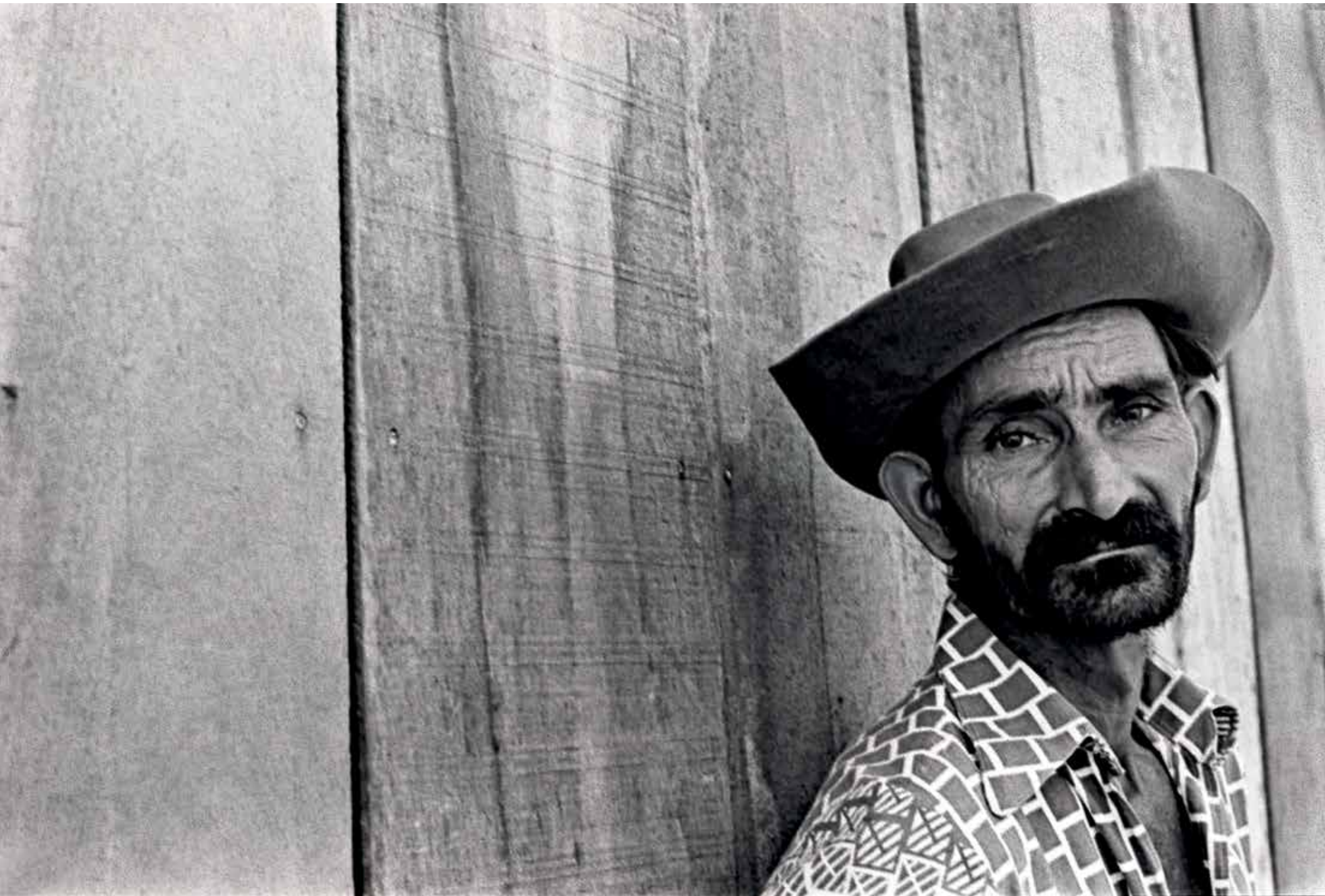
BAR DO MANOEL (CONHECIDO POR MANÉ GATO) NA COR VERDE-ESCURA FICAVA NA AVENIDA ALMIRANTE BARROSO, ENTRE AS AVENIDAS RIO DE JANEIRO E ESPÍRITO SANTO. JI-PARANÁ, 1978

MANOEL'S BAR (KNOWN AS MANÉ GATO), PAINTED IN A DEEP GREEN, WAS LOCATED ON ALMIRANTE BARROSO AVENUE, BETWEEN RIO DE JANEIRO AVENUE AND ESPÍRITO SANTO AVENUE IN JI-PARANÁ, 1978



JÍ-PARANÁ, 1978: COLONOS DESCANSAM ATÉ O MOMENTO DE RETORNAR PARA CASA COM AS COMPRAS FEITAS NO COMÉRCIO LOCAL

JÍ-PARANÁ, 1978: SETTLERS REST UNTIL THE TIME TO RETURN HOME WITH PURCHASES MADE AT THE LOCAL MARKET



POR ALGUM MOTIVO ESSE COLONO ESTÁ TRISTE, UM ANO APÓS VILA DE RONDÔNIA TER O NOME ALTERADO PARA JI-PARANÁ, EM 1978

FOR SOME REASON THIS SETTLER IS SAD, A YEAR AFTER VILA DE RONDÔNIA WAS RENAMED JI-PARANÁ IN 1978



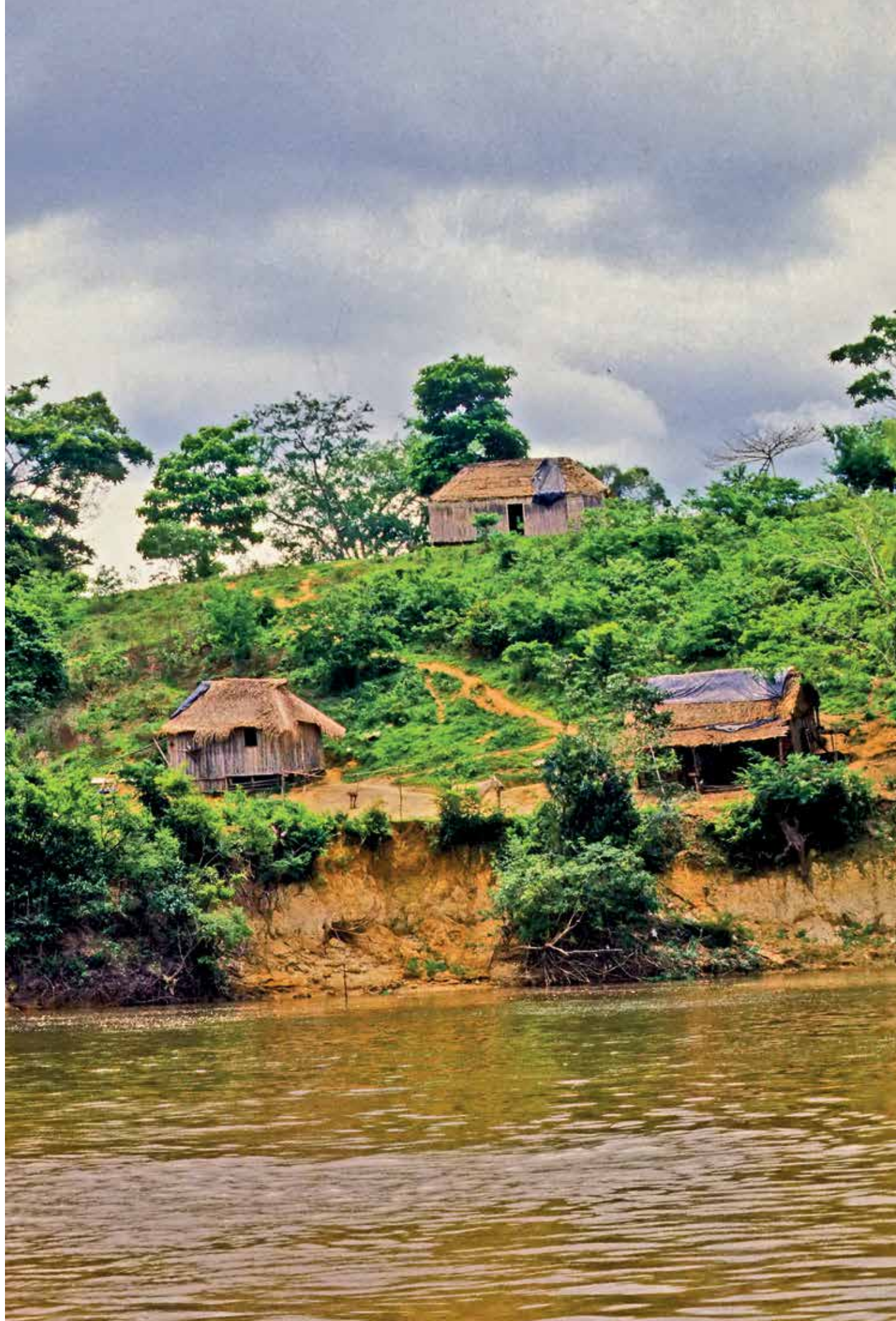
BEIRADÃO DO RIO MACHADO, NA ANTIGA VILA RONDÔNIA,
ABRIGAVA EM 1978 A ZONA BOÊMIA DA CIDADE QUE TEVE O NOME
MUDADO PARA JI-PARANÁ

THE BEIRADÃO DO RIO MACHADO, IN THE FORMER VILA RONDÔNIA,
HOUSED THE CITY'S BOHEMIAN DISTRICT IN 1978, WHICH WAS LATER
RENAMED JI-PARANÁ



LAVADEIRAS DE ROUPAS SECAM SUAS PEÇAS NAS PEDRAS DO RIO MACHADO; GARIMPEIROS DE DIAMANTES OCUPARAM AS MARGENS DO RIO ENTRE OS ANOS 1960 E 1970

LAUNDRESSES DRY THEIR CLOTHES ON THE ROCKS OF THE MACHADO RIVER; DIAMOND MINERS OCCUPIED THE BANKS OF THE RIVER BETWEEN THE 1960S AND 1970S



Jl-PARANÁ, 1986:
EM ÁREA DE RISCO,
MORADIAS NO
BARRANCO DO RIO
MACHADO TAMBÉM
ABRIGARAM MIGRANTES
E PESSOAS DE POUCA
RENDA

Jl-PARANÁ, 1986: IN A
RISKY AREA, HOUSING
ON THE BANKS OF THE
MACHADO RIVER ALSO
HOUSED MIGRANTS AND
LOW-INCOME PEOPLE



FINAL DOS ANOS 1970: ANTIGA PONTE DO RIO MACHADO DÁ PASSAGEM A PEQUENA BOIADA EM JI-PARANÁ, SEGUNDA GRANDE CIDADE DO ESTADO DE RONDÔNIA

LATE 1970S: AN OLD BRIDGE OVER THE MACHADO RIVER ALLOWS A SMALL HERD OF CATTLE TO CROSS IN JI-PARANÁ, THE SECOND LARGEST CITY IN THE STATE OF RONDÔNIA



Ji-PARANÁ, 1986: AO LONGE, DEPOIS DA AVENIDA MARECHAL RONDON, SOBE AO CÉU A FUMAÇA DAS CHAMINÉS DA ÁREA INDUSTRIAL

Ji-PARANÁ, 1986: IN THE DISTANCE, BEYOND MARECHAL RONDON AVENUE, SMOKE RISES FROM THE CHIMNEYS OF THE INDUSTRIAL AREA



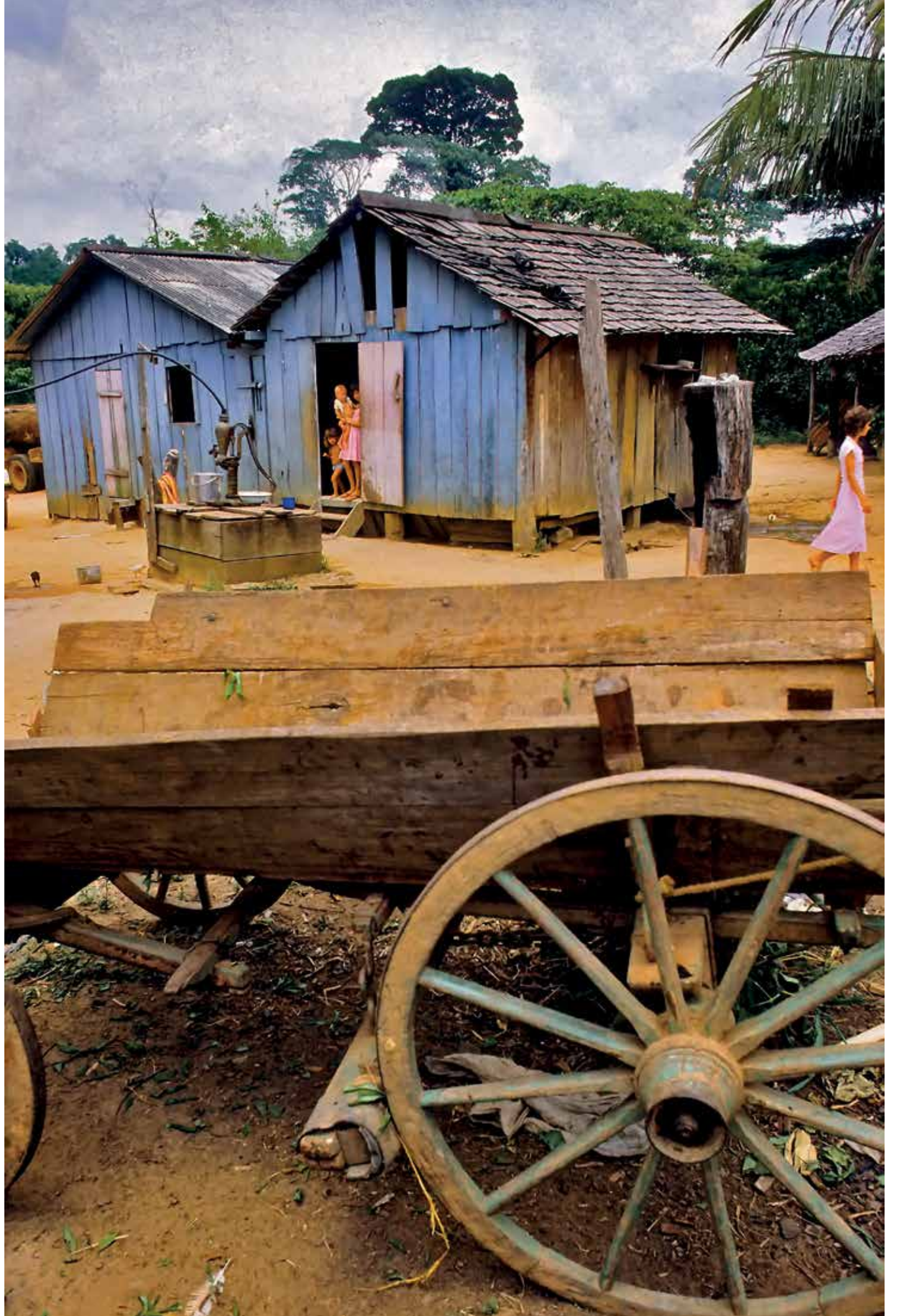
NUM DOS SETE QUADROS NA PAREDE, A FAMÍLIA DE OITO PESSOAS VISITADAS POR TÉCNICOS QUE ELABORAVAM O RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL DA HIDRELÉTRICA (NÃO CONSTRUÍDA) DE TABAJARA, NO LESTE DE RONDÔNIA

IN ONE OF THE SEVEN FRAMES ON THE WALL, THE FAMILY OF EIGHT WAS VISITED BY TECHNICIANS WHO WERE PREPARING AN ENVIRONMENTAL IMPACT REPORT FOR THE (UNBUILT) TABAJARA HYDROELECTRIC DAM IN EASTERN RONDÔNIA



NOS FUNDOS, CASTANHEIRAS, À FRENTE O CURRAL DE UMA FAZENDA
NA DIVISA DE RONDÔNIA COM MATO GROSSO, EM 1985

IN THE BACKGROUND, CHESTNUT TREES, IN FRONT OF THE CORRAL OF A
FARM ON THE BORDER OF RONDÔNIA AND MATO GROSSO, IN 1985.



JI-PARANÁ, 1982: CARROÇA
GAÚCHA COM RODA
GRANDE IGUAL A ESTA
SUMIU DA PAISAGEM
RURAL RONDONIENSE;
HOJE ESSA CIDADE
FABRICA ATÉ TRATORES

JI-PARANÁ, 1982: THE
GAÚCHO CART WITH A
LARGE WHEEL LIKE THIS
ONE DISAPPEARED FROM
THE RURAL LANDSCAPE OF
RONDÔNIA; TODAY THIS
CITY EVEN MANUFACTURES
TRACTORS



AO LADO DO
FILTRO DE BARRO
QUE NUNCA
FALTOU NAS CASAS
INTERIORANAS,
MÃE E FILHO JÁ
SE HABITUAM A
VIVER NO LAR DE
MADEIRA

NEXT TO THE CLAY
FILTER THAT HAS
NEVER BEEN MISSING
IN RURAL HOMES,
MOTHER AND
SON ARE ALREADY
GETTING USED
TO LIVING IN THE
WOODEN HOME



O MENINA E SEUS TRÊS CÃEZINHOS, NO CASEBRE DA FAMÍLIA POBRE
NUMA VICINAL DE JI-PARANÁ, EM 1978

THE BOY AND HER THREE LITTLE DOGS, IN THE HUMBLE FAMILY SHACK ON A
RURAL ROAD IN JI-PARANÁ, IN 1978



Ji-PARANÁ, 1986, NO IGARAPÉ LOURDES: VISTOS DO ALTO, O VERDE E AS ÁGUAS SE DESTACAVAM NA TERRA INDÍGENA GAVIÃO (IKOLEN)

Ji-PARANÁ, 1986, ON THE LOURDES STREAM: SEEN FROM ABOVE, THE GREEN AND THE WATERS STOOD OUT IN THE GAVIÃO (IKOLEN) INDIGENOUS LAND



FAMÍLIA PAITER SURUÍ AO AMANHECER NA LINHA 14, EM 1978.
ESSES ÍNDIOS FORAM CONTACTADOS PELO SERTANISTA FRANCISCO
MEIRELES EM 1969

PAITER SURUÍ FAMILY AT DAWN ON LINE 14, IN 1978. THESE INDIGENOUS
PEOPLE WERE CONTACTED BY THE ANTHROPOLOGIST FRANCISCO MEIRELES
IN 1969



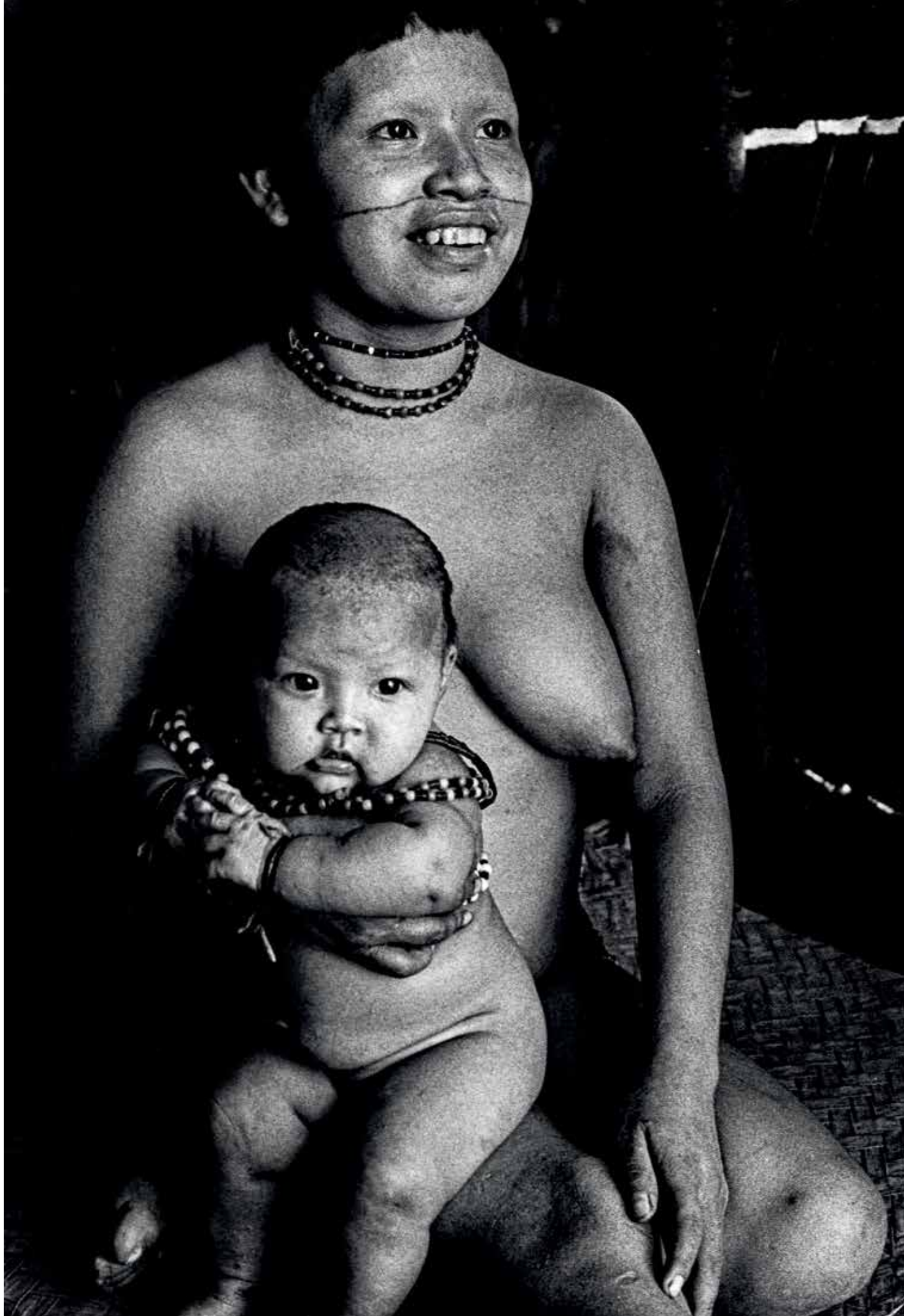
POSTO INDÍGENA 7 DE SETEMBRO, 1978: POR ALGUM MOTIVO, OU
POR VÁRIOS, ELES AMANHECEM O DIA SORRINDO

INDIGENOUS POST 7 DE SETEMBRO, 1978: FOR SOME REASON, OR FOR MANY,
THEY WAKE UP SMILING EVERY DAY



POSTO INDÍGENA DO ARIPUANÃ, 1978: A MOÇA PAITER SURUÍ FIA UM NOVELO DE ALGODÃO

ARIPUANÃ INDIGENOUS POST, 1978: A PAITER SURUÍ WOMAN SPINS A BALL OF COTTO



MÃE PAITER SURUÍ
MOSTRA UM SORRISO
FRANCO NO POSTO
INDÍGENA 7 DE
SETEMBRO, EM 1982

A PAITER SURUÍ MOTHER
DISPLAYS A GENUINE
SMILE AT THE 7 DE
SETEMBRO INDIGENOUS
POST IN 1982

QUEM SABE, MÃE E FILHO
FOTOGRAFADOS EM 1978
NO POSTO INDÍGENA
7 DE SETEMBRO SE
RECONHEÇAM HOJE
NESTE LIVRO; SURUÍ S TÊM
BOA MEMÓRIA

PERHAPS THE MOTHER AND
SON PHOTOGRAPHED IN
1978 AT THE 7 DE SETEMBRO
INDIGENOUS POST WILL
RECOGNIZE EACH OTHER
TODAY IN THIS BOOK;
SURUÍ S HAVE GOOD
MEMORIES





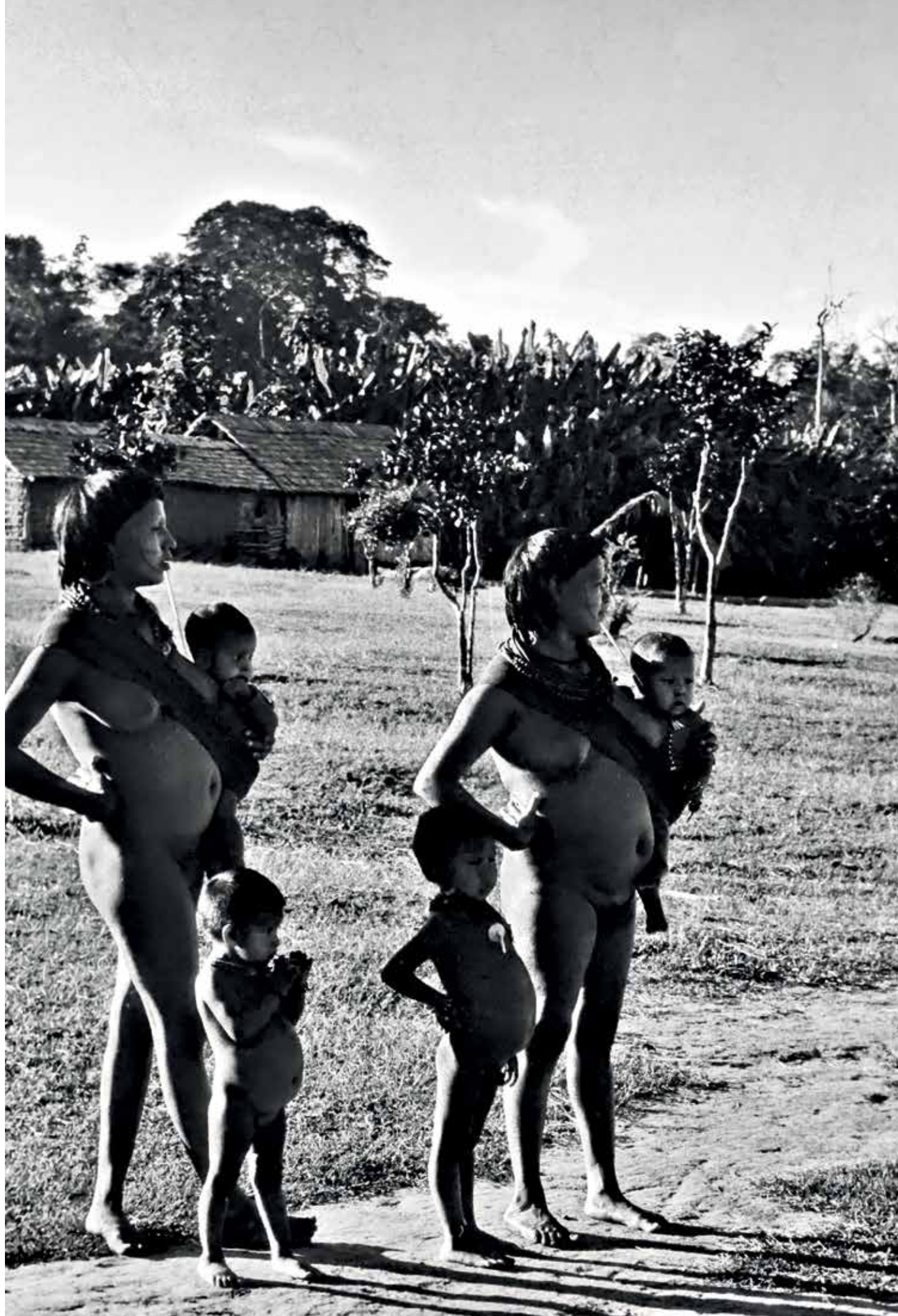
MÃE CARREGA O BEBÊ PAÍTER SURUÍ; ATRÁS, O IRMÃOZINHO
ACOMPANHA, NA TERRA INDÍGENA 7 DE SETEMBRO, EM CACOAL

MOTHER CARRIES BABY PAÍTER SURUÍ; BEHIND, THE LITTLE BROTHER
FOLLOWS, IN THE 7 DE SETEMBRO INDIGENOUS TERRITORY, IN CACOAL



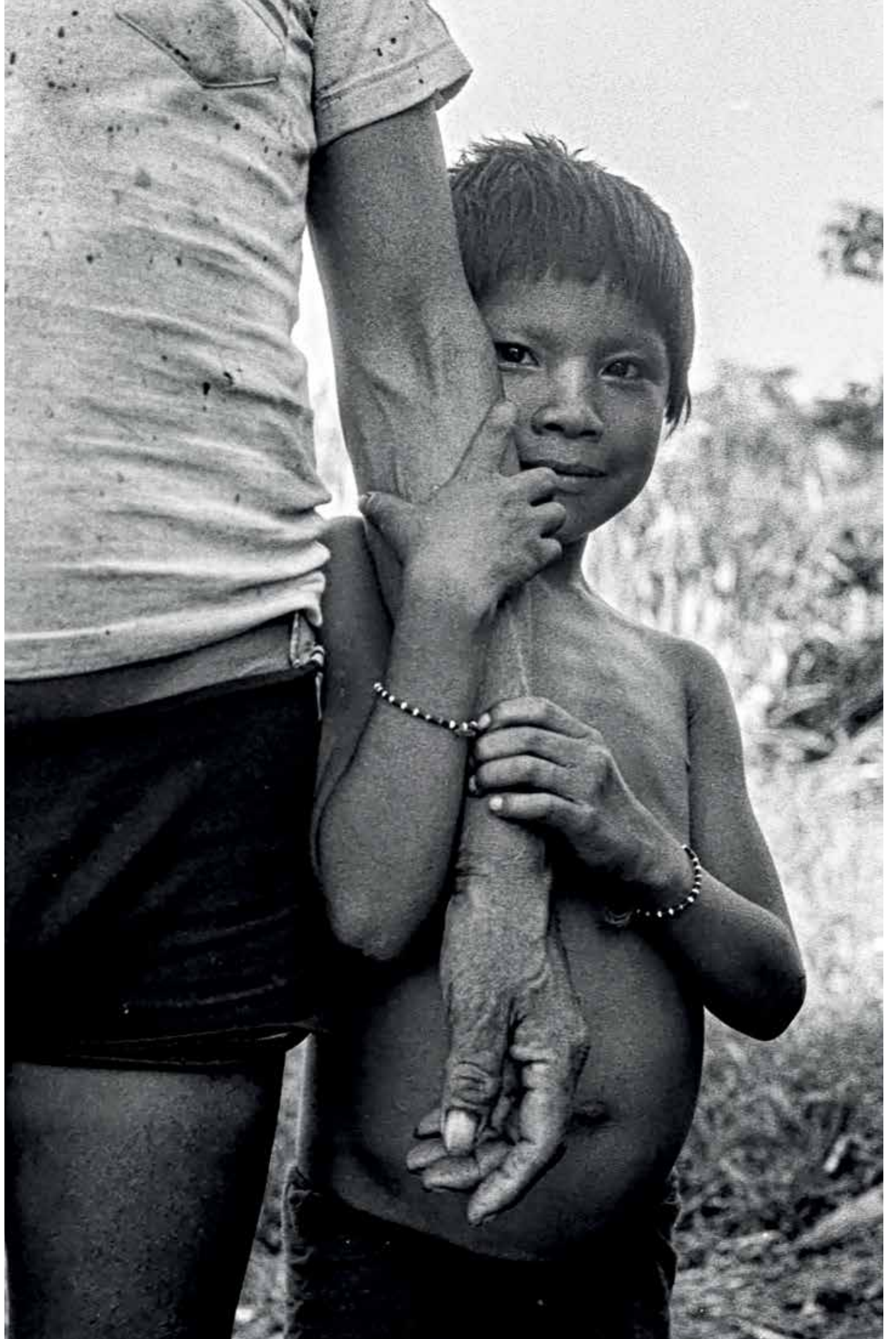
PAITER SURUÍ CARREGA O NENÉM GRIPADO EM 1982, TREZE ANOS APÓS O PRIMEIRO CONTATO. SURUÍ VENCERAM DIVERSAS DOENÇAS E HOJE, COM OUTROS 9 POVOS, PLANTAM E COLHEM O PRIMEIRO CAFÉ ROBUSTA SUSTENTÁVEL DO MUNDO

PAITER SURUÍ CARRIES HIS SICK BABY IN 1982, THIRTEEN YEARS AFTER THE FIRST CONTACT. THE SURUÍ HAVE OVERCOME MANY DISEASES, AND TODAY, ALONG WITH NINE OTHER PEOPLES, THEY PLANT AND HARVEST THE WORLD'S FIRST SUSTAINABLE ROBUSTA COFFEE



A PUREZA DA EXPLÍCITA
NUDEZ ERA UMA
DAS SITUAÇÕES MAIS
COMUNS ENTRE AS
MAMÃES GRÁVIDAS
SURUÍ. AMBAS
COM DOIS FILHOS
PEQUENOS, SENDO UM
AINDA DE COLO

THE PURITY OF EXPLICIT
NUDITY WAS ONE OF
THE MOST COMMON
SITUATIONS AMONG
SURUÍ PREGNANT
WOMEN. BOTH WITH TWO
SMALL CHILDREN, ONE
STILL IN ARMS



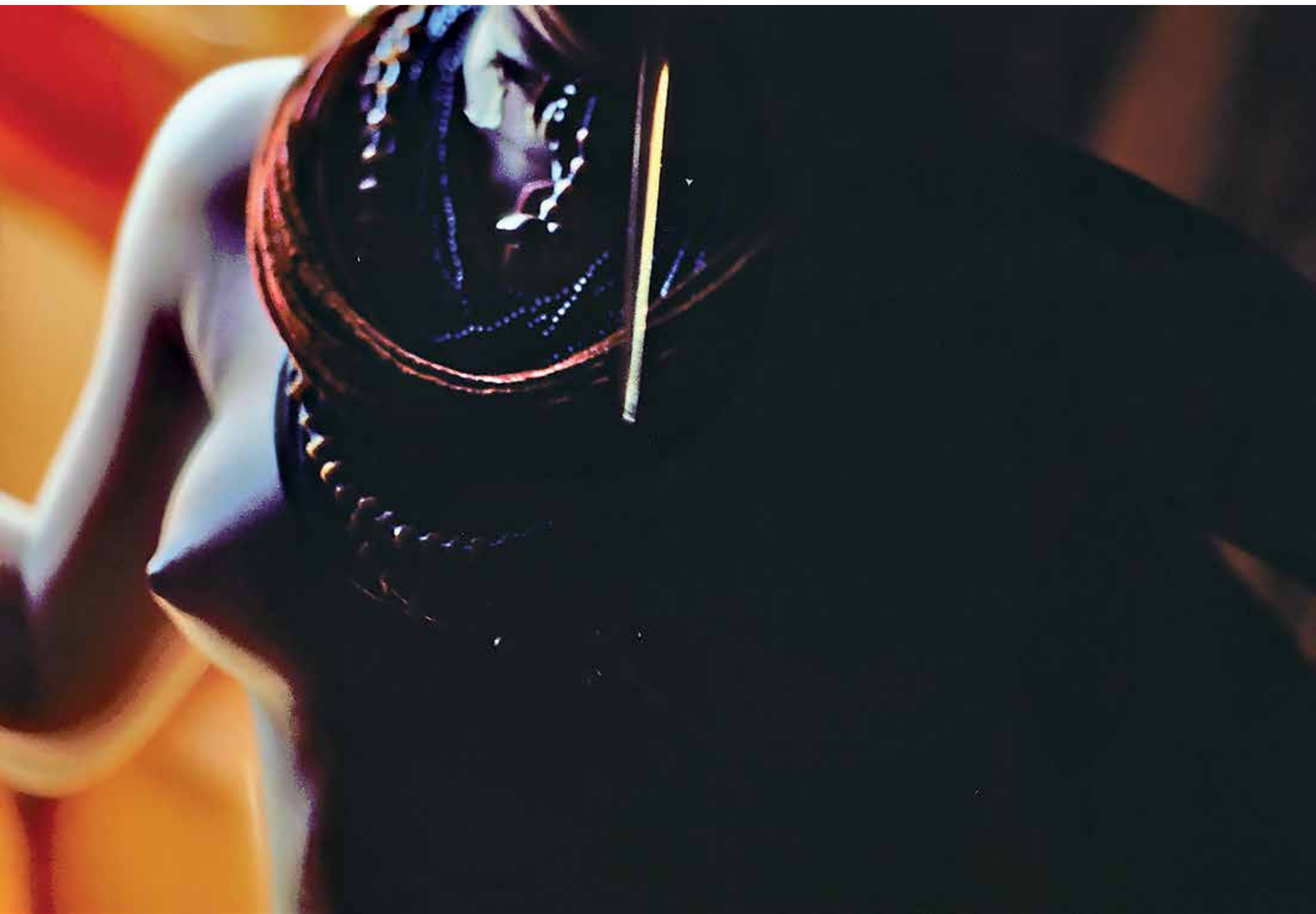
MENINO SURUÍ AGARRADO
AO BRAÇO DO PAI, NO
POSTO INDÍGENA 7 DE
SETEMBRO, EM 1982

SURUÍ BOY CLINGING TO HIS
FATHER'S ARM AT THE 7 DE
SETEMBRO INDIGENOUS POST,
1982



CACOAL, 1978: MENINA
PAITER SURUÍ COM O
QUEIXO PERFURADO,
FOTOGRAFADA NO POSTO
INDÍGENA SETE DE
SETEMBRO

CACOAL, 1978: PAITER
SURUÍ GIRL WITH HER CHIN
PIERCED, PHOTOGRAPHED
AT THE SETE DE SETEMBRO
INDIGENOUS POST



ÍNDIA PAITER SURUÍ APRESENTA-SE COM SEU RICO ORNAMENTO:
COLARES DE TUCUM E FIBRA DE ALGODÃO, EM 1978

A PAITER SURUÍ WOMAN SHOWCASES HER ELABORATE ADORNMENT:
NECKLACES OF TUCUM AND COTTON FIBER, IN 1978



DE CABELO RASPADO,
MÃE SURUÍ SORRI AO
SER FOTOGRAFADA
COM O FILHO NO
POSTO INDÍGENA 7 DE
SETEMBRO, EM 1978

WITH HER HAIR SHAVED,
SURUÍ MOTHER SMILES
FOR A PHOTOGRAPH WITH
HER SON AT THE 7TH OF
SEPTEMBER INDIGENOUS
POST IN 1978

SURUÍ
FOTOGRAFADO
NO FINAL DOS
ANOS 1970, AINDA
DURANTE A
INVASÃO DA LINHA
7, CIRCUNSCRITA
AO PARQUE
INDÍGENA DO
ARIPUANÃ

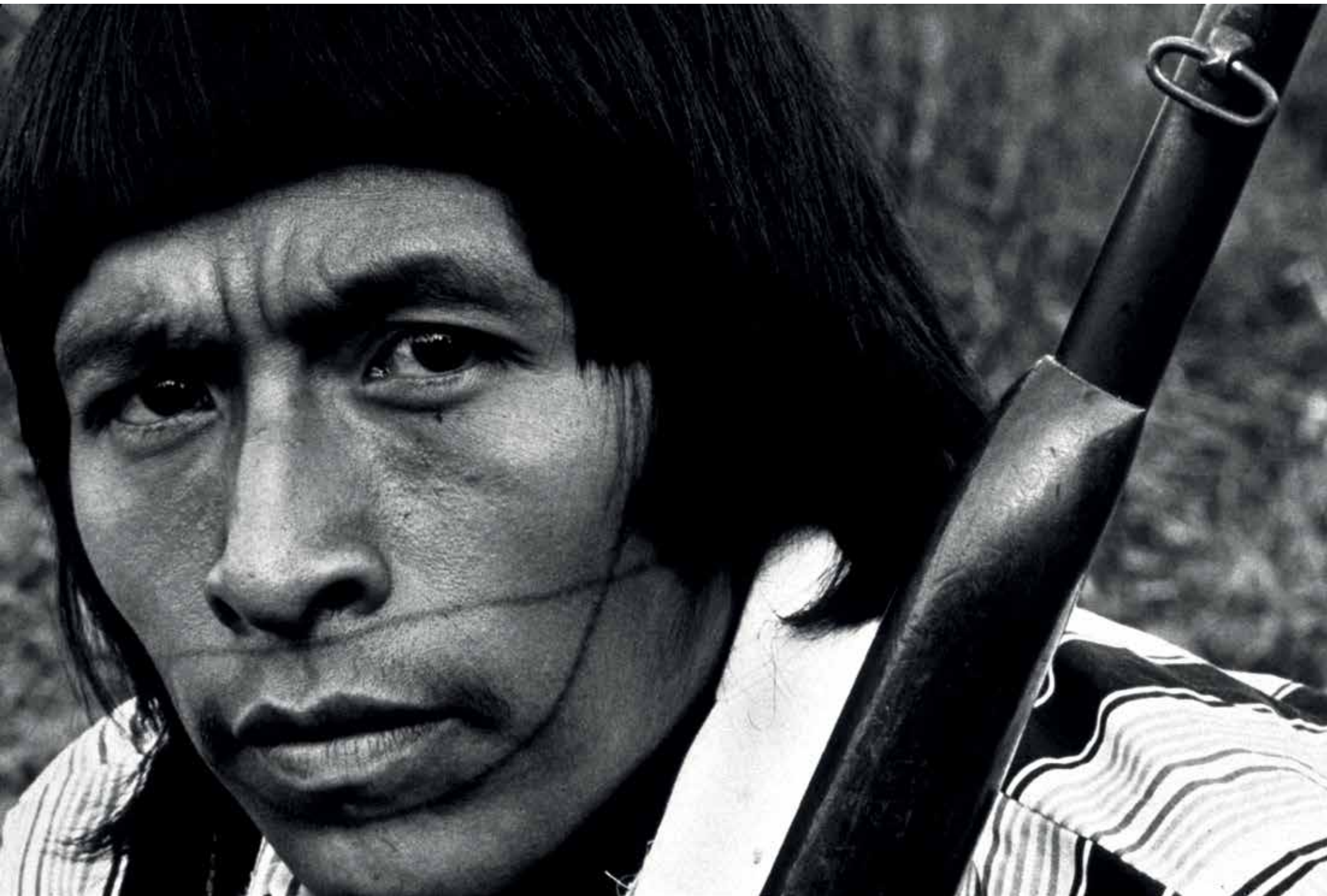
SURUÍ
PHOTOGRAPHED IN
THE FINAL YEARS
OF THE 1970S,
STILL DURING THE
INVASION OF LINE
7, WHICH IS WITHIN
THE ARIPUANÃ
INDIGENOUS PARK





FOI EM 1978: DE ÓCULOS, CRUCIFIXO, CAMISETA COLORIDA E BONÉS DE CLUBE DE FUTEBOL, PAITER SURUÍ REVELA O SEU ENCANTO PELAS COISAS DO BRANCO; O DA ESQUERDA SE CHAMA MEREWÉ SURUÍ

IT WAS IN 1978: SPORTING GLASSES, A CRUCIFIX, A COLORFUL T-SHIRT, AND FOOTBALL CLUB CAPS, THE PAITER SURUÍ REVEAL THEIR FASCINATION WITH THE THINGS OF THE "WHITE MAN." THE ONE ON THE LEFT IS NAMED MEREWÉ SURUÍ



RIBEPUIAH SURUÍ, DA ALDEIA LAPETANHA, ARMADO DE UMA GARRUCHA EM 1978, FEZ PARTE DA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA CONTRA INVASORES DA LINHA 7

RIBEPUIAH SURUÍ, FROM THE LAPETANHA VILLAGE, ARMED WITH A SHOTGUN IN 1978, WAS PART OF THE HISTORY OF RESISTANCE AGAINST LINE 7 INVADERS

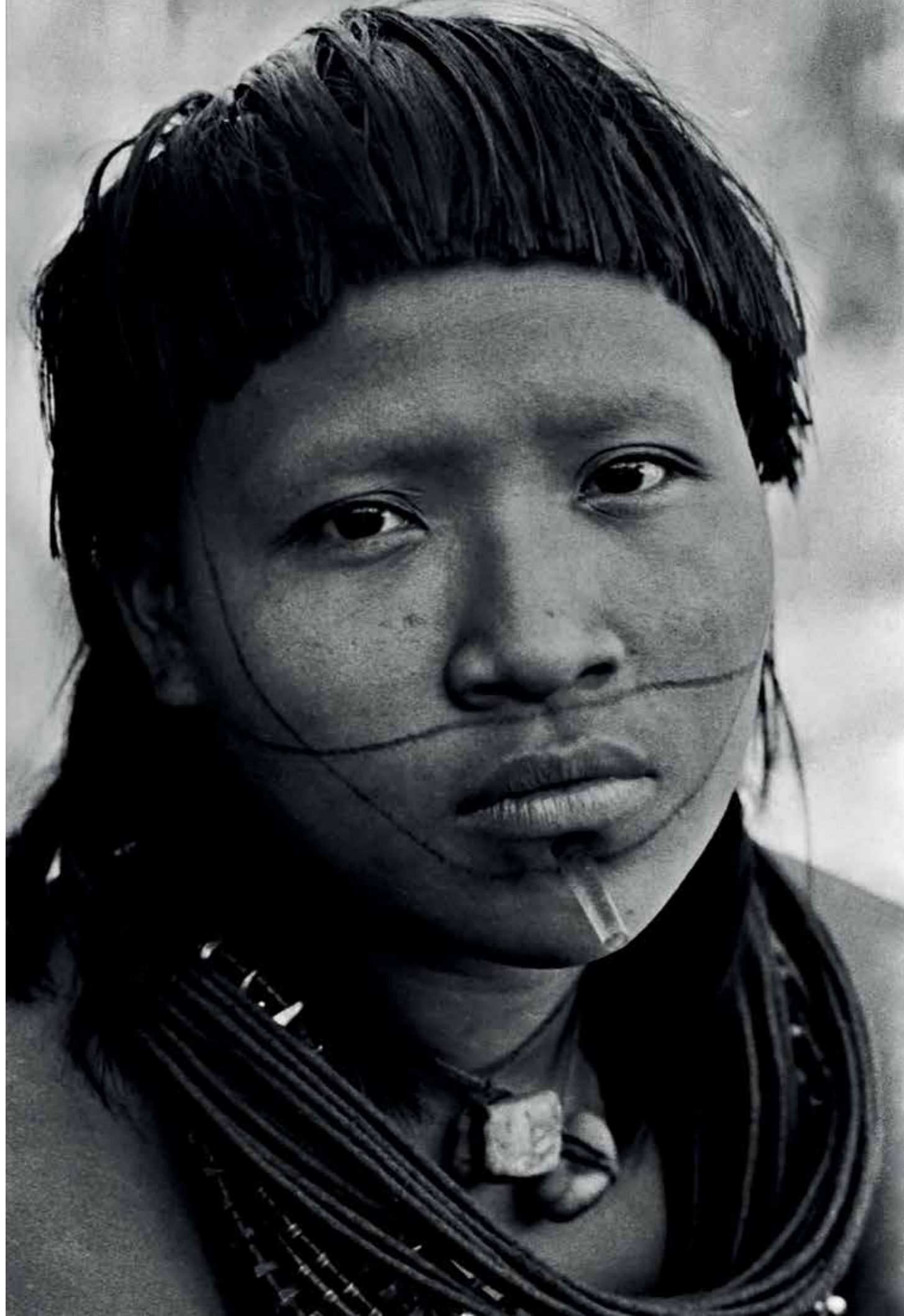


CACOAL INDÍGENA,
EM 1978 - MULHER
PAITER SURUÍ DO
POSTO INDÍGENA 7
DE SETEMBRO DEPÕE
PARA POSTERIDADE,
COM O OLHAR FIRME,
CARACTERÍSTICO DESTA
POVO EM RONDÔNIA

CACOAL, 1978 - A PAITER
SURUÍ WOMAN FROM THE 7
DE SETEMBRO INDIGENOUS
POST POSSES FOR POSTERITY
WITH A FIRM GAZE, A
CHARACTERISTIC OF THE
PEOPLE OF RONDÔNIA

SURUÍ FOTOGRAFADO
NO FINAL DOS ANOS
1970, AINDA DURANTE
A INVASÃO DA LINHA
7, CIRCUNSCRITA AO
PARQUE INDÍGENA DO
ARIPUANÃ

SURUÍ PHOTOGRAPHED
AT THE END OF THE
1970S, STILL DURING THE
INVASION OF LINE 7,
CIRCUMSCRIBED BY THE
ARIPUANÃ INDIGENOUS
PARK





OBRA DE PAVIMENTAÇÃO DA BR-364 EM PIMENTA BUENO. NOME DA CIDADE HOMENAGEIA JOSÉ ANTÔNIO PIMENTA BUENO, QUE PESQUISOU, FEZ ESTATÍSTICAS E RECONHECIMENTO DA REGIÃO

PAVING WORK ON BR-364 IN PIMENTA BUENO. THE CITY'S NAME PAYS TRIBUTE TO JOSÉ ANTÔNIO PIMENTA BUENO, WHO CONDUCTED RESEARCH, GATHERED STATISTICS, AND EXPLORED THE REGION




PRESIDENTE MÉDICI, 1982: NA BR-364, CAMINHÃO TOREIRO FAZ POEIRA: À ESQUERDA, MÃE CAMINHA COM TRÊS FILHOS

PRESIDENT MÉDICI, 1982: ON BR-364, A TOREIRO TRUCK KICKS UP DUST: TO THE LEFT, A MOTHER WALKS WITH THREE CHILDREN



PRESIDENTE MÉDICI, 1978: MIGRANTE NORDESTINA HABITAVA
UMA TÍPICA CASA DE ADOBE; NA PAREDE, O TRADICIONAL QUADRO
FAMILIAR

PRESIDENT MÉDICI, 1978: A NORTHEASTERN MIGRANT INHABITED A TYPICAL
ADOBE HOUSE; ON THE WALL, THE TRADITIONAL FAMILY PORTRAIT



PRESIDENTE MÉDICI,
1978: AVÓ E NETA SÃO
FOTOGRAFADAS NA EX-
VILA QUE PROSPEROU
PRÓXIMA A JI-PARANÁ

PRESIDENTE MÉDICI, 1978:
GRANDMOTHER AND
GRANDDAUGHTER ARE
PHOTOGRAPHED IN THE
FORMER VILLAGE THAT
THRIVED NEAR JI-PARANÁ



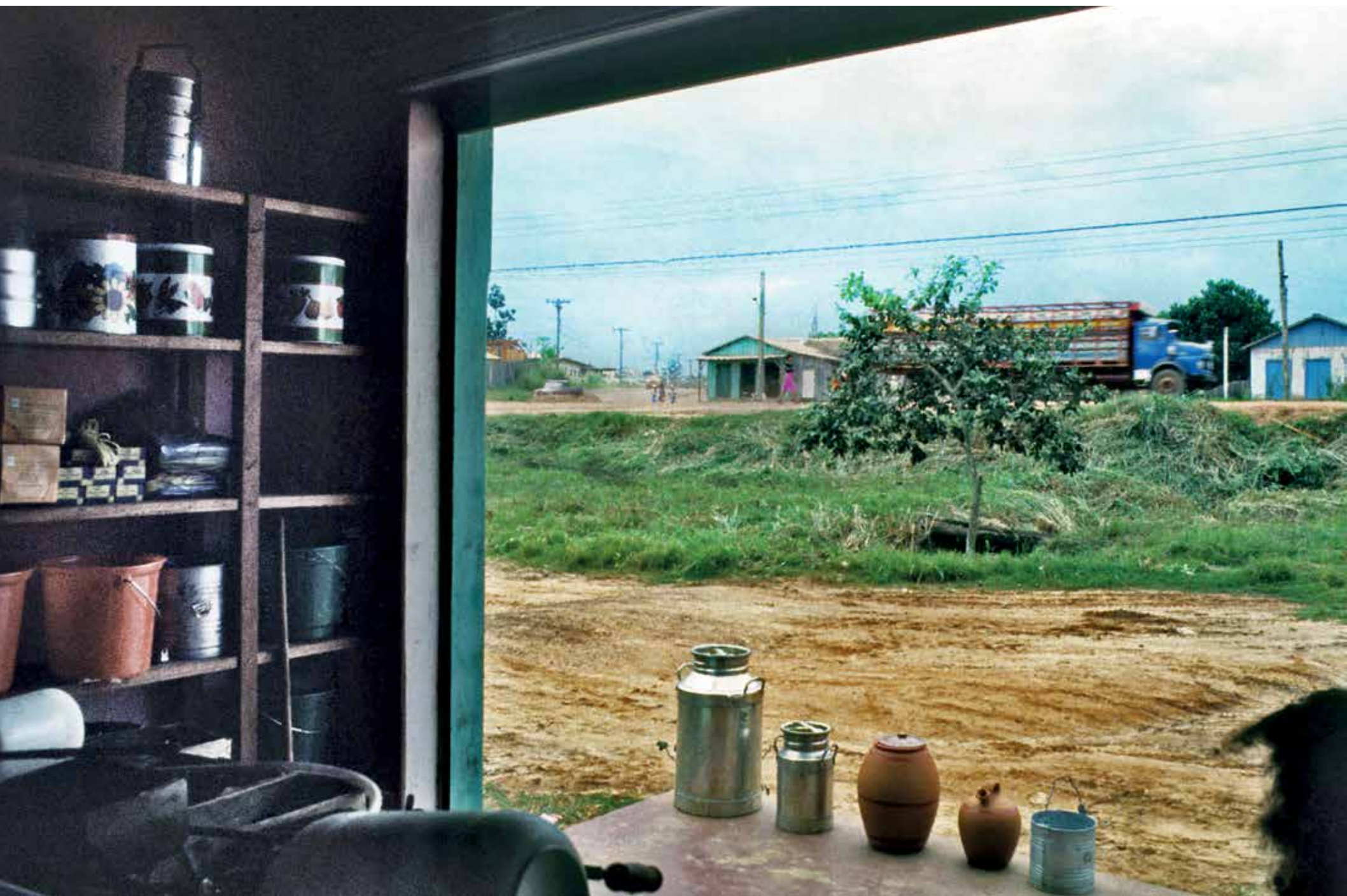
EM 1978, CARROÇÃO DE BOI PUXADO POR DOIS TOUROS TRANSPORTA A SAFRA DO COLONO EM CACOAL

IN 1978, A OXCART PULLED BY TWO BULLS TRANSPORTED THE SETTLER'S HARVEST IN CACOAL



BANANA NANICA E CACAU, RIQUEZAS NA FEIRA DOMINICAL EM
OURO PRETO DO OESTE, CIDADE NASCIDA DO PRIMEIRO PROJETO
INTEGRADO DE COLONIZAÇÃO DO INCRA

BANANA NANICA AND COCOA, RICHES AT THE SUNDAY FAIR IN OURO PRETO
DO OESTE, A CITY BORN FROM THE FIRST INTEGRATED COLONIZATION
PROJECT OF THE INCRA



CACOAL: DO INTERIOR DA CASA FERREIRA AVISTAVA-SE A BR-364,
DEPOIS DO BARRANCO

CACOAL: FROM THE INSIDE OF THE CASA FERREIRA, THE BR-364 WAS VISIBLE
AFTER THE RAVINE



COM O CACAO NAS COSTAS, AGRICULTOR ENTRA NA PEQUENA LOJA QUE VENDE FILTROS DE BARRO, BACIAS, BALDES, ENXADAS, MOTOSSERRAS, ALUMÍNIO E OUTROS PRODUTOS, EM 1978

WITH A LOAD OF CACAO ON HIS BACK, A FARMER ENTERS THE SMALL SHOP THAT SELLS CLAY FILTERS, BASINS, BUCKETS, HOES, CHAINSAWS, ALUMINUM, AND OTHER PRODUCTS, IN 1978



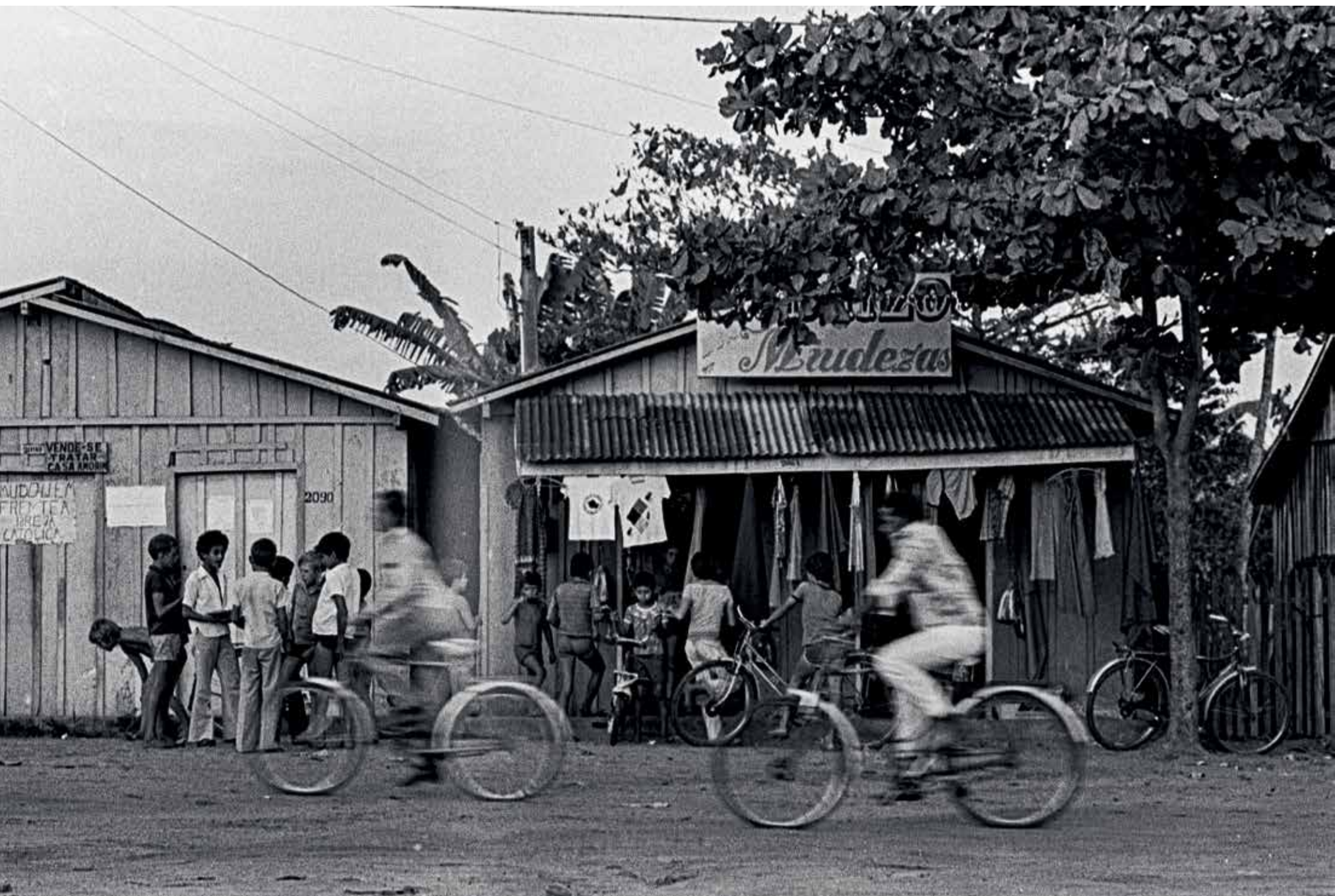
CARROÇA NA RUA, CRIANÇAS E BICICLETAS NA SOMBRA DA CASA:
CENÁRIO MUITO COMUM EM MEADOS DOS ANOS 1970; DEPOIS,
CACOAL CRESCEU

CART IN THE STREET, CHILDREN AND BICYCLES IN THE SHADE OF THE HOUSE:
A VERY COMMON SCENE IN THE MID-1970S; THEN, CACOAL GREW



ENGRAXATE ESTICA A PERNA E CAPRICHA O LUSTRE: UMA DAS NOBRES
PROFISSÕES QUE RESISTIAM EM 1982 EM CACOAL

SHOESHINER STRETCHES OUT HIS LEG AND POLISHES THE SHINE: ONE OF THE
NOBLE PROFESSIONS THAT PERSISTED IN 1982 IN CACOAL



CACOAL, 1978: CICLISTAS TRAFEGAM PELA AVENIDA 7 DE SETEMBRO, NO COMÉRCIO LOCAL

CACOAL, 1978: CYCLISTS RIDE ALONG AVENIDA 7 DE SETEMBRO, IN LOCAL SHOPS



ARMADA COM UMA GARRUCHA E ACOMPANHADA PELOS FILHOS,
MÃE SAI EM BUSCA DE "MISTURA" PARA O ALMOÇO NO DISTRITO DE
RIOZINHO, NA BR-364, EM 1978; AO FUNDO, PEQUENA SERRARIA

ARMED WITH A RIFLE AND ACCOMPANIED BY YOUR CHILDREN, A MOTHER
GOES IN SEARCH OF "MIXTURE" FOR LUNCH IN THE DISTRICT OF RIOZINHO,
ON BR-364, IN 1978; IN THE BACKGROUND, A SMALL SAWMILL



EM CACOAL, O MENINO
SE DEIXA FOTOGRAFAR
ABAIXO DA CRUZ
PREGADA NO TOSCO
PILAR DE MADEIRA
QUEIMADA

IN CACOAL, THE BOY
ALLOWS HIMSELF TO BE
PHOTOGRAPHED BENEATH
THE CROSS NAILED TO
THE CRUDE PILLAR OF
BURNED WOOD



NAS RUAS DE CACOAL,
O ENGRAXATE SAI EM
BUSCA DO SEU LUGAR
AO SOL, NUM DIA
QUALQUER DE 1978

IN THE STREETS OF
CACOAL, THE SHOESHINER
SETS OUT TO FIND HIS
PLACE IN THE SUN ON
ANY GIVEN DAY IN 1978

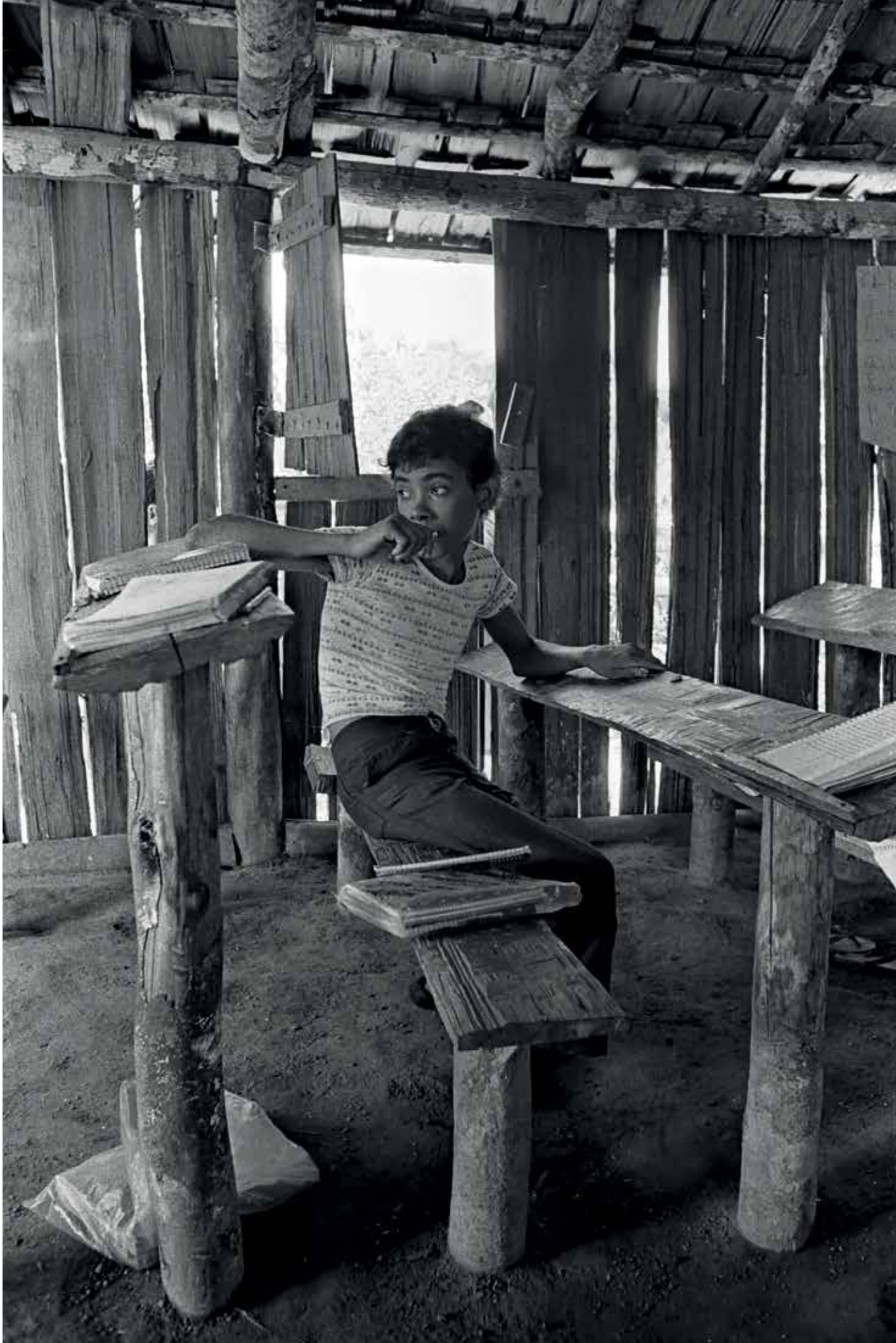


CACOAL, 1978: PROFESSORA RECEBE OS ALUNOS ENFILEIRADOS E COM AS MÃOS NOS OMBROS, NA PORTA DA ESCOLA RURAL

CACOAL, 1978: THE TEACHER WELCOMES THE STUDENTS LINED UP WITH THEIR HANDS ON THEIR SHOULDERS AT THE DOOR OF THE RURAL SCHOOL

SENTADO NO BANCO
TOSCO E DIANTE DA
MESA ANTIPEDAGÓGICA,
MENINO OLHA PARA TRÁS;
ASSIM ERA A ESCOLA NO
FINAL DOS ANOS 1970 EM
CACOAL

SITTING ON THE ROUGH
BENCH IN FRONT OF THE
NON-PEDAGOGICAL TABLE,
THE BOY LOOKS BACK;
THAT'S
HOW THE SCHOOL WAS IN
THE LATE 1970S IN CACOAL



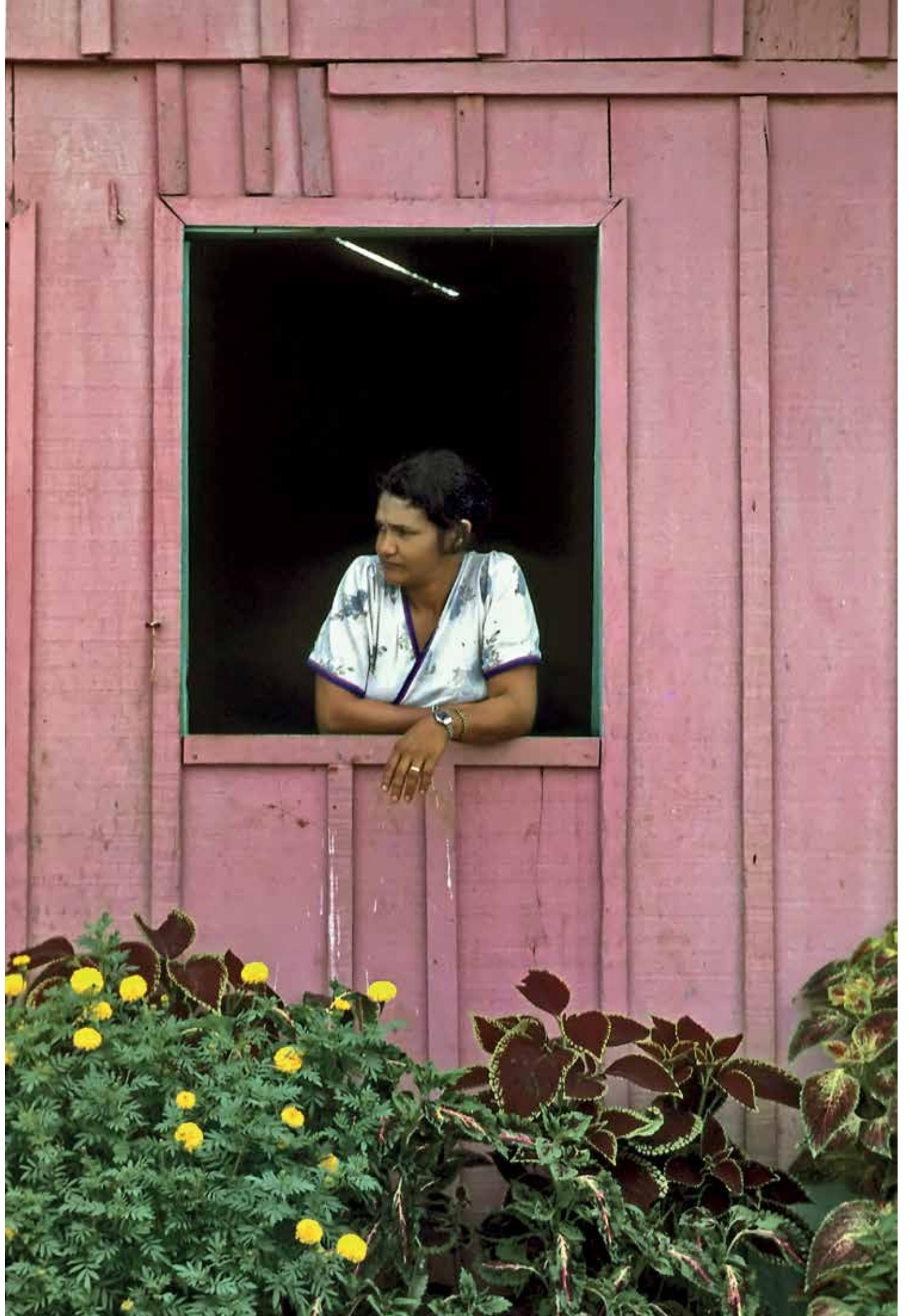


CACOAL, 1978: A
FELICIDADE ESTÁ
PRESENTE NO ROSTO
DESSES JOVENS
ANÔNIMOS PIONEIROS

CACOAL, 1978: HAPPINESS
IS PRESENT ON THE FACES
OF THESE ANONYMOUS
YOUNG PIONEERS

O VERDE DAS PLANTAS
E A FLOR AMARELA
CONTRASTAVAM COM A
PAREDE ROSA DA CASA
DE RIOZINHO, NO
DISTRITO DE CACOAL,
EM 1978

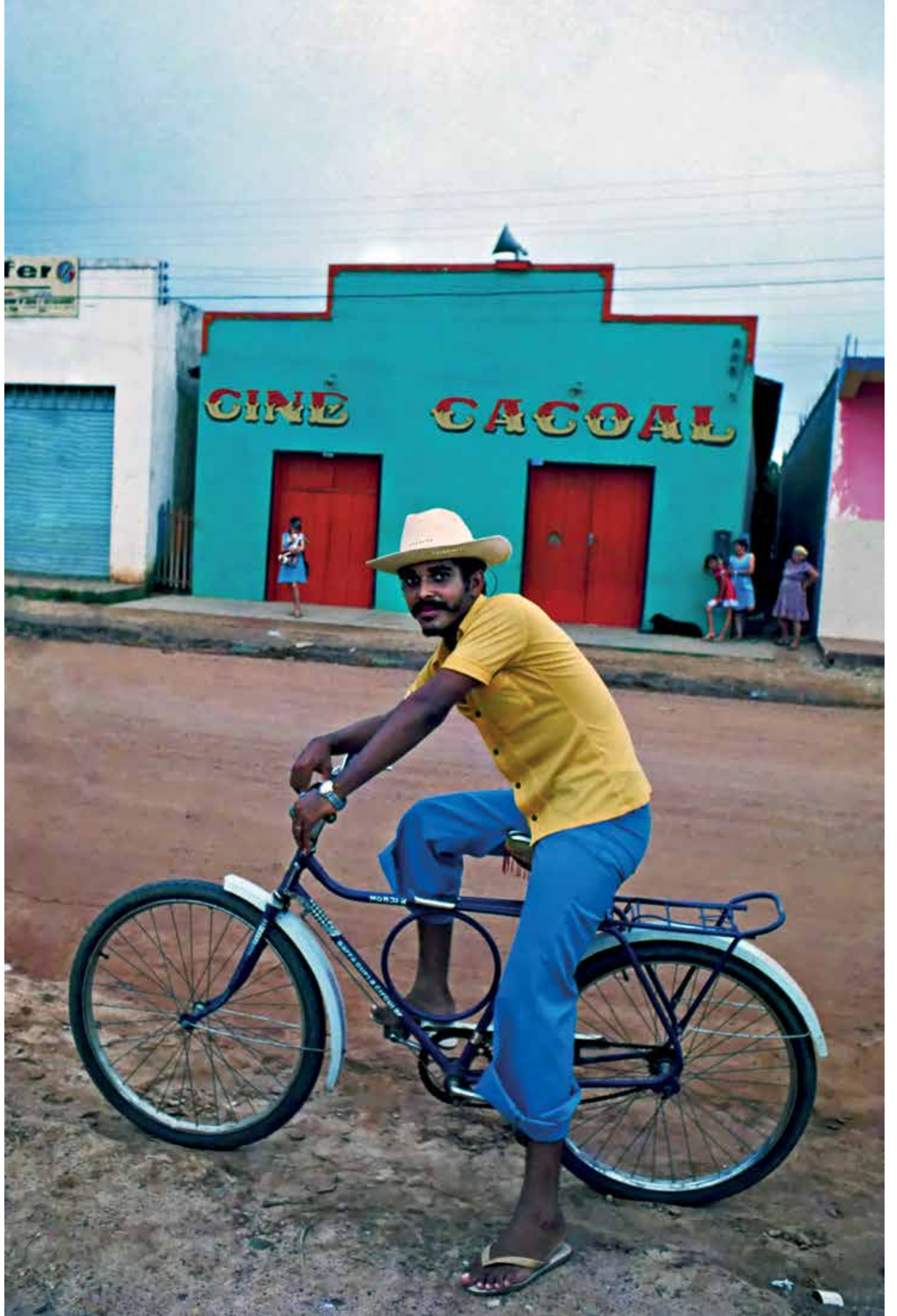
THE GREEN OF THE PLANTS
AND THE YELLOW FLOWER
CONTRASTED WITH THE
PINK WALL OF THE HOUSE
IN RIOZINHO, IN THE
DISTRICT OF CACOAL, IN
1978





ZONA RURAL DE
CACOAL, 1986:
PAPAGAIO DESCE
NO RUMO DA
JANELA ONDE ESTÁ
O MENINO, E À
FRENTE O GATO
BRANCO

RURAL ZONE OF
CACOAL, 1986: THE
PARROT DESCENDS
TOWARDS THE
WINDOW WHERE
THE BOY IS, AND IN
FRONT, THERE'S THE
WHITE CAT



AGRICULTOR PASSEIA DE
BICICLETA NA CACOAL DE
1982; DO OUTRO LADO DA
RUA, O CINEMA

A FARMER RIDES HIS BICYCLE
THROUGH CACOAL IN 1982;
ON THE OTHER SIDE OF THE
STREET, THE CINEMA



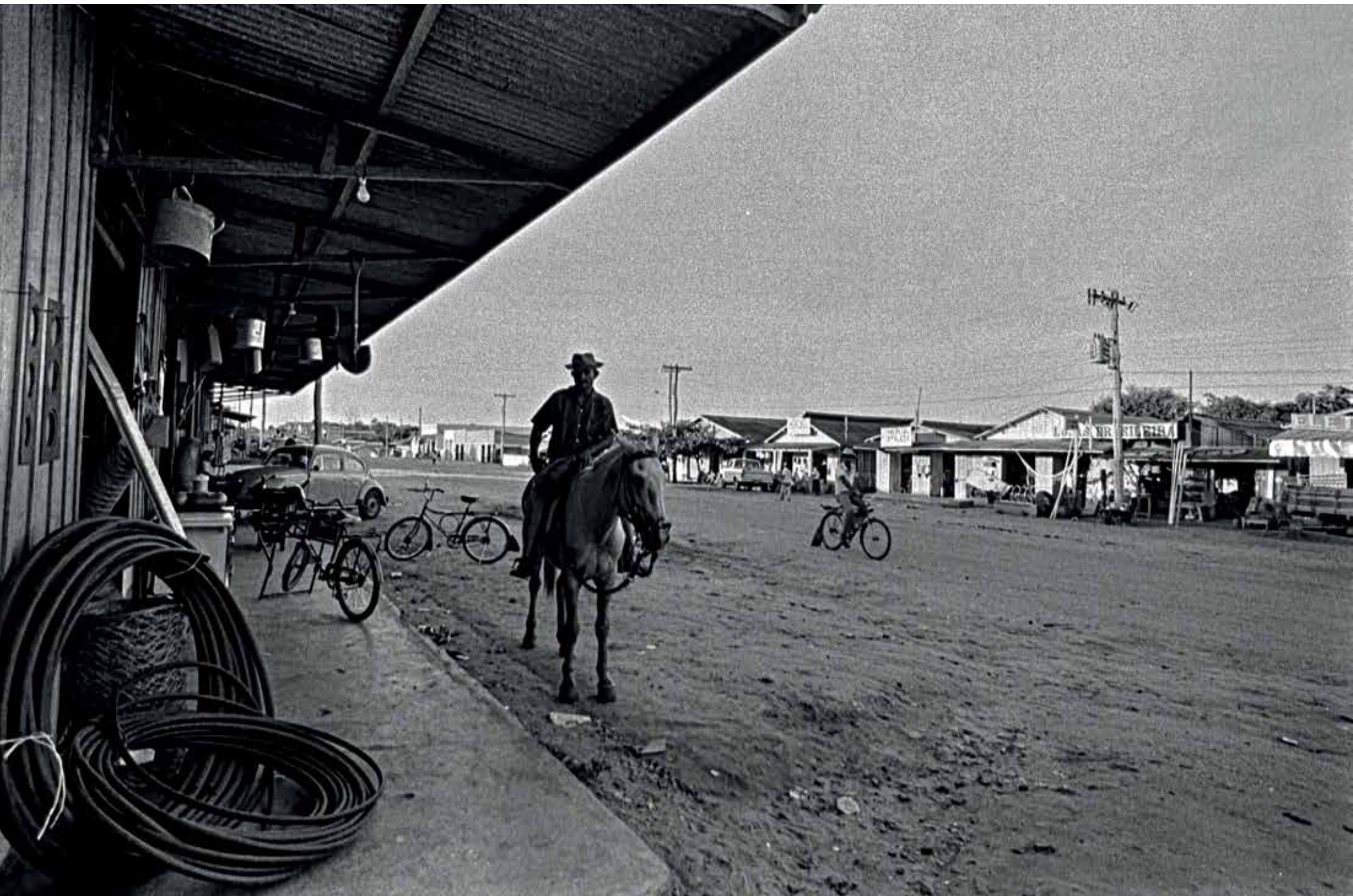
NÃO HAVIA CAMA PARA TODOS NA FAMÍLIA EM 1978: CRIANÇAS DORMIAM AMONTOADAS NO ÚNICO COLCHÃO DA HUMILDE CASA EM CACOAL

THERE WEREN'T ENOUGH BEDS FOR EVERYONE IN THE FAMILY IN 1978; CHILDREN SLEPT HUDDLED TOGETHER ON THE ONLY MATTRESS IN THE HUMBLE HOUSE IN CACOAL



PENSATIVO, O JOVEM CAIXEIRO CUIDA DE SUA BIROSCA EM CACOAL; O QUE LHE RESERVARIA 1978?

A YOUNG STORE CLERK, LOST IN THOUGHT, TENDS TO HIS SMALL SHOP IN CACOAL. WHAT WOULD 1978 HOLD IN STORE FOR HIM?



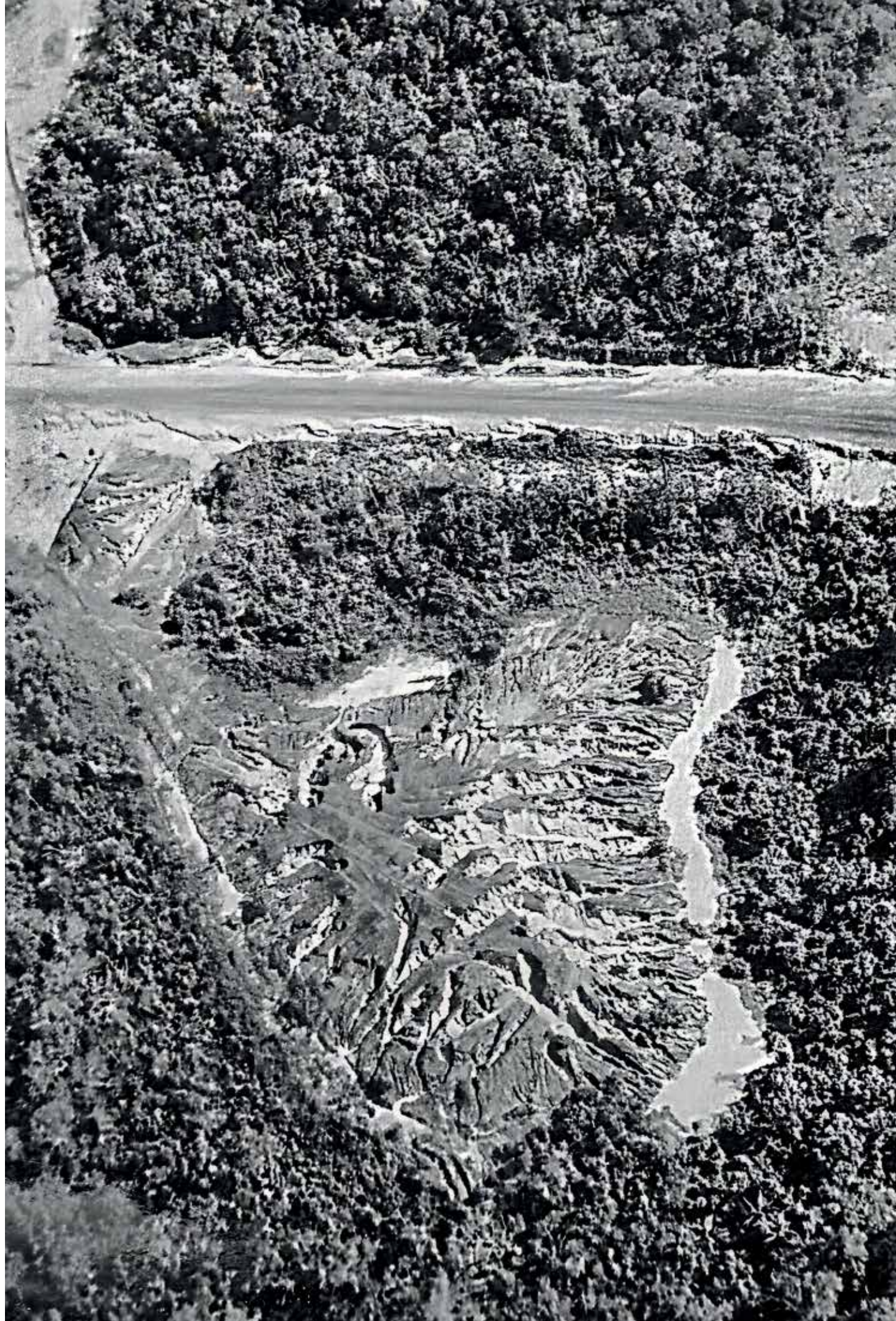
A BR-364, SE TRANSFORMA EM UMA IMPORTANTE RUA COMERCIAL DE
CACOAL EM 1978

BR-364 BECOMES AN IMPORTANT SHOPPING STREET IN CACOAL IN 1978



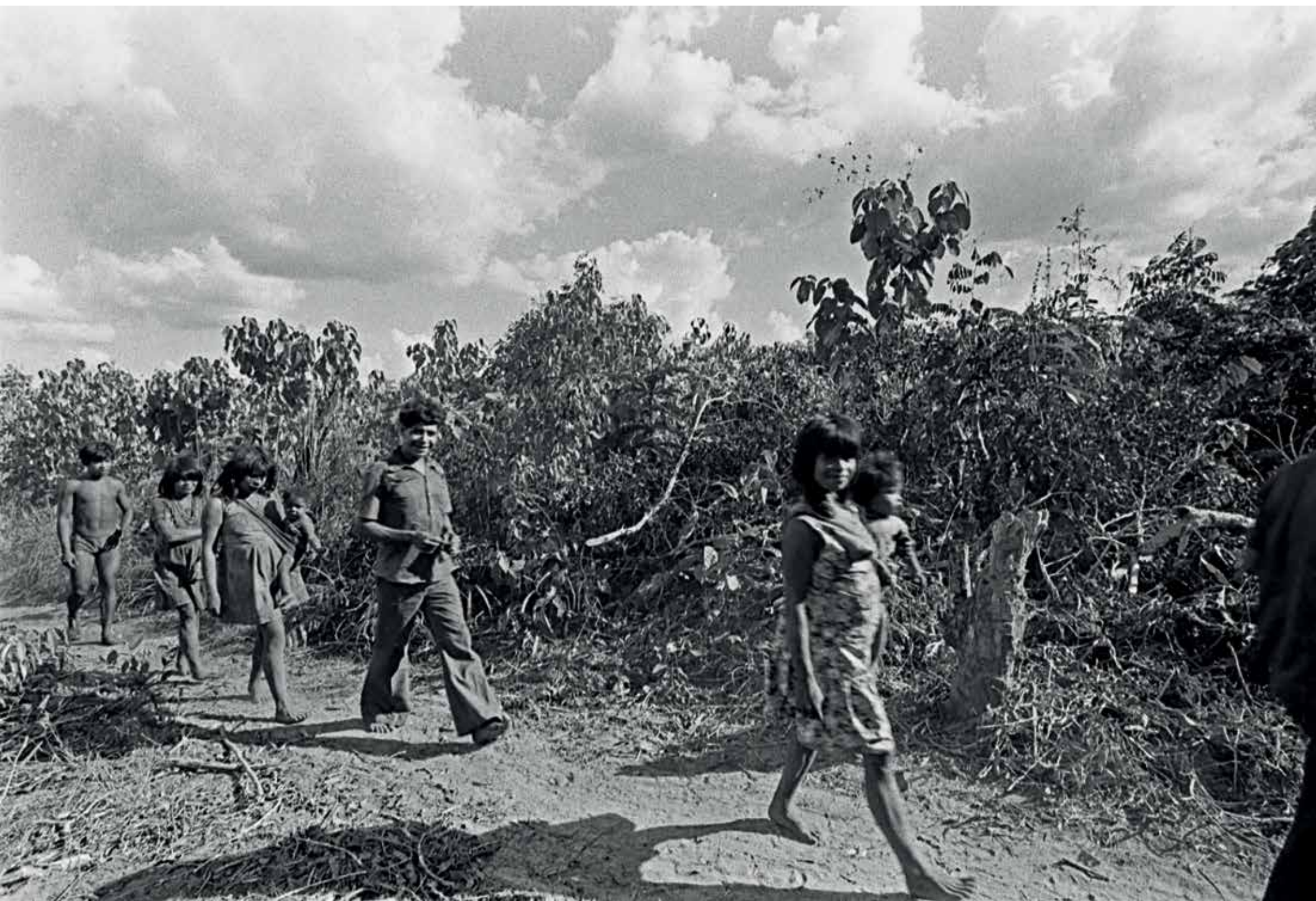
SOL, NUVENS CLARAS E POEIRA: MORADORES PASSAM PELO PONTO DOS CARROCEIROS NO CENTRO DE CACOAL, EM 1978

SUN, CLEAR CLOUDS, AND DUST: RESIDENTS PASS BY THE WAGONERS' POINT IN THE CENTER OF CACOAL, IN 1978



O DESMATAMENTO EM CHUPINGUAIA, NA REGIÃO APELIDADA DE CONE SUL DE RONDÔNIA, ABRIU ESPAÇO A LAVOURAS E PASTAGENS NOS ANOS 1980, SOB INFLUÊNCIA DA BR-364

DEFORESTATION IN CHUPINGUAIA, IN THE REGION NICKNAMED THE SOUTHERN CONE OF RONDÔNIA, MADE WAY FOR CROPS AND PASTURES IN THE 1980S, UNDER THE INFLUENCE OF THE BR-364 HIGHWAY



RESERVA COMODORO (MT), 1978: NAMBIKWARA, TAMBÉM CONHECIDO POR “POVO CINZA”, FOI ENVENENADO ALGUMAS VEZES POR AGROPECUARISTAS ENTRE O FINAL DOS ANOS 1960 E A DÉCADA DE 1970, NO VALE DO GUAPORÉ

COMODORO RESERVE (MT), 1978: NAMBIKWARA, ALSO KNOWN AS THE “GRAY PEOPLE”, WERE POISONED A FEW TIMES BY FARMERS BETWEEN THE LATE 1960S AND THE 1970S IN THE GUAPORÉ VALLEY



À VONTADE, NO CHÃO, A JOVEM NAMBIKWARA ESQUENTA A PONTA
AFIADA DA VARETA NA CONFECÇÃO DE COLAR COM SEMENTES DE
FRUTOS SILVESTRES

AT EASE, ON THE GROUND, A YOUNG NAMBIKWARA WOMAN HEATS THE
SHARP END OF A STICK WHILE MAKING A NECKLACE WITH WILD FRUIT SEEDS



SERRA MORENA, 1978: COM LEVE EXPRESSÃO DE DOR, OU DE ESTRANHEZA, MENINO NAMBIKWARA OLHA PARA O FOTÓGRAFO QUE O VISITA NO POSTO INDÍGENA AROEIRA

SERRA MORENA, 1978: WITH A SLIGHT EXPRESSION OF PAIN, OR OF STRANGENESS, A NAMBIKWARA BOY LOOKS AT THE PHOTOGRAPHER WHO VISITS HIM AT THE AROEIRA INDIGENOUS POST



MULHERES NAMBIKWARA DESCANSAM EM TEMPOS DE CALMARIA; ESSE POVO FALANTE DA LÍNGUA MAMAINDÊ É UM DOS MAIS SOFRIDOS NA HISTÓRIA DE RONDÔNIA

NAMBIKWÁRA WOMEN REST IN TIMES OF CALM; THIS PEOPLE SPEAKING THE MAMAINDÊ LANGUAGE IS ONE OF THE MOST SUFFERING IN THE HISTORY OF RONDÔNIA



INDÍGENA NAMBIKWARA, PERTENCENTE A UMA NAÇÃO ESTUDADA PELO ANTROPÓLOGO CLAUDE LÉVY-STRAUSS E PELO MARECHAL CÂNDIDO RONDON; ESSE POVO SOBREVIVENTE A DIVERSOS ATAQUES GENOCIDAS VIVE NAS CABECEIRAS DOS RIOS GUAPORÉ E JURUENA

A NAMBIKWARA INDIGENOUS PERSON, BELONGING TO A NATION STUDIED BY ANTHROPOLOGIST CLAUDE LÉVI-STRAUSS AND MARSHAL CÂNDIDO RONDON; THIS PEOPLE, WHO HAVE SURVIVED VARIOUS GENOCIDAL ATTACKS, LIVE AT THE HEADWATERS OF THE GUAPORÉ AND JURUENA RIVERS

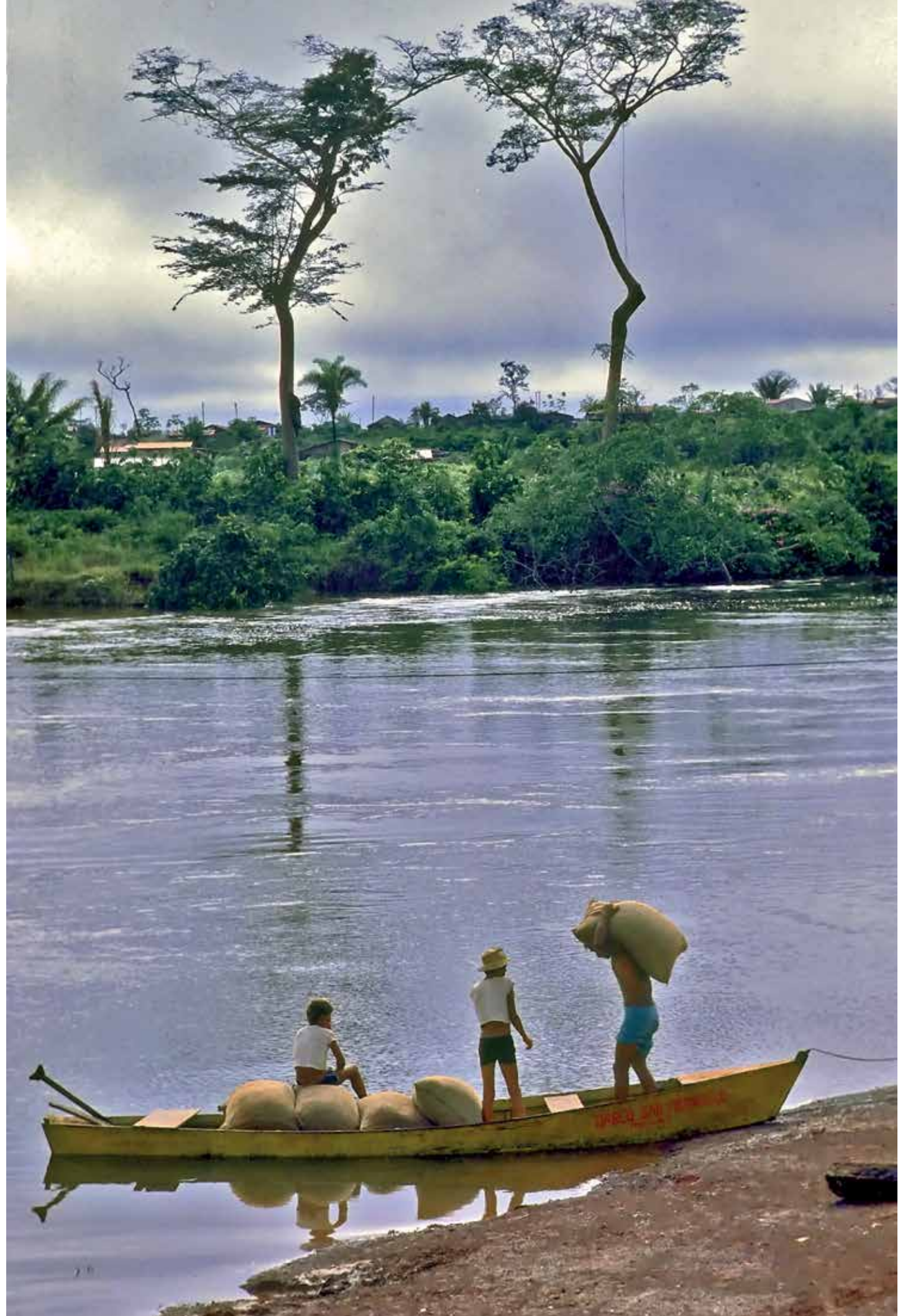


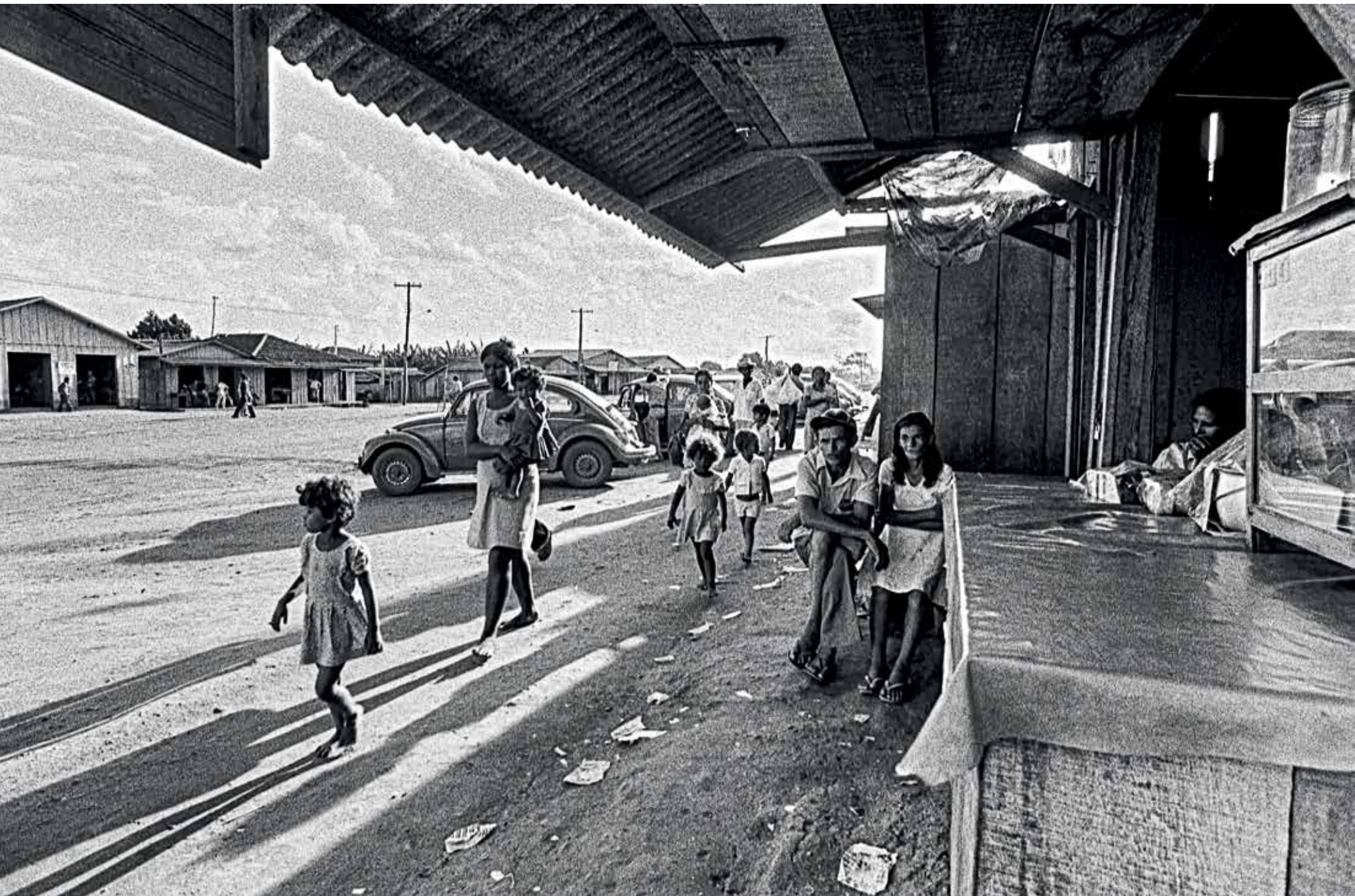
A Balsa do Rio Pimenta era o único meio para os colonos irem à cidade, fazendo a travessia ao lado das picapes 4 x 4 tracionadas

The ferry across the Pimenta River was the only way for the settlers to get to the city, making the crossing alongside 4 x 4 pickup trucks with traction

COLONOS ATRAVESSAM,
DE CANOA, SACOS DE
ARROZ E MILHO NO RIO
BARÃO DE MELGAÇO:
CENA COMUM NO FINAL
DOS ANOS 1970, QUANDO
FALTAVAM PONTES E
A DISTÂNCIA ENTRE
A CIDADE E A ROÇA
AUMENTAVA

COLONISTS CROSS THE
RIO BARÃO DE MELGAÇO
IN CANOES, CARRYING
SACKS OF RICE AND CORN:
A COMMON SCENE IN
THE LATE 1970S, WHEN
THERE WERE NO BRIDGES
AND THE DISTANCE
BETWEEN THE CITY AND
THE COUNTRYSIDE WAS
INCREASING





PIMENTA BUENO, 1978: MIGRANTES CAMINHAM NUMA DAS MARGENS DA BR-364

PIMENTA BUENO, 1978: MIGRANTS WALK ALONG ONE OF THE SIDES OF BR-364



PIMENTA BUENO, 1978: NOIVOS ESPERAM A VEZ NO LADO DE FORA DO CARTÓRIO CIVIL; AO LADO, A MAJESTOSA RURAL WILLYS

PIMENTA BUENO, 1978: BRIDE AND GROOM WAIT THEIR TURN OUTSIDE THE CIVIL REGISTRY OFFICE; NEXT TO IT, THE MAJESTIC RURAL WILLYS



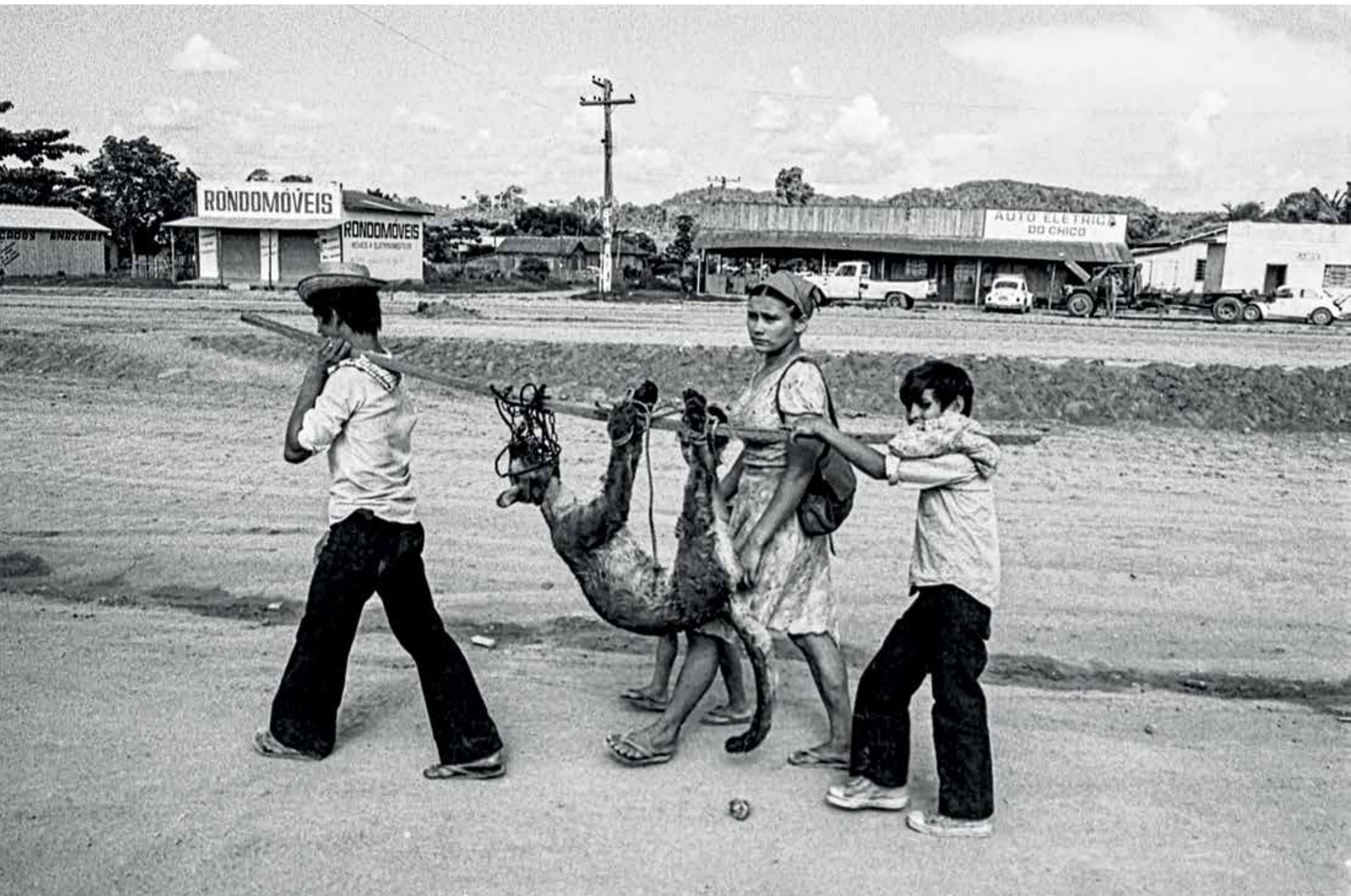
EM 1978, A LANCHONETE AMARELINHO ERA POINT DA JUVENTUDE EM PIMENTA BUENO, CIDADE QUE ALCANÇOU 36 MIL HABITANTES E RENDA PER CAPITA ATUAL DE R\$ 31,7 MIL

IN 1978, THE AMARELINHO DINER WAS A POPULAR HANGOUT FOR YOUNG PEOPLE IN PIMENTA BUENO, A CITY THAT HAS SINCE GROWN TO 36,000 RESIDENTS AND CURRENTLY BOASTS A PER CAPITA INCOME OF R\$ 31,700



PIMENTA BUENO, 1979: FAMÍLIA SAI PARA O FELIZ PASSEIO
CARREGANDO OS FILHOS NA BICICLETA

PIMENTA BUENO, 1979: A FAMILY GOES FOR A HAPPY OUTING CARRYING
THEIR CHILDREN ON A BICYCLE



PIMENTA BUENO, 1982: COLONOS CARREGAM NAS COSTAS A ONÇAPARDA SUÇUARANA QUE, SEGUNDO ELES, ATACA CRIAÇÕES. NO MOMENTO DA FOTO, IRIAM VENDER O FELINO CAPTURADO

PIMENTA BUENO, 1982: SETTLERS CARRY ON THEIR BACKS THE PUMA SUÇUARANA, WHICH, ACCORDING TO THEM, ATTACKED LIVESTOCK. AT THE TIME OF THE PHOTO, THEY WERE GOING TO SELL THE CAPTURED FELINE



PIMENTA BUENO, 1978: O ARCO-ÍRIS PARECE SAIR DO QUINTAL DESSE COMÉRCIO NUMA DAS MARGENS DA BR-364

PIMENTA BUENO, 1978: THE RAINBOW SEEMS TO COME OUT OF THE BACKYARD OF THIS BUSINESS ON ONE SIDE OF BR-364



PISANDO NO CHÃO BATIDO, MULHER PREPARA O CAFEZINHO; ESSE ERA O PADRÃO DAS CASAS NOS LOTES RURAIS DO INCRA, EM 1979

STEPPING ON THE DIRT FLOOR, A WOMAN PREPARES COFFEE; THIS WAS THE PATTERN OF THE HOUSES ON INCRA'S RURAL PLOTS IN 1979



ROLIM DE MOURA, 1978: FACHADA DE UMA CASA FLORIDA. "MINHA CASA TAMBÉM TEM QUE SER UM JARDIM"

ROLIM DE MOURA, 1978: THE FAÇADE OF A FLOWERED HOUSE: "MY HOUSE ALSO HAS TO BE A GARDEN"

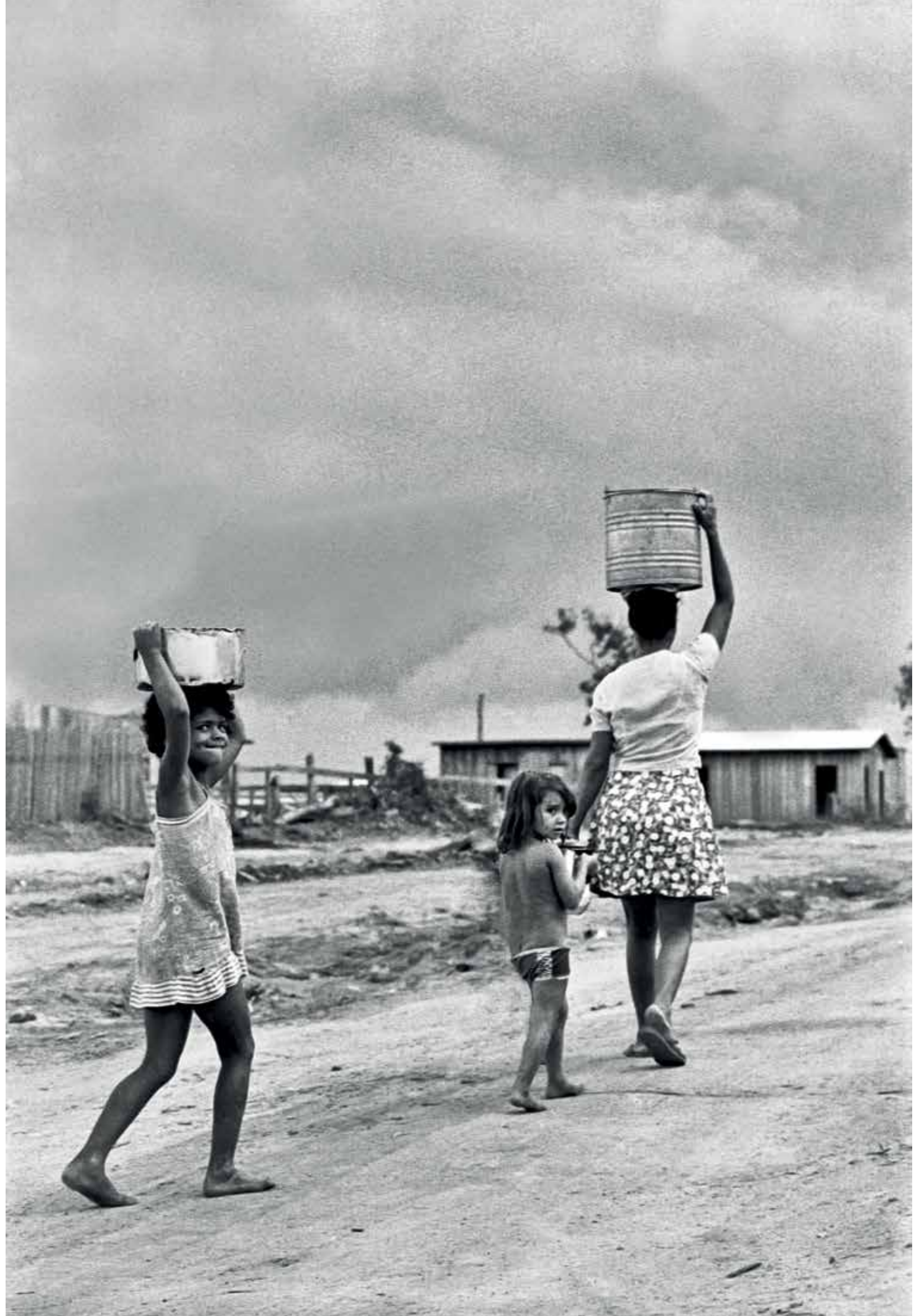


PIMENTA BUENO,
1982: NO FINAL
DA TARDE
COM NUVENS
ESCURAS, ALUNAS
ATRAVESSAM A
BR-364 NA VOLTA
DA ESCOLA

PIMENTA BUENO,
1982: IN THE LATE
AFTERNOON WITH
DARK CLOUDS,
FEMALE STUDENTS
CROSS THE BR-
364 ON THEIR
WAY BACK FROM
SCHOOL

ESPIGÃO DO OESTE,
1979: ACOMPANHADA
PELAS FILHAS, MÃE
CARREGA ÁGUA QUE
FOI BUSCAR NO
IGARAPÉ

ESPIGÃO DO OESTE, 1979:
ACCOMPANIED BY HER
DAUGHTERS, A MOTHER
CARRIES WATER THAT
SHE FETCHED FROM THE
STREAM



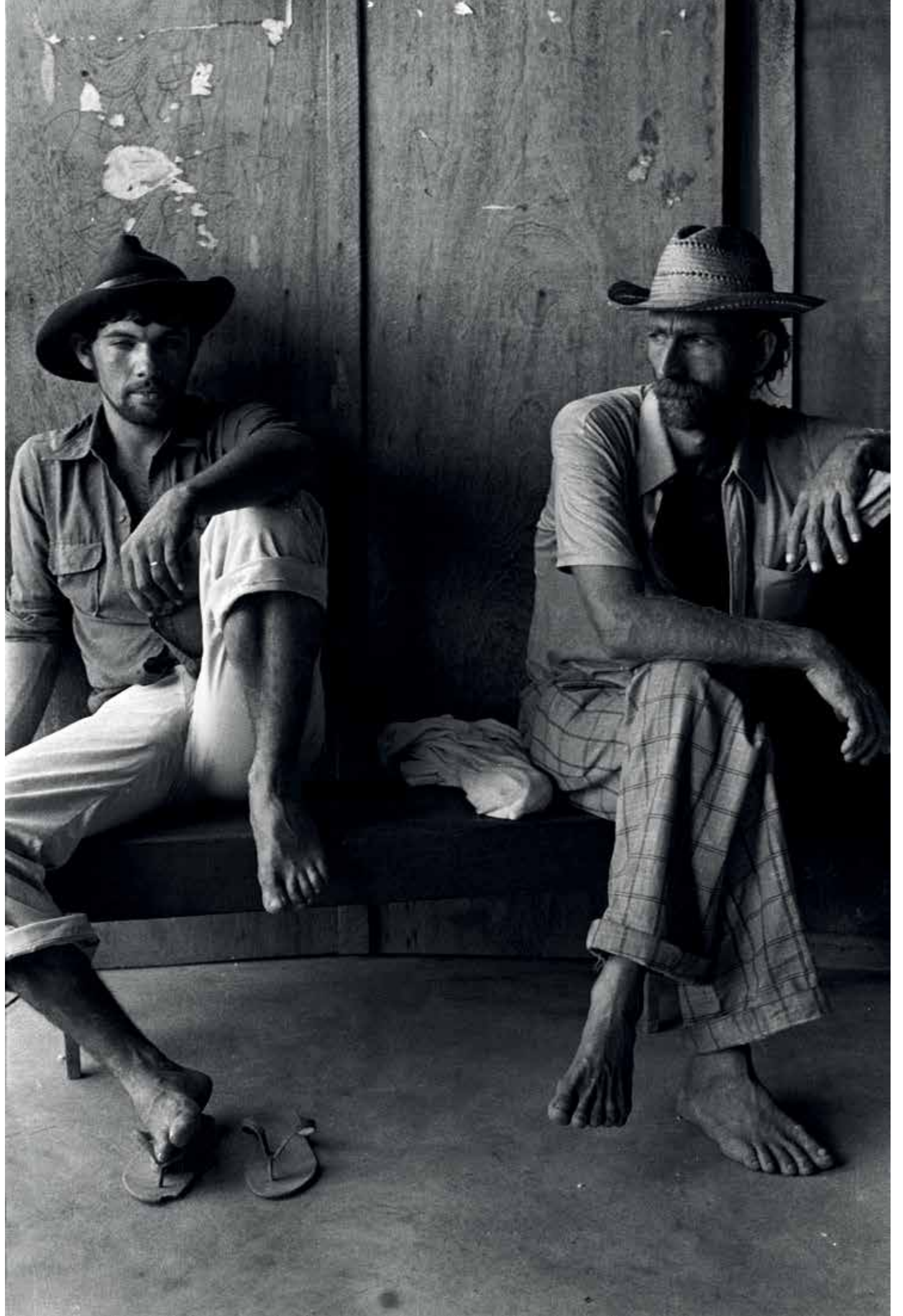


DOIS HOMENS CONDUZEM UM BURRO E UM BOI NO CAMINHO
EMPOEIRADO DE ROLIM DE MOURA, NA ZONA DA MATA

TWO MEN LEAD A DONKEY AND AN OX DOWN A DUSTY ROAD IN ROLIM DE
MOURA, ZONA DA MATA

AGRICULTORES
DESFUTAVAM DO
ÚNICO LAZER EM
ESPIGÃO DO OESTE
EM 1978: O BOTEÇO DE
PORTAS SEMPRE ABERTAS
PARA MIGRANTES
CAPIXABAS

FARMERS ENJOYED THE
ONLY LEISURE ACTIVITY
IN ESPIGÃO DO OESTE
IN 1978: THE BAR WITH
DOORS ALWAYS OPEN FOR
MIGRANTS FROM ESPÍRITO
SANTO





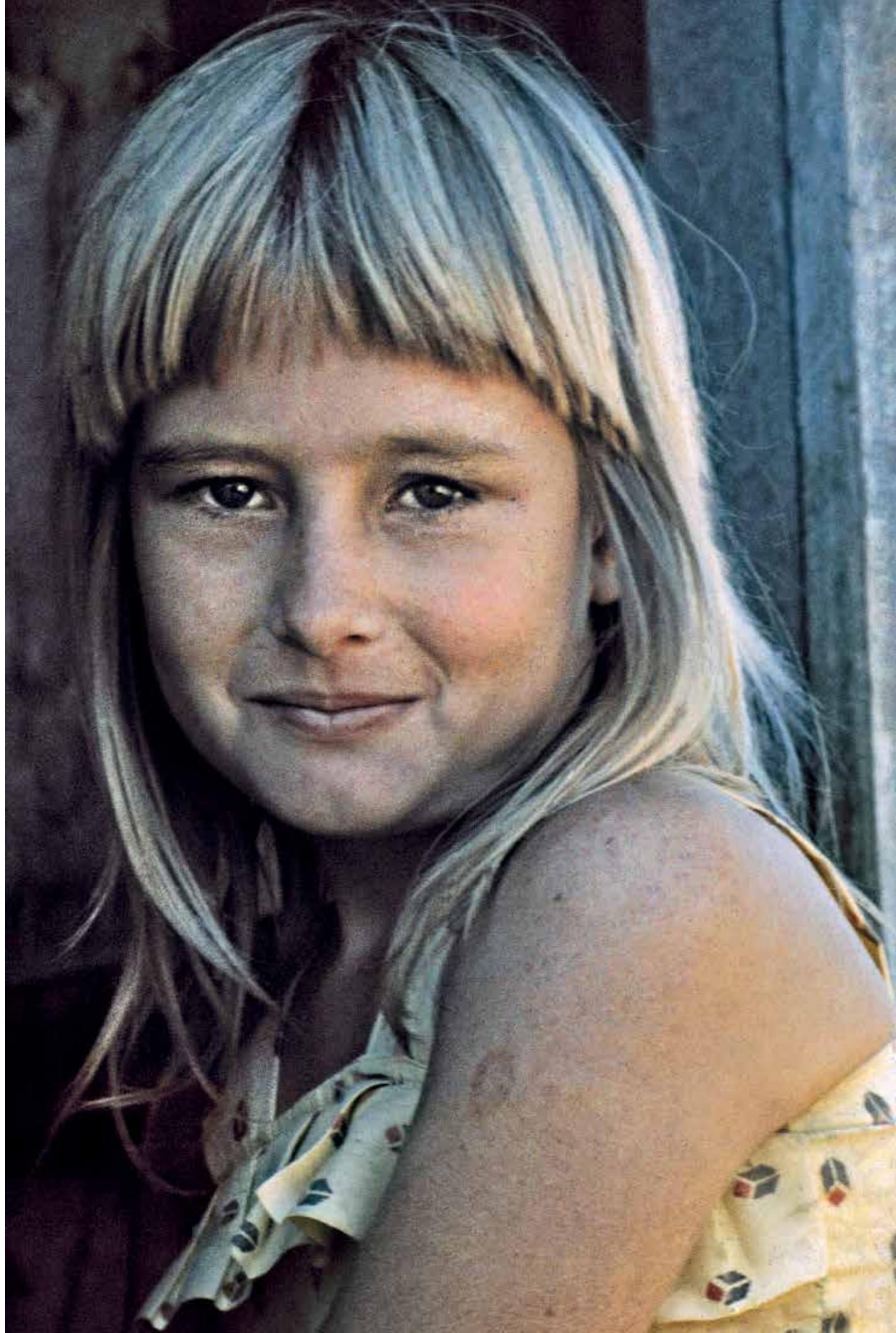
ESPIGÃO DO OESTE,
1978: MENINA DE PELE
CLARA PÕE A MÃO NO
QUEIXO NO AZUL DA
IGREJA

ESPIGÃO DO OESTE,
1978: FAIR-SKINNED GIRL
PLACES HER HAND ON
HER CHIN AGAINST THE
BLUE BACKDROP OF THE
CHURCH

CRIANÇA SENTADA NA
ESCADA DE CASA EM ESPIGÃO
DO OESTE. A MISCIGENAÇÃO
DEU A RONDÔNIA NOVA
GERAÇÃO DE CRIANÇAS DE
PELE CLARA OU MORENA
CLARA

CHILD SITTING ON THE
STAIRS AT HOME IN ESPIGÃO
DO OESTE. MISCEGENATION
HAS GIVEN RONDÔNIA A NEW
GENERATION OF CHILDREN
WITH LIGHT OR LIGHT BROWN
SKIN





OUTRA FILHA DE
POMERANOS VISTA EM
1978; FAMÍLIAS DO MAR
BÁLTICO MIGRARAM
PARA O ESTADO DO
ESPÍRITO SANTO, E
MAIS TARDE PARA O
TERRITÓRIO FEDERAL DE
RONDÔNIA

ANOTHER DAUGHTER OF
POMERANIANS SEEN IN
1978; FAMILIES FROM THE
BALTIC SEA MIGRATED TO
THE STATE OF ESPÍRITO
SANTO, AND LATER TO THE
FEDERAL TERRITORY OF
RONDÔNIA



MENINA FILHA DE POMERANOS MIGROU DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO PARA A VILA ESPIGÃO DO OESTE DURANTE O PERÍODO DE ASSENTAMENTO DE MIGRANTES CAPIXABAS, ENTRE 1973 E 1976

A GIRL, THE DAUGHTER OF POMERANIANS, MIGRATED FROM THE STATE OF ESPÍRITO SANTO TO THE VILLAGE OF ESPIGÃO DO OESTE DURING THE PERIOD OF SETTLEMENT OF MIGRANTS FROM ESPÍRITO SANTO, BETWEEN 1973 AND 1976



COMÉRCIO EM BARRACAS, RUA ENLAMEADA. ASSIM ERA ROLIM DE MOURA EM 1982, POUCO ANTES DA CRIAÇÃO DO ESTADO

COMMERCE IN STALLS, MUDDY STREET. THIS IS HOW ROLIM DE MOURA WAS IN 1982, SHORTLY BEFORE THE CREATION OF THE STATE



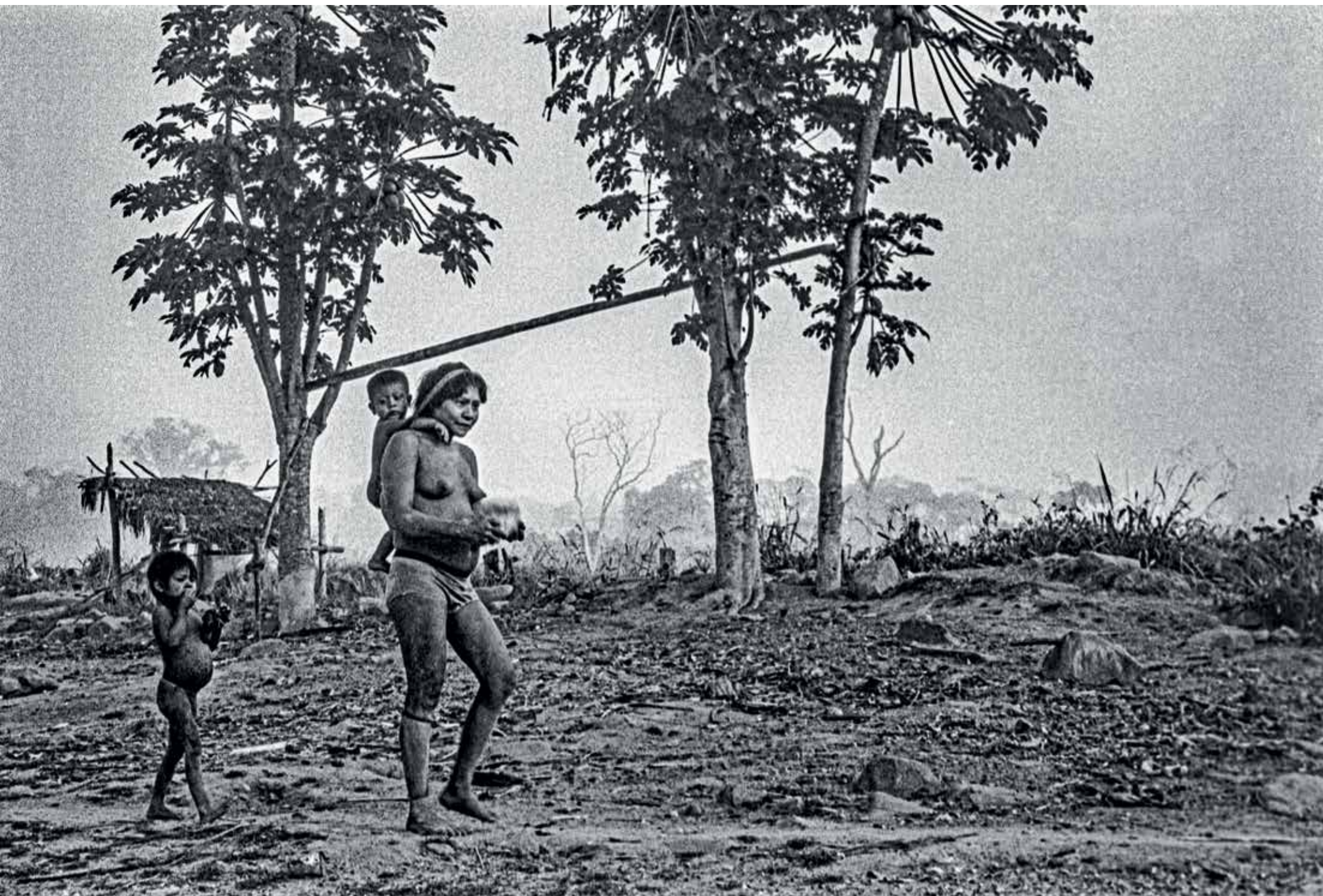
POLUÍDA VISUALMENTE POR CARTAZES DE POLÍTICOS EM 1982, A IMPROVISADA RODOVIÁRIA DE ROLIM DE MOURA FUNCIONAVA NESSA CASA DE MADEIRA PINTADA DE AMARELO

VISUALLY POLLUTED BY POLITICAL POSTERS IN 1982, THE IMPROVISED BUS STATION IN ROLIM DE MOURA OPERATED IN THIS YELLOW-PAINTED WOODEN HOUSE



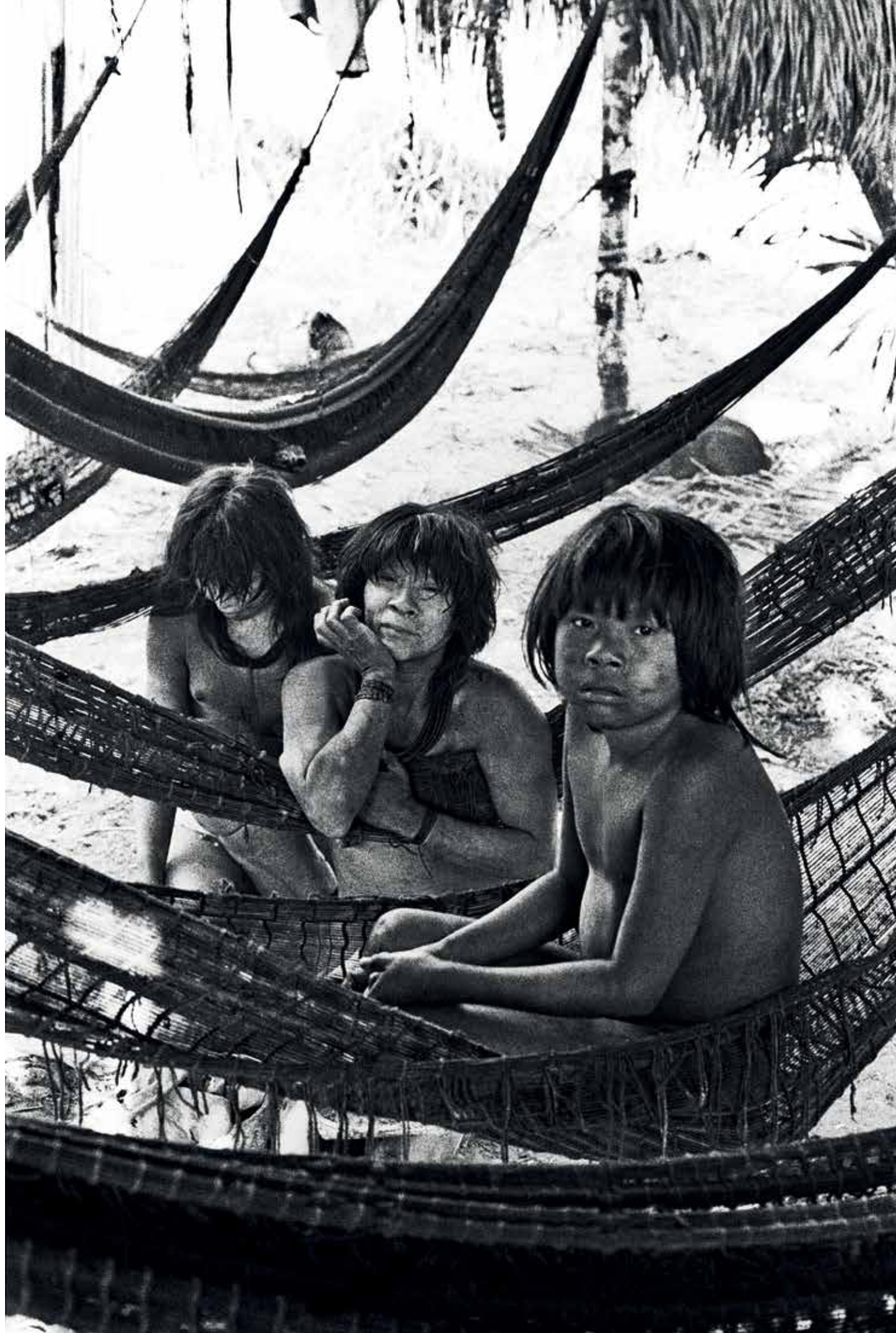
ROLIM DE MOURA, ZONA DA MATA DE RONDÔNIA, EM 1982: AVENIDA 25 DE AGOSTO, ESPINHA DORSAL EM CHÃO BATIDO, MAIS TARDE VALORIZARIA A CIDADE PLANEJADA

ROLIM DE MOURA, ZONA DA MATA OF RONDÔNIA, IN 1982: AVENIDA 25 DE AGOSTO, A DIRT ROAD BACKBONE, WOULD LATER ADD VALUE TO THE PLANNED CITY



ACOMPANHADA PELO FILHO PEQUENO, MÃE CINTA LARGA CAMINHA
COM O BEBÊ NAS COSTAS NUM PEDAÇO DESMATADO DA TERRA
INDÍGENA DO ROOSEVELT

ACCOMPANYING HER YOUNG SON, A CINTA LARGA MOTHER WALKS WITH HER
BABY ON HER BACK IN A DEFORESTED AREA OF THE ROOSEVELT INDIGENOUS
TERRITORY

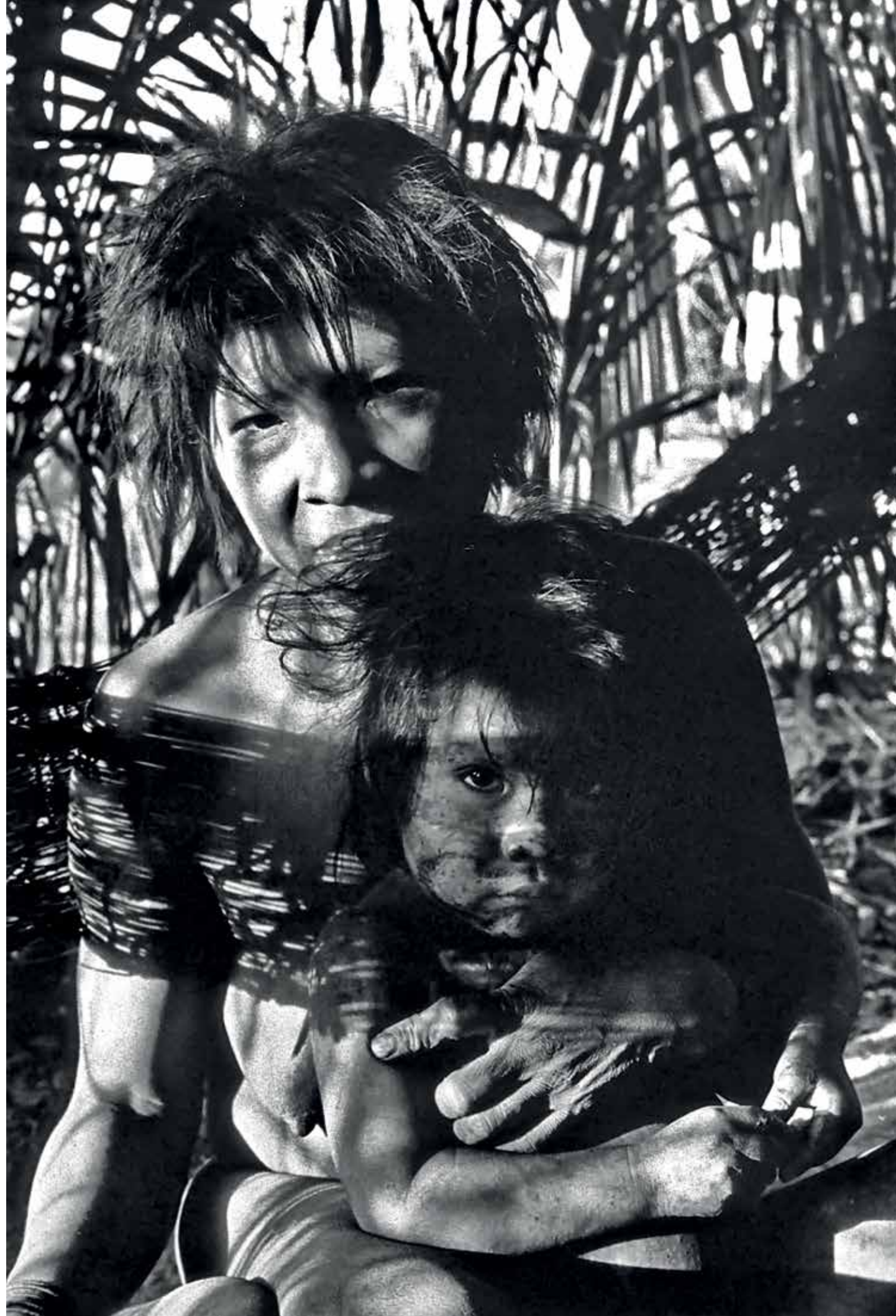


INDÍGENAS CINTA LARGA
EM FASE DE CONTATO NO
INTERIOR DO ROOSEVELT,
EM 1978; CADA UM ERA
DONO DE UMA REDE

CINTA LARGA INDIGENOUS
PEOPLE IN THE EARLY
STAGES OF CONTACT IN
THE ROOSEVELT REGION, IN
1978; EACH ONE OWNED A
HAMMOCK

MÃE E FILHO CINTA
LARGA, NA PRIMEIRA
FASE DE CONTATO DESSE
POVO, NO ENTORNO
DO POSTO INDÍGENA
DO ROOSEVELT EM 1978

CINTA LARGA MOTHER
AND CHILD, IN THE
FIRST PHASE OF CONTACT
WITH THIS PEOPLE, IN
THE VICINITY OF THE
ROOSEVELT INDIGENOUS
POST IN 1978





O LAR DA FAMÍLIA
DESSA INDÍGENA CINTA
LARGA AINDA É DE
TAIPA, CONSTRUÇÃO
COMUM NA T. I.
ROOSEVELT ENTRE OS
ANOS 1960 E 70

THE FAMILY HOME OF THIS
CINTA LARGA INDIGENOUS
WOMAN IS STILL MADE
OF RAMMED EARTH, A
COMMON CONSTRUCTION
IN THE T. I. ROOSEVELT
BETWEEN THE 1960S AND
70S

EM 1978: CASAL DE
IRMÃOS CINTAS
LARGAS COM
ADORNOS NOS
BRAÇOS FORÇAM A
MUSCULATURA

IN 1978: A PAIR OF WIDE-
BELTED BROTHERS WITH
ADORNMENTS ON THEIR
ARMS FORCING UP THEIR
MUSCLES



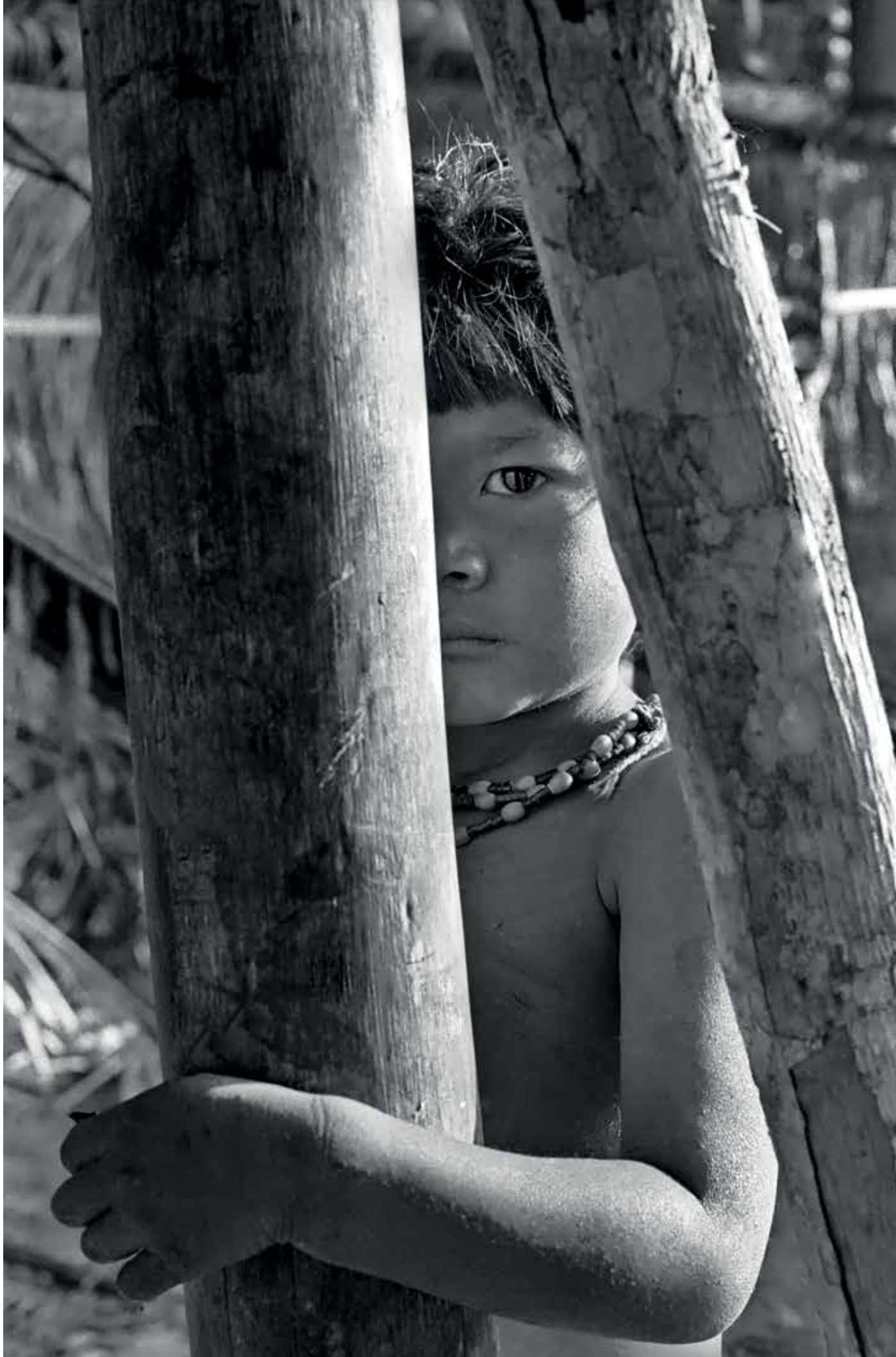


MÃE DESCASCA MANDIOCA NA PORTA DA CASA DE TAIPA QUE
INCORPORAVA PEDRAS À MADEIRA. NO P.I. ROOSEVELT, EM 1978

A MOTHER PEELS CASSAVA AT THE DOOR OF A WATTLE AND DAUB HOUSE THAT
INCORPORATED STONES INTO THE WOOD. IN THE ROOSEVELT INDIGENOUS
TERRITORY, IN 1978

UM OLHAR DESCONFIADO PARA A CÂMERA: “EU ESTAVA NA ALDEIA E VI CHEGAR APROXIMADAMENTE 70 ÍNDIOS QUE ESTAVAM ESCONDIDOS NA MATA, PRESSIONADOS POR INVASORES”, CONTA KIM-IR-SEN

A SUSPICIOUS LOOK AT THE CAMERA: “I WAS IN THE VILLAGE AND SAW ABOUT 70 INDIANS ARRIVE WHO WERE HIDING IN THE WOODS, UNDER PRESSURE FROM INVADERS,” SAYS KIM-IR-SEN



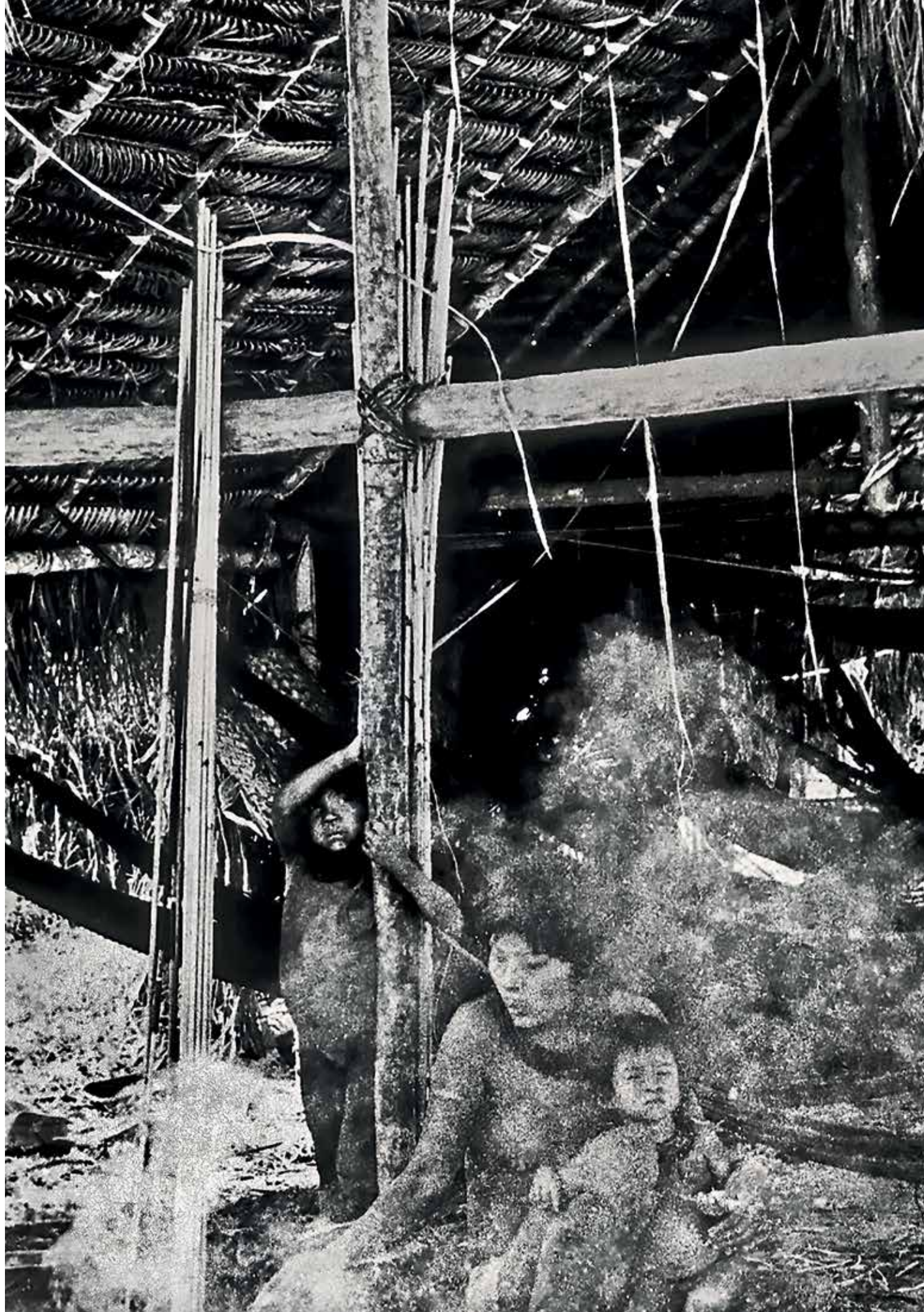


INDÍGENA CINTA
LARGA ASSA QUEIXADA
EM 1978; ALGUMAS
FAMÍLIAS VIVIAM EM
PRECÁRIAS MORÁDIAS,
48 ANOS DEPOIS DESSA
FOTO SOFREM GRAVES
PROBLEMAS DE SAÚDE

CINTA LARGA INDIGENOUS
PEOPLE ROAST PECCARIES IN
1978; SOME FAMILIES LIVED
IN PRECARIOUS HOUSING,
48 YEARS AFTER THIS PHOTO
THEY SUFFER SERIOUS
HEALTH PROBLEMS

ENVOLTA EM
FUMAÇA, INDÍGENA
CINTA LARGA
PREPARA O DESJEJUM
NA TERRA INDÍGENA
DO ROOSEVELT, QUE
TEM DIAMANTES NO
SUBSOLO

SURROUNDED BY
SMOKE, A CINTA LARGA
INDIGENOUS PERSON
PREPARES BREAKFAST
IN THE ROOSEVELT
INDIGENOUS
LAND, WHICH HAS
DIAMONDS IN ITS
SUBSOIL





FUMAÇA DA CARNE ASSADA ESPALHA-SE ENTRE OS CINTAS LARGAS NO POSTO INDÍGENA DO ROOSEVELT, ARIPUANÃ, NA DIVISA ENTRE OS ESTADOS DE RONDÔNIA E MATO GROSSO

SMOKE FROM THE ROASTED MEAT SPREADS AMONG THE CINTAS LARGAS AT THE ROOSEVELT INDIGENOUS POST, ARIPUANÃ, ON THE BORDER BETWEEN THE STATES OF RONDÔNIA AND MATO GROSSO

MUITO ANTES
DA EXPLORAÇÃO
DESENFREADA DE
DIAMANTES, A
TERRA INDÍGENA
DO ROOSEVELT
DEMONSTRAVA A
REALIDADE DA POBREZA
CINTA LARGA, A
EXEMPLO DESSA FAMÍLIA
NA CASA DE TAIPA

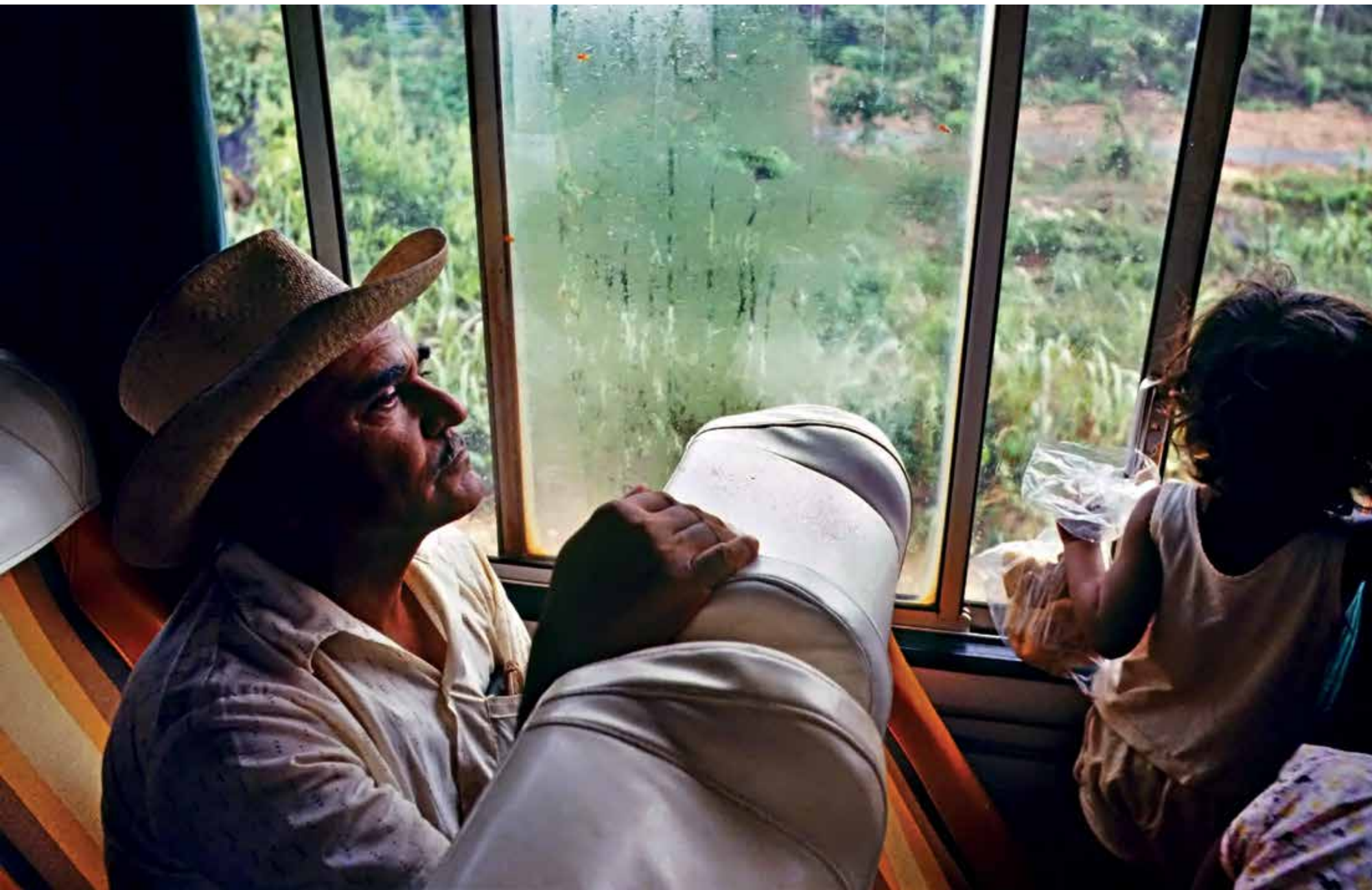
LONG BEFORE THE
RAMPANT EXPLOITATION
OF DIAMONDS,
THE ROOSEVELT
INDIGENOUS TERRITORY
DEMONSTRATED THE
REALITY OF CINTA LARGA
POVERTY, AS EXEMPLIFIED
BY THIS FAMILY IN THE
MUD HOUSE.





AO LADO DA MUDANÇA, DO CACHORRO E DOS PATOS, SETE INTEGRANTES DE UMA FAMÍLIA DE MIGRANTES AGUARDAM A HORA DE SEGUIR O SEU DESTINO; CENA DA BR -364 EM VILHENA

ALONGSIDE THEIR BELONGINGS, THEIR DOG, AND THEIR DUCKS, SEVEN MEMBERS OF A MIGRANT FAMILY WAIT FOR THE TIME TO FOLLOW THEIR DESTINY; A SCENE ON BR-364 IN VILHENA



O MIGRANTE CHEGA DE ÔNIBUS A RONDÔNIA, PELA BR-364. O PORTÃO DE ENTRADA DE TODOS OS SONHOS ERA VILHENA, ONDE FUNCIONAVA UM CENTRO DE TRIAGEM

THE MIGRANT ARRIVES IN RONDÔNIA BY BUS ON BR-364. THE GATEWAY TO ALL DREAMS WAS VILHENA, WHERE A TRIAGE CENTER OPERATED



VILHENA, 1978: PARTE DA NUMEROSA FAMÍLIA POSA PARA A FOTO EM FRENTE AO CENTRO DE TRIAGEM DE MIGRANTES; OUTROS FICAM AO LADO DA MÃE QUE AMAMENTA À SOMBRA DO CAMINHÃO

VILHENA, 1978: PART OF THE LARGE FAMILY POSES FOR A PHOTO IN FRONT OF THE MIGRANT TRIAGE CENTER; OTHERS STAND NEXT TO THE MOTHER WHO IS BREASTFEEDING IN THE SHADE OF THE TRUCK



A MENINA SEGURA A LONA DO CAMINHÃO ONDE VIAJOU COM A MÃE
E A FAMÍLIA, PARA VILHENA, EM 1978

THE GIRL HOLDS RAISES THE TARPULIN OF THE TRUCK WHERE SHE TRAVELED
WITH HER MOTHER AND FAMILY TO VILHENA IN 1978

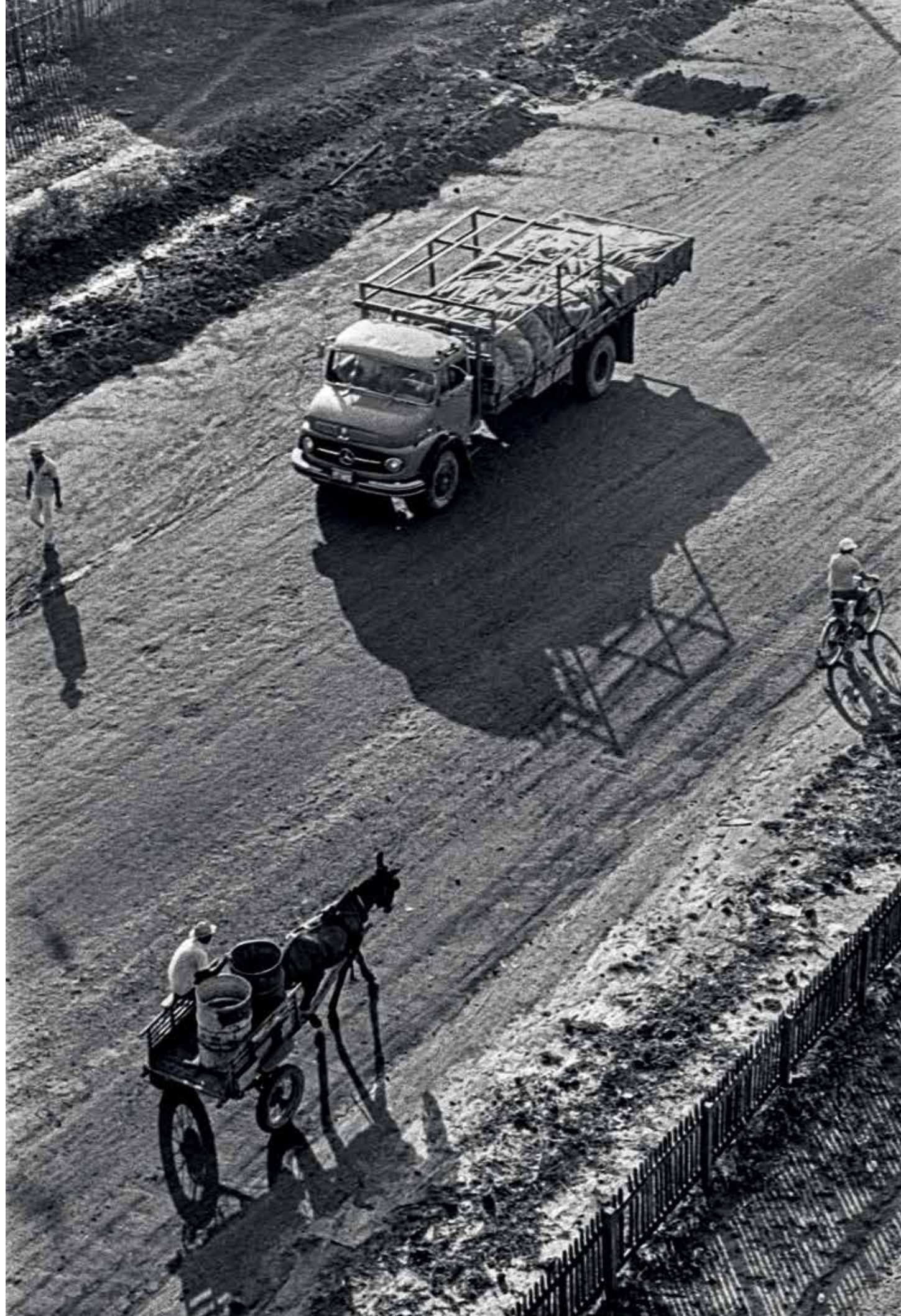


CAMINHÃO PAU-DE-ARARA CHEGA A VILHENA EM 1978, TRAZENDO FAMÍLIAS DAS REGIÕES SUL E SUDESTE DO PAÍS. A LONA QUASE TODA FECHADA PROTEGE OS PASSAGEIROS DA POEIRA DA BR-364

A TRUCK ARRIVES IN VILHENA IN 1978, BRINGING FAMILIES FROM THE SOUTHERN AND SOUTHEASTERN REGIONS OF THE COUNTRY. THE TARPULIN, ALMOST COMPLETELY CLOSED, PROTECTS PASSENGERS FROM THE DUST OF BR-364

VILHENA, 1978: UM
CAMINHÃO DE CARGAS
NA AVENIDA MAJOR
AMARANTE, VISTO DO
ALTO DA CAIXA-D'ÁGUA
NA PRAÇA ÂNGELO
SPADARI

VILHENA, 1978: A CARGO
TRUCK ON MAJOR
AMARANTE AVENUE, SEEN
FROM THE TOP OF THE
WATER TANK IN ÂNGELO
SPADARI SQUARE





VILHENA, 1978 – O CAMPO DE POUSO ONDE HOJE É O CENTRO DA CIDADE, VISTO DO ALTO DA CAIXA-D'ÁGUA DA PRAÇA PADRE ÂNGELO SPADARI

VILHENA, 1978 - THE AIRFIELD WHERE THE CITY CENTER IS TODAY, SEEN FROM THE TOP OF THE WATER TANK IN PRAÇA PADRE ÂNGELO SPADARI



VIAJANTES PELA BR-364 NOS ANOS 1970 ENFRENTAVAM MUITA POEIRA NO VERÃO, E ATOLEIROS NO INVERNO AMAZÔNICO; SOLDADOS DO 5º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO RECUPERAVAM TRECHOS CRÍTICOS

TRAVELERS ON BR-364 IN THE 1970S FACED A LOT OF DUST IN THE SUMMER, AND MUD IN THE AMAZONIAN WINTER; SOLDIERS FROM THE 5TH CONSTRUCTION ENGINEERING BATTALION RECOVERED CRITICAL SECTIONS



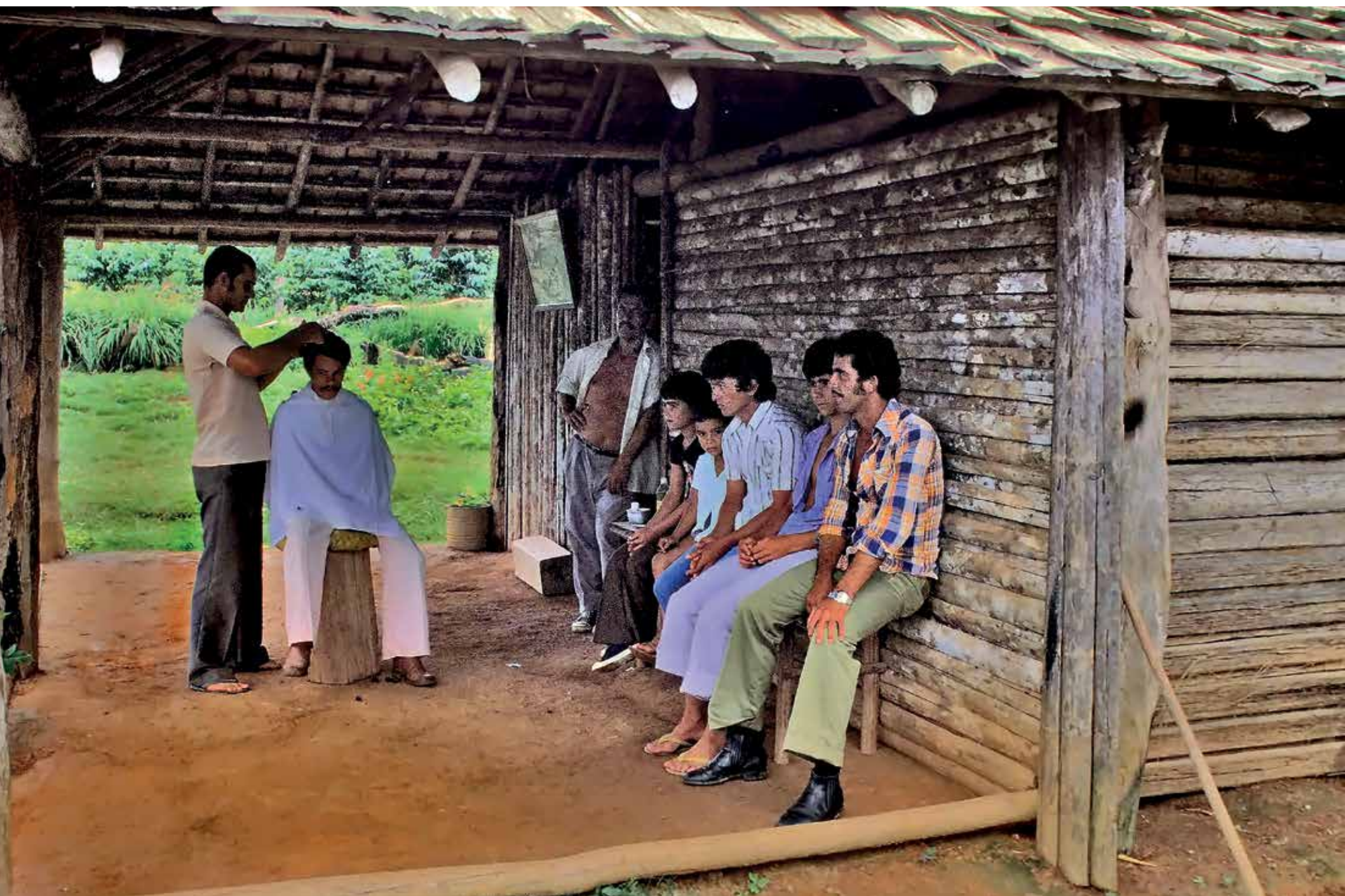
COLORADO DO OESTE: À DIREITA, O PEQUENO HOTEL DE MADEIRA, À ESQUERDA, O BAR E SORVETERIA: ESTA ERA A AVENIDA PAULO DE ASSIS RIBEIRO EM 1978

COLORADO DO OESTE: TO THE RIGHT, THE SMALL WOODEN HOTEL; TO THE LEFT, THE BAR AND ICE CREAM SHOP. THIS WAS AVENIDA PAULO DE ASSIS RIBEIRO IN 1978

COLORADO DO OESTE,
1979: O JOVEM DE
CHAPÉU OLHA PARA A
RUA, E A MULHER COM
MERCADORIAS NO CHÃO
OBSERVA O INTERIOR DA
VENDA

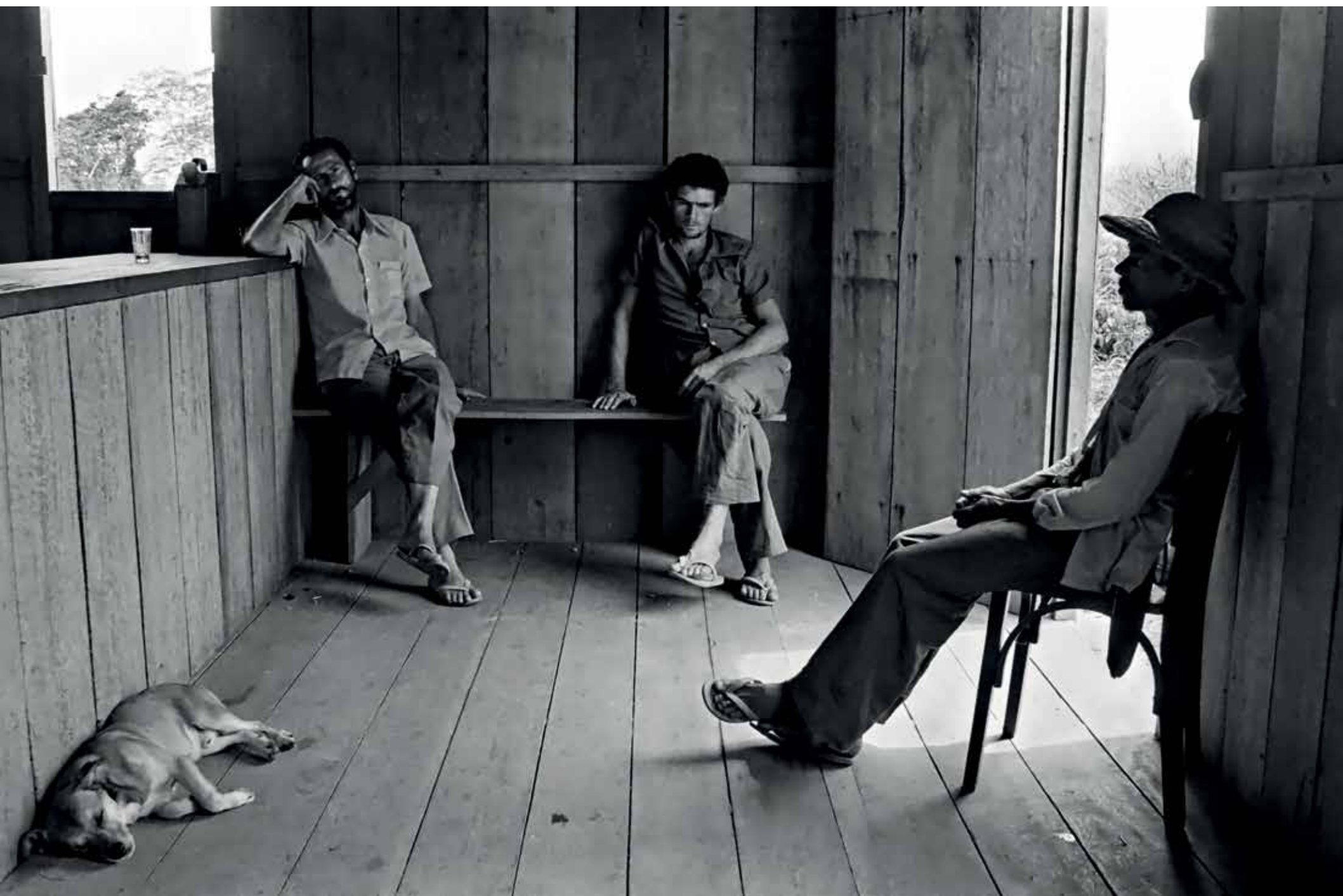
COLORADO DO OESTE,
1979: A YOUNG MAN IN
A HAT GAZES OUT AT THE
STREET, AND A WOMAN
WITH GOODS ON THE
GROUND PEERS INTO THE
SHOP





NA ESTRADA VICINAL 1ª EIXO, EM COLORADO DO OESTE, BARBEIRO TRABALHA NA ÁREA DE CASA; COSTELETAS ESTAVAM NA MODA, E A FREGUESIA AGUARDAVA A VEZ NO BANCO DE MADEIRA

ON THE RURAL ROAD 1ST AXIS, IN COLORADO DO OESTE, A BARBER WORKS IN THE VICINITY OF HIS HOME; SIDEBURNS WERE IN FASHION, AND THE CLIENTELE WAITED THEIR TURN ON THE WOODEN BENCH



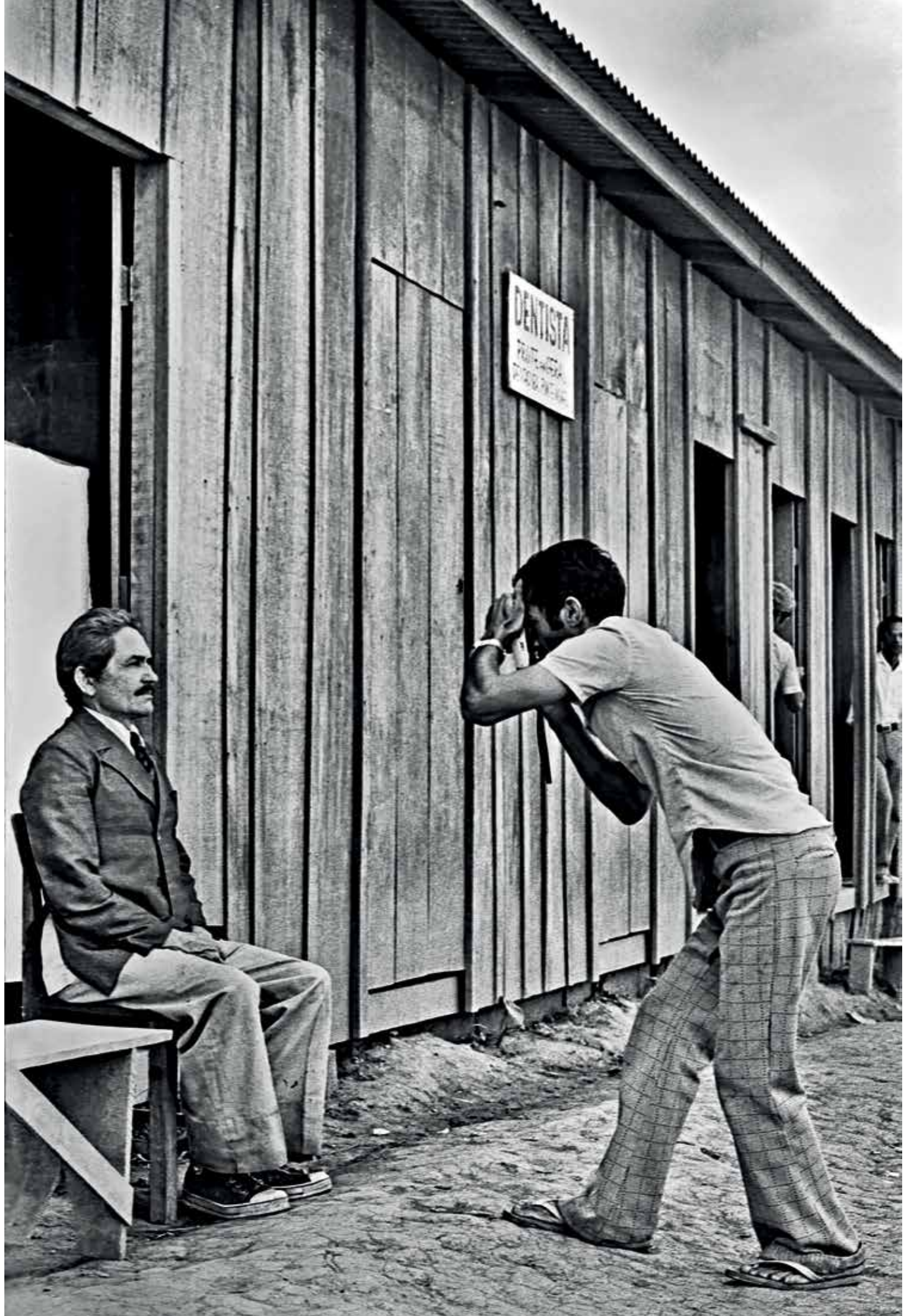
NESSE BOTECO DA LINHA 1º EIXO, CERTAMENTE OS TRÊS
CONVERSAVAM A RESPEITO DO COTIDIANO NA ESTRADA VICINAL
COLORADO DO OESTE-CEREJEIRAS

IN THIS BAR ON THE 1ST AXIS LINE, THE THREE OF THEM WERE CERTAINLY
TALKING ABOUT EVERYDAY LIFE ON THE COLORADO DO OESTE-CEREJEIRAS
VICINAL ROAD



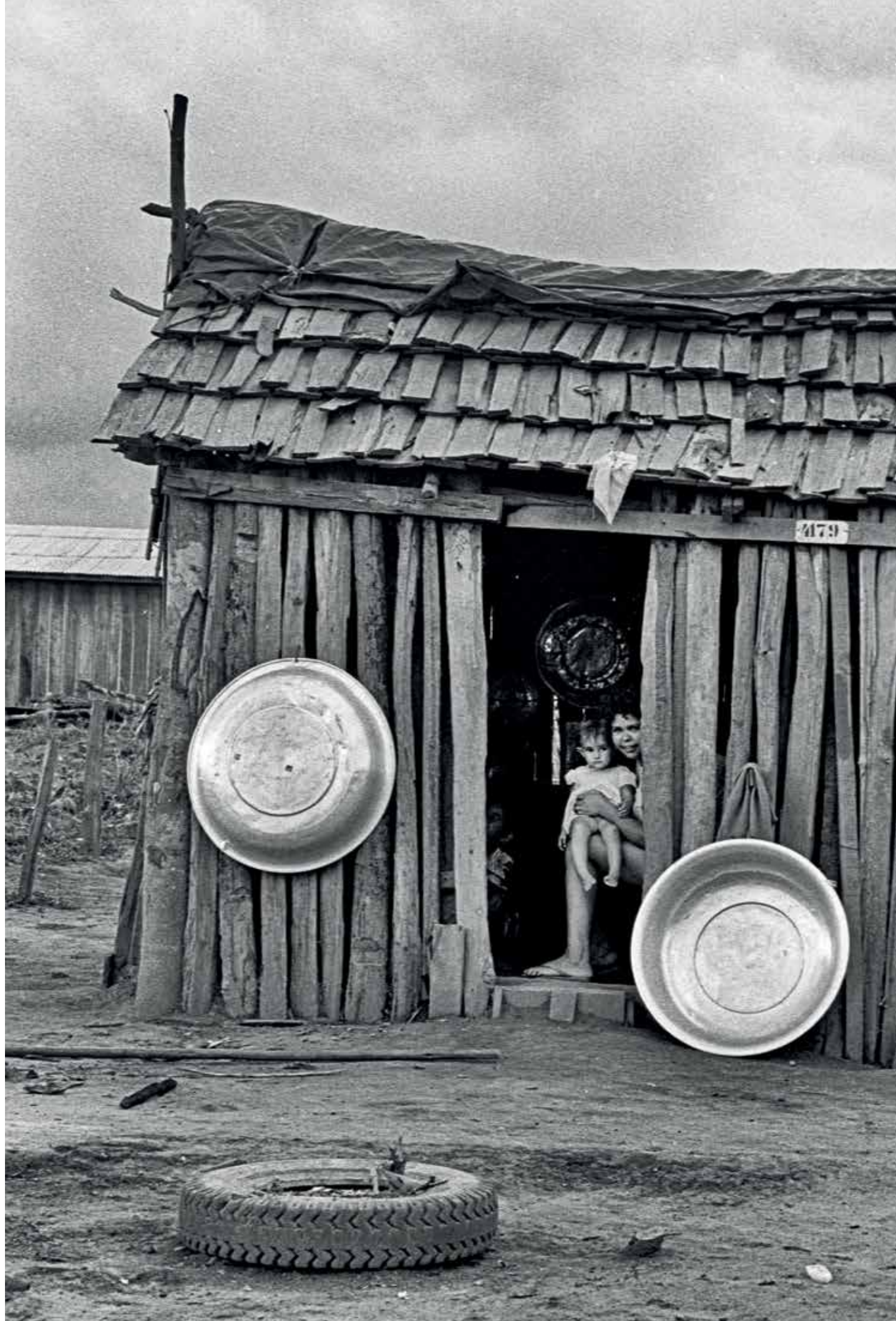
CEREJEIRAS, 1982:
MENINO MANCHADO
TINHA "OLHOS DE
GATO" E CABELOS
ENCARACOLADOS

CHERRY TREES, 1982: THE
SPOTTED BOY HAD "CAT
EYES" AND CURLY HAIR



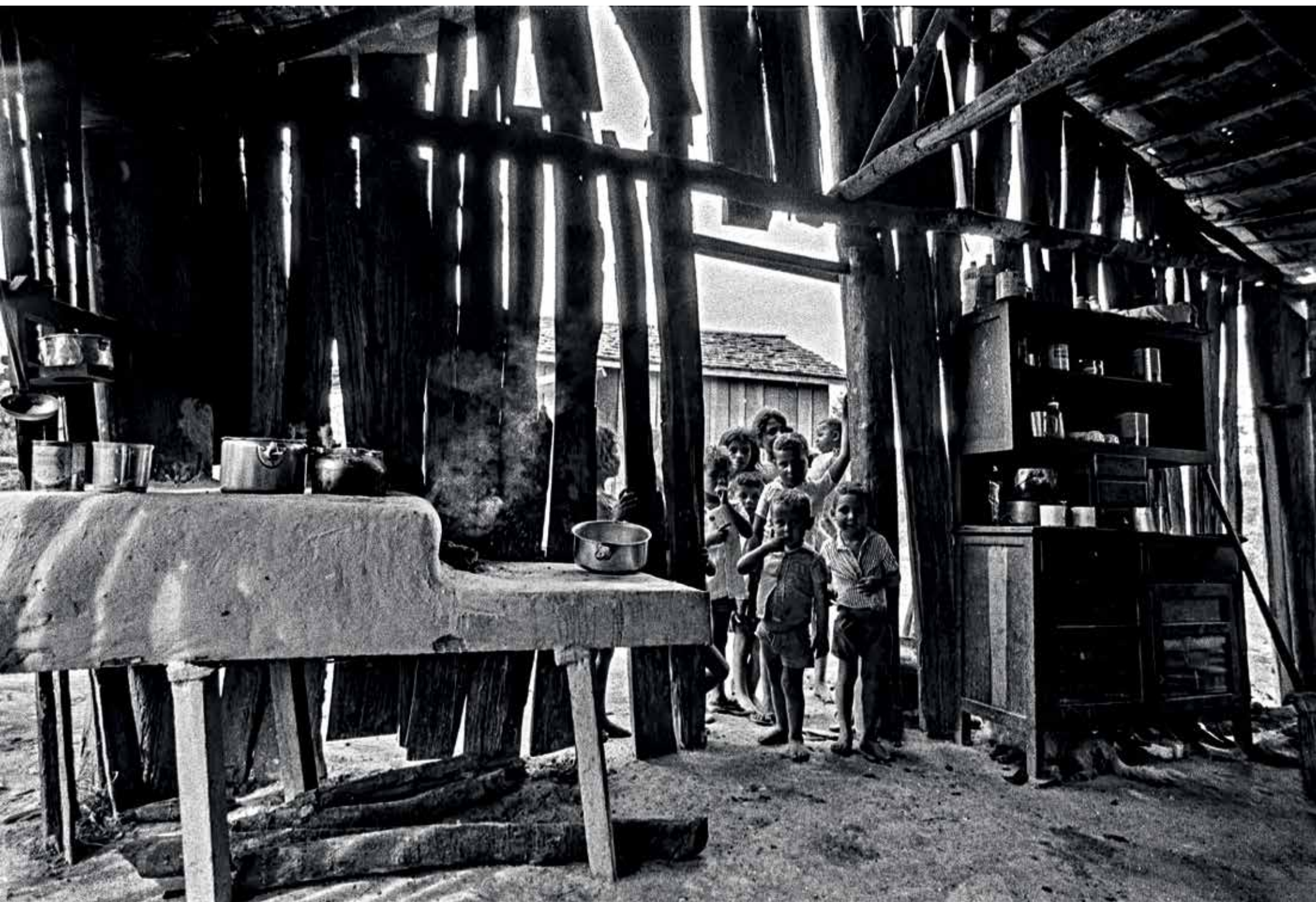
COLORADO DO OESTE,
1978: AO LADO DA
PLACA DO DENTISTA, O
FOTÓGRAFO CAPRICHA
NA 3 X 4

COLORADO DO OESTE,
1978: NEXT TO THE
DENTIST'S SIGN, THE
PHOTOGRAPHER TAKES
GREAT CARE WITH THE
3 X 4



NESTE RANCHO DE PAU
A PIQUE, A MÃE (COM
A FILHA NO COLO)
PENDURAVA BACIAS AO
LADO DA PORTA; LONA
PLÁSTICA REFORÇAVA A
COBERTURA

IN THIS WATTLE AND DAUB
HUT, THE MOTHER (WITH
HER DAUGHTER IN HER
ARMS) HUNG BASINS BESIDE
THE DOOR; PLASTIC TARPS
REINFORCED THE ROOF



COLORADO DO OESTE, 1982: À PORTA DA COZINHA DO CASEBRE, SETE IRMÃOZINHOS MENORES RODEIAM A MÃE, QUE CARREGA O 8º NO COLO

COLORADO DO OESTE, 1982: AT THE DOOR OF THE SHACK'S KITCHEN, SEVEN YOUNGER SIBLINGS SURROUND THEIR MOTHER, WHO HOLDS THE 8TH IN HER ARMS



LAVOURA CAFEIEIRA VICEJA EM COLORADO DO OESTE EM 1978, TEMPO EM QUE SE DESENVOLVIA TAMBÉM NO MUNICÍPIO DE CACOAL E LOGO CHEGARIA À ZONA DA MATA DE RONDÔNIA

COFFEE PLANTATION THRIVES IN COLORADO DO OESTE IN 1978, AT A TIME WHEN IT WAS ALSO DEVELOPING IN THE MUNICIPALITY OF CACOAL AND WOULD SOON REACH THE ZONA DA MATA OF RONDÔNIA



LAVOURA DE ARROZ NO PRIMEIRO EIXO EM COLORADO DO OESTE,
SUL DE RONDÔNIA, SECADA PELO SISTEMA COIVARA; AO FUNDO,
MILHO E FLORESTA

RICE PLANTATION IN THE FIRST AXIS IN COLORADO DO OESTE, SOUTHERN
RONDÔNIA, DRIED BY THE COIVARA SYSTEM; IN THE BACKGROUND, CORN
AND FOREST



DESDE 1986 HÁ ESTUDOS SOBRE A USINA HIDRELÉTRICA EM TABAJARA, MAS ATÉ HOJE O PROJETO ESTÁ NO PAPEL, PORQUE NÃO HÁ CONCLUSÃO DEFINITIVA A RESPEITO DO IMPACTO QUE CAUSARIA A RIBEIRINHOS E POVOS INDÍGENAS DA REGIÃO BANHADA PELO RIO MACHADO, NO MUNICÍPIO DE MACHADINHO D'OESTE

THERE HAVE BEEN STUDIES ON THE TABAJARA HYDROELECTRIC PLANT SINCE 1986, BUT THE PROJECT IS STILL ON PAPER BECAUSE THERE IS NO DEFINITIVE CONCLUSION ON THE IMPACT IT WOULD HAVE ON THE RIVERSIDE COMMUNITIES AND INDIGENOUS PEOPLES OF THE REGION BORDERING THE MACHADO RIVER, IN THE MUNICIPALITY OF MACHADINHO D'OESTE

CEREJEIRAS, 1979: A FLOR MARIA SEM-VERGONHA TEM O NOME CIENTÍFICO IMPATIENS (IMPACIENTE, INCAPAZ DE ESPERAR), SUAS CÁPSULAS ARREBENTAM AO MENOR CONTATO, ARREMESSANDO LONGE AS SEMENTES; SEU OUTRO NOME POPULAR É: BEIJO

CEREJEIRAS, 1979: THE FLOWER "MARIA SEM-VERGONHA" HAS THE SCIENTIFIC NAME IMPATIENS (IMPATIENT, UNABLE TO WAIT). ITS CAPSULES BURST AT THE SLIGHTEST TOUCH, THROWING THE SEEDS FAR AWAY; ITS OTHER POPULAR NAME IS "BEIJO"





História



Um destemido repórter retrata a superlativa Rondônia

Kim-Ir-Sen-Pires Leal é um fotógrafo destemido e senhor de sua trajetória. Nos anos 1970 e 80 conseguiu transportar-se da burocracia brasileira para floresta amazônica ocidental, onde colheu frutos para seu futuro livro de imagens no qual se destacam dados reveladores da realidade de Rondônia, antes e pós-Polonoroeste*.

Nas andanças por Rondônia entre meados dos anos 1970 e início dos anos 1980, ele extrapolava a pauta, mirando sobretudo pessoas, rios, pedras, florestas, o trem da Madeira-Mamoré e alguns prédios históricos. Em diversas ocasiões Kim viajou de Porto Velho a Vilhena, cruzou o velho território e depois o estado.

Suas fotos impressionam pelo jornalismo que contêm.

A improvisada rodoviária de madeira abarrotada de pessoas em trânsito não poderia condizer com a imagem de uma cidade projetada com o trabalho do notável geógrafo Milton Santos e do arquiteto Sylvio Sawaya, ambos contratados na Universidade São Paulo (USP) pelo então governador, coronel Humberto da Silva Guedes.

No entanto, era o que Rolim de Moura desfrutava no final da década de 1970, quando o ex-projeto de colonização do Inca perdia reservas inteiras de mogno, canafístula, cerejeira e outras árvores nobres.

O colono sai a passear com a mulher de óculos escuros e dois filhos sobre a sua bicicleta de barra circular. Era o status disponível quando ele fora assentado pelo Inca em 1977.

Na rodovia que ainda não passava de um estradão poeirento no verão, Kim se deparou com os atoleiros do inverno amazônico entre Marco Rondon e Pimenta Bueno. Criativos, os motoristas batizavam de “chefão” o maior dos atoleiros naquele futuro município. Soldados do 5º Batalhão de Engenharia de Construção vinham em socorro de motoristas, passageiros de ônibus e outros viajantes.

Rondônia é superlativa, pois abrigou brasileiros e estrangeiros. Os brasileiros vieram do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Espírito Santo, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul.

A mãe carregando a lata d’água na rodilha, sobre a cabeça, acompanhada de filhas pequenas, talvez seja uma das mais emblemáticas fotos revelando a via crucis diária pelo abastecimento na vila Espigão do Oeste.

Foi na Terra Indígena Roosevelt, porém, que ele captou outros momentos tanto quanto significativos ao presenciar a família Cintalarga aquecendo a comida em seu improvisado e simplório fogãozinho a lenha. Dali saía o arroz, o feijão e a carne de caça bem assada.

Entre os Paiter Suruí ele viveu sublimes momentos em que a nudez não era ainda censurada pelo Facebook: mães amamentavam os filhos de maneira simples e solene dentro e fora de suas choças. Outras vezes, ele acompanhava as mulheres na lida artesanal.

Pela T.I. Roosevelt circulam não apenas simples garimpeiros, mas até

políticos que nunca puseram os pés na Capital Mundial dos Diamantes, verdadeira reguladora dessa pedra, em Antuérpia (Bélgica).

Kim se volta para as lavadeiras de roupas próximas à Cachoeira de Santo Antonio, em Porto Velho. Nas águas então cristalinas do Rio Madeira, elas lavavam, esfregavam e batiam a roupa na pedra ou na madeira.

O menino sardento com a caixa de engraxar às costas, o pequeno armazém de café, castanha e borracha em Cacoal. As casinhas de madeira enfileiradas e os meninos caminhando pela BR-364, em Ariquemes. O salão de barbeiro quase ao ar livre na casinha de madeira em Colorado do Oeste.

Cenas inesquecíveis para Kim Leal, e agora eternizadas para Rondônia.

MONTEZUMA CRUZ

** Polonoroeste é a sigla do Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil, concebido por decreto governamental em maio de 1981. Foi elaborado pelo governo brasileiro, no final da década de 1970, com apoio do Banco Mundial, com o objetivo principal de asfaltar a BR-364.*

A dor indígena e da ocupação, 50 anos depois

Aprovada pela Câmara dos Deputados e sancionada em Brasília pelo ex-presidente da República, João Baptista de Oliveira Figueiredo, a Lei Complementar nº 41 criava a 23ª unidade federativa brasileira, oficialmente instalada em 4 de janeiro de 1982.

Entre 1940 e 1950 Rondônia teve uma população indígena superior a cem mil pessoas. Em 1985, após o fim do regime militar e desmantelamento do projeto local de colonização agrária, restavam, vivos 2.500 indivíduos indígenas.

Diante da exploração clandestina de madeira, metais e minérios, os indígenas têm sido perseguidos e mortos, reduzidos, expulsos ou confinados. Houve uma nova “guerra de lugares”, cabendo aos povos tradicionais o espaço periférico e desintegrador de suas identidades e modos de vida.

Só quatro anos depois de o estado ser criado Rondônia alcançou seu primeiro milhão de habitantes. Era 1985, e de lá para cá ainda chegou gente. Em 2023 a população ultrapassava 1,5 milhão de habitantes.

“Temos políticas repressivas de segurança pública, com práticas decorrentes da ineficiência de outras políticas sociais capazes de reduzir a pobreza e criar expectativas de melhoria existencial”, lamenta o historiador da Universidade Federal de Rondônia, Marco Teixeira ao criticar a realidade atual.

Com algumas injeções de recursos feitas pela Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste Brasileiro (Sudeco), o ex-governador Humberto da Silva Guedes construiu as primeiras estradas, algumas pontes essenciais, e apoiou o próprio Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Sob forte pressão de fatores que hoje se caracterizariam como socioambientais – a exemplo das glebas Rio Pardo, Floresta Jacundá, Flona Bom Futuro, e demais áreas com ocupações humanas –, o ex-governador Ângelo Angelim iniciava um movimento visando a desestimular a corrente migratória. Havia muita malária e continuava faltando dinheiro para obras públicas.

Precaução e destemor implicavam barreiras, uma delas, imposta pelo ex-governador Jorge Teixeira de Oliveira ao instalar em Vilhena o Centro de Triagem de Migrantes (Cetremi). Ali, no portão de entrada da nova fronteira agrícola brasileira, a 704 quilômetros de Porto Velho, o governo vacinava todos contra a febre amarela e os órgãos policiais controlavam o movimento de quem chegava – nem todos com a garantia de obter um lote de terras.

Em 31 de janeiro de 1983 instalava-se a Assembleia Constituinte de Rondônia, que redigiu a primeira Carta do novo estado promulgada em agosto daquele ano.

A migração ainda era intensa e descontrolada causou diversos problemas sociais, porém, o mais grave foi a devastação de 30% das florestas estaduais. Kim Pires Leal fez fotos aéreas de áreas desmatadas na região de Ariquemes.

Dos 32 núcleos urbanos de apoio rural [NUARs] criados sob a guarda governamental e de sua Companhia de Desenvolvimento Agrícola de Rondônia (Codaron), quase todos deixaram a condição de vilas para virar cidades. Isso custou a derrubada da metade da floresta que circundava essas vilas, atendendo à exigência legal do INCRA.

Rondônia atualmente exporta até inhame para a Europa, fazendo triangulação de vendas com estados nordestinos, e não se limita ao agronegócio de grandes proprietários. Segundo as estatísticas oficiais, a agricultura familiar e a prestação de serviços movem a sua economia.

O estado hoje se destaca como exportador de energia elétrica produzida por pequenas e grandes usinas hidrelétricas, destacando-se: Samuel, Santo Antônio e Jirau.

Mais de quatro décadas atrás, agricultores assentados ou não assentados, atacados pela malária e sem dinheiro para o autossustento, entregavam milhares de hectares de terras a vizinhos ou a bancos privados, constatava o INCRA.

Ao facilitar a apropriação dos espaços urbanos e rurais ou naturais por fortes grupos econômicos, o estado dá seguimento a situações vindas do extinto território. “Massas despejadas têm dificuldades no acesso à terra, moradia, benefícios sociais mínimos, o que faz de Rondônia um dos mais notáveis campos de violência urbana e rural, com elevados índices de mortes de lideranças agrárias, ambientais, camponesas, atingidos por

barragens, etc”, analisa o historiador Marco Teixeira.

Durante o governo Confúcio Moura, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) advertiu a Assembleia Legislativa por haver aprovado a extinção de quatro unidades ambientais num simples decreto. Antes de deixar o cargo, em 2018, o ex-governador criava por decreto 11 unidades de conservação. Juntas, elas somam mais de 500 mil hectares de proteção na Amazônia.

Em 27 de novembro, a Assembleia Legislativa aprovou a Lei nº 4.892, que regulamentou a política de terras públicas rurais e urbanas. No primeiro quadrimestre de 2022, Rondônia obteve aumento de 45% nas exportações de carne e soja, ou seja, US\$ 903,3 milhões, conforme dados do governo estadual.

Levantamento feito em 2017 revelou que o estado possuía 270 mil propriedades rurais que adotaram a soja como principal commodity, carro chefe da produção. E, de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o total da área plantada com grãos no estado superava 296 mil hectares.

Estimava-se que o espaço para expansão totalizava aproximadamente 4,5 milhões de hectares de pastos degradados, vistos como oportunidade para a transição para a agricultura. Rondônia aumentou a área plantada para 663,5 mil hectares para a safra 2020/21, totalizando 10,1% a mais comparado à safra anterior, o que resultou na colheita superior a 2,5 milhões de toneladas, 4,6% superior à da safra 2019/20.

De posse dos estudos, o ex-governador Confúcio Moura criou nove áreas e regulamentou outras duas em 20 de março 2018. Decretos publicados no Diário Oficial estabeleciam um total de 536,647 hectares (ou 5.370 quilômetros quadrados) de áreas protegidas.

“A política ambiental de Rondônia dialoga com o que existe de mais promissor em questões de preservação ambiental. E isso não tem limitado o avanço de atividades econômicas baseadas no agro e na pecuária. O estado, ao contrário, é uma potência no setor, da mesma forma que na agricultura familiar”, ele acrescenta.

O professor Marco Teixeira lamenta que UCs e TIs, conflitos agrários, alguns deles violentos, resultaram em mortes no campo e na floresta. Se, entre 1976 e 1979 ocorreram em terras circunscritas ao Parque Indígena do Aripuanã, em Cacoal, de uma década para cá a cobiça madeireira ignora até mesmo manejos florestais, avançando sobre terras dos índios Uru-eu-au-au, na região central do estado.

Não só ali, já roubam madeira dos Karipuna e dos Karitiana. Há mortos e feridos nesse caso.

O professor não tem dúvida que o espaço florestal restante já sofre com o conseqüente aquecimento dos climas regionais e alterações de índices pluviométricos. Aponta a formação de “enormes periferias urbanas muito pobres e nunca integradas ao mercado de trabalho, especialmente na Capital”.

“Mudança do perfil étnico e ambiental são grandes espelhos de um

modelo que mantém vícios de qualquer modelo colonialista, e isso superou a ideia varguista de uma Amazônia extrativista e cabocla formada no amálgama do nordestino com o indígena”, alerta o historiador Teixeira.

MONTEZUMA CRUZ

Razões para viver

O Golpe de Estado no Brasil em 1964 resultou de uma grande conspiração de militares anticomunistas, empresários, proprietários rurais, setores da igreja, União Democrática Nacional (partido governista) e o capital internacional, com o apoio da Central Intelligence Agency (CIA), serviço secreto de informação dos Estados Unidos da América.

Executado no dia 31 de março daquele ano, o golpe levou à deposição de João Goulart e fez se instalar no País uma ditadura militar que durou até 1985.

Em 1972, eu ministrava aulas de fotografia no Colégio Pré-Universitário de Brasília. Mesmo nos anos duros do regime autoritário o colégio estabeleceu um ensino libertário onde o aluno não era obrigado a cumprir horários rígidos, os portões estavam sempre abertos.

O Pré-Universitário foi obrigado a fechar o ‘segundo grau’ profissionalizante permanecendo apenas com o cursinho pré-vestibular; vários professores perderam o emprego, entre eles, eu.

Deixei o Planalto Central. Esperei meu primeiro filho nascer, e com apenas 24 anos fui com a família morar na Capital paulista. Fiquei quase todo o ano de 1974 procurando emprego e fazendo pequenos ‘frilas’.

Era o fotógrafo número 36 da primeira agência de fotografia brasileira, a Câmera Photo Agentur. Mas trabalho fixo que era bom, nada. Minha esposa já estava grávida novamente e a situação financeira cada vez mais difícil. Nessa época o jornalista Ruy Lopes era o editor-chefe da Folha de S. Paulo e me alertou que ali “não era ambiente adequado para um jovem como eu, esperançoso e sonhador.”

Se eu não conseguisse nada poderia voltar que o emprego era meu. Então carimbei pela segunda vez minha carteira de trabalho. O ambiente do departamento de fotografia nem de longe era o que eu imaginava. Eram 60 fotógrafos, que atendiam todos os jornais do Grupo Folha um dos principais aglomerados de mídia do País.

Na ocasião, saíam das máquinas instaladas na Avenida Barão de Limeira nº 425: A Gazeta, Cidade de Santos, Folha de S. Paulo, Folha da Tarde, Notícias Populares e Última Hora.

Alguns fotógrafos eram funcionários públicos, e a Folha era o segundo

emprego. Quase todos tinham algo em comum: não gostavam de fotografia. Odiavam qualquer pauta, pois se viam obrigados a interromper o jogo de dominó ou de carteados na mesa em frente ao laboratório.

Meio manso cheguei tentando fazer algo de diferente naquele marasmo e preferia ir conversar com o jornalista Plínio Marcos de Barros no Última Hora, que ficava um andar acima. Era uma época em que não era obrigatório o crédito do fotógrafo nas fotos. Os repórteres vinham me perguntar se tal foto era minha, pois eles notavam que havia alguma preocupação com o enquadramento etc. E assim fui indo...

Fotojornalismo nos ‘anos de chumbo’ não era nada fácil, principalmente para mim, porque eu e toda minha família somos comunistas. Meu pai foi um dos fundadores do PCB goiano. Desta maneira, não conseguia as credenciais para entrar em vários lugares, principalmente no Palácio do Planalto, onde quase tudo acontecia. Sobravam as pautas menos importantes, ou seja, as mais chatas.

Se um índio era morto, por exemplo, eu fazia mais uma vez a foto do presidente da Funai. Isso não era a fotojornalismo que eu queria, ou o que eu pensava que seria possível fazer. Fotografar burocratas atrás das mesas, muitas vezes dizendo inverdades foi me deixando insatisfeito desanimado. Eu e os colegas Orlando Brito e Jamil Bittar buscávamos coisas diferente, principalmente durante o recesso parlamentar, mas nem sempre dava certo.

Em abril de 1978 fui convidado pelo arquiteto Paulo Magalhães para ser o fotógrafo documentarista do Projeto de Habitação de Baixo Custo no Território Federal de Rondônia. Magalhães havia realizado o sonho de Juscelino Kubitschek e dos arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer no projeto de construção de Brasília

Tentei uma licença não renumerada, mas não foi possível, aí decidi sair da Folha de S. Paulo, um dos mais cobiçados empregos no jornalismo naquele período. Achei que valia a pena e com 20 e poucos anos de idade conheci grande parte da Amazônia, visitando povos indígenas em estágio de primeiro contato.

Passei seis meses mapeando com a minha fotografia todo o Território Federal de Rondônia. Com o suporte das minhas imagens, os técnicos desenvolveram o projeto habitacional. Hoje tenho um banco de imagens milhares de fotos da região. O mínimo desse acervo está neste livro.

Ji-Paraná tinha ares cosmopolitas, uma espécie de polo industrial onde o cheiro da madeira angelim estava presente em quase todas as ruas. Saímos de madrugada e apesar do trajeto curto – 105 quilômetros – preferimos fretar um avião; por estrada não chegaríamos em menos de cinco dias.

Depois de muito indeciso, o piloto aceitou, mas colocou uma série de imposições. Disse que há muitos anos que ninguém aterrissava naquela pista de pouso que fica à margem esquerda do Rio Roosevelt. Não existia nenhuma informação sobre as condições de pouso ou decolagem. Exigiu que levássemos o mínimo de bagagem possível e assim dispensamos

quase tudo, só não dava para ficar de fora o equipamento fotográfico, o pouso foi tenso, o avião aterrissou aos solavancos; sacudia igual a jipe em terreno off road.

Os índios da aldeia Cinta Larga se aproximaram do pequeno avião, curiosos e espantados. Quem são os malucos, e o que será que vieram fazer nesse fim de mundo, em um pouso tão perigoso?

Entre os índios Cintas-Largas, fiz as melhores imagens de minha vida

Nossa estadia na aldeia foi presenteada com a chegada inesperada de um grupo Cinta-Larga, remanescentes de tragédias históricas de seu povo. Eram uns 30 índios que estavam vagando perdidos na selva. Muita notícia já havia circulado sobre a existência desses legítimos Tupis Mondé.

De repente, eles aparecem... Provavelmente as melhores imagens que fiz na minha vida de fotógrafo, fatos que aconteceram há dezenas de anos, as lembranças são poucas, mas fortes.

Segundo o antropólogo, escritor e político brasileiro, Darcy Ribeiro, autor do projeto do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) sobre o Parque Indígena do Xingu (criado em 1961) lembra que a chegada dos portugueses ao litoral brasileiro iniciou o processo de ocupação. Perceberam que a região era ocupada pelos povos nativos, e a eles os portugueses chamaram de índios, pois acreditavam ter chegado às Índias.

Segundo Darcy Ribeiro, em 1500 existiam em torno de cinco milhões de indígenas espalhados em todo o território brasileiro. Assim, Cabral não descobriu o Brasil em 1500 e sim conquistou esta terra.

O genocídio seguiu nos séculos posteriores com novas epidemias: o desgaste no trabalho escravo e o extermínio pelas guerras, nas quais os nativos eram seduzidos de suas tribos e levados a guerrear contra tribos tidas como inimigas, o que levou à mortandade e extermínio delas e de seus costumes.

Pretendia-se realizar a integração completa do território nacional, que incluía um ambicioso programa de colonização que implicava o deslocamento de quase um milhão de pessoas com o objetivo de ocupar estrategicamente o Complexo Regional Amazônico, não deixar despovoado nenhum espaço do território nacional e ocupar a área de fronteiras.

No entanto, as populações indígenas estavam posicionadas entre os militares e à realização do maior projeto estratégico de ocupação do território brasileiro. Lamentavelmente, os indígenas pagaram um preço altíssimo em dor e quase foram exterminados por isso.

O Relatório Figueiredo, por exemplo, denuncia que eles foram vítimas de caçadas humanas com metralhadoras e dinamites atiradas de aviões, contágios propositalmente do vírus da varíola em aglomerados de aldeias isoladas e distribuição de açúcar misturado à estricnina, veneno muito usado para matar ratos. Teve como base comissões parlamentares de inquérito de 1962 e 1963 e denúncias posteriores de deputados; foi o

resultado de uma expedição que percorreu mais de 16 mil quilômetros entrevistando dezenas de agentes do antigo SPI e cerca de 130 postos indígenas.

Em 1963 os Cinta-Larga, assim chamados pelos primeiros invasores dos seus territórios, por ostentarem uma espécie de cinturão feito de entrecasca de uma árvore – o tauari – quase foram dizimados numa chacina com repercussão internacional

Indígenas foram vítimas da abertura da fronteira agrícola e das políticas de incentivo à exploração dos recursos naturais, que visavam principalmente à ocupação da região Norte do Brasil.

A situação se agravou a partir da construção da rodovia Cuiabá-Porto Velho (inicialmente BR-29, depois, BR-364) em 1960. Os ataques ganharam proporções alarmantes destinadas a 'limpar a área', segundo o Relatório Figueiredo.

O tronco Tupi é um dos grandes agrupamentos de línguas indígenas no Brasil constituído por sete famílias linguísticas: Arikém (uma língua), Juruna (uma língua), Mondé (sete línguas), Mundurucu (duas línguas), Ramarama (duas línguas), Tupari (três línguas), Tupi-Guarani (21 línguas), e três línguas isoladas no nível de família: Aweti, Puruborá e Sateré-Mawé. Os Cinta-Larga pertencem à família Tupi Mondé, tronco Tupi, assim como as de seus vizinhos Gaviões, Paiter Suruí e Zorós.

Após o Massacre do Paralelo 11, a mando do seringalista Antônio Junqueira, o estado brasileiro foi denunciado internacionalmente por genocídio, um dos mais horrendos episódios de que se tem notícia até hoje no Brasil, incluindo roubo, estupro, grilagem, assassinato, suborno, tortura e outras agressões que chocaram na época o General Albuquerque Lima, Ministro do Interior.

Um dos principais envolvidos no incidente, o então chefe do SPI, Major Luiz Vinhas Neves, responsável pela chacina, foi demitido. Segundo o Relatório Figueiredo, os índios não tiveram como se defender sob a fuzilaria deflagrada pelos disparos dos agressores.

Convivendo com eles percebi que, entre quatro e cinco horas da madrugada todos estão fora das redes preparando o desjejum, normalmente composto de peixe moqueado, batata doce assada e carne de caças em grossos beijos servindo de suporte comestível. A culinária indígena é grande influenciadora da cozinha brasileira, principalmente na pesca, caça e raízes. No dia que chegamos, um grupo de homens havia saído para caçar e encontrado uma manada de porcos-do-mato (queixada, caititu).

Na divisa Rondônia-Mato Grosso, o projeto Tabajara

Em 1987 numa dessas viagens a Rondônia fotografando para o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) da Usina Hidrelétrica Tabajara, cheguei a uma área próxima ao Estado do Amazonas. A barragem fora projetada para o Rio Ji-Paraná, curso de água que nasce no Estado de Rondônia;

é mais conhecido pela população local por rio Machado, nome que curiosamente é também usado para designar outro rio do Estado de Minas Gerais.

Tabajara geraria 400 megawatts de energia. A proposta era aproveitar a pequena cachoeira denominada Dois de Novembro, no Rio Machado como preferem os nativos, a 70 km de Machadinho d'Oeste, perto de um lugarejo homônimo Tabajara, ou Senhor das Aldeias.

Tabajara naquele período da década de 80 era um cantinho perdido à beira do rio, sem estrada de acesso, mas muito antigo provavelmente mais antigo que Porto Velho Capital do Estado. Li alguns textos que em 1879 já recebiam os flagelados da grande seca do Nordeste, secas que assolaram o Brasil; uma das mais graves foi a que compreendeu os anos de 1877 a 1879, conhecida como a grande seca do Nordeste.

A situação ficava tão desesperadora que famílias inteiras se viram obrigadas a migrar para outros estados promovendo uma onda de migrações inclusive de exploradores estrangeiros e muitos garimpeiros, pois nessa região de Rondônia está a maior reserva de diamantes do planeta. Uns dez mil garimpeiros já passaram pela reserva, avaliava a Funai.

Nossa equipe era formada basicamente por antropólogos, alguns com formação também em ecologia. O nosso trabalho consistia em relatar problemas e soluções de uma grande área que seria inundada futuramente pela hidrelétrica. Nessa área moram indígenas das etnias Paiter Suruí, Cinta-Larga, Zoró, Arara e Gavião – pertencentes ao mesmo tronco Tupi Mondé.

Eu estava muito entusiasmado e ansioso para rever algumas das 27 cidades que foram construídas tendo somente as minhas fotografias como referência: eram os Núcleos Urbanos de Apoio Rural (NUARs) da região, logo na condição de cidades de pequeno e médio porte.

KIM PIRES LEAL, em depoimento a Nilton Ricardo: Nilton Ricardo, repórter fotográfico desde 1968. Foi diretor do estúdio fotográfico das empresas Bloch Editores por 11 anos, contribuiu com mais de oitocentas capas de revistas e participou de eventos como a vinda dos Papas e do cantor Frank Sinatra. Conquistou o Pico da Neblina com as Forças Especiais Paraquedistas e recentemente cobriu a Península Antártica.



History

A Fearless Reporter Depicts the Superlative Rondônia

Kim-Ir-Sen-Pires Leal is a fearless photographer and master of his own journey. In the 1970s and 80s, he managed to transport himself from the bureaucracy of Brasília to the western Amazon forest, where he gathered material for his future book of images that highlights revealing data about the reality of Rondônia, before and after Polonoroeste*.

During his travels in Rondônia from the mid-1970s to the early 1980s, he went beyond the usual coverage, focusing especially on people, rivers, rocks, forests, the Madeira-Mamoré railway, and some historical buildings. On various occasions, Kim traveled from Porto Velho to Vilhena, crossing the old territory and later the state.

His photos are impressive for their journalistic content. The improvised wooden bus station crowded with people in transit did not match the image of a city designed with the work of the notable geographer Milton Santos and architect Sylvio Sawaya, both hired by the then-governor, Colonel Humberto da Silva Guedes, from the University of São Paulo (USP).

However, this was the reality in Rolim de Moura at the end of the 1970s, when the former Inkra colonization project was losing entire reserves of mahogany, canafístula, cherry, and other noble trees. A settler goes out with his wife wearing sunglasses and two children on his circular-bar bicycle. This was the available status when he was settled by Inkra in 1977.

On the highway that was still just a dusty road in the summer, Kim encountered the mud pits of the Amazonian winter between Marco Rondon and Pimenta Bueno. Creative drivers named the largest mud pit “boss” in that future municipality. Soldiers from the 5th Construction Engineering Battalion came to the aid of drivers, bus passengers, and other travelers.

Rondônia is superlative because it sheltered both Brazilians and foreigners. Brazilians came from Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Espírito Santo, Minas Gerais, Mato Grosso, and Mato Grosso do Sul.

The mother carrying a water can on her head, accompanied by small daughters, might be one of the most emblematic photos revealing the daily struggle for water supply in the village of Espigão do Oeste.

However, it was in the Roosevelt Indigenous Land that he captured equally significant moments, witnessing a Cinta-larga family warming food on their simple makeshift wood stove. From there came well-cooked rice, beans, and game meat.

Among the Paiter Suruí, he experienced sublime moments when nudity was not yet censored by Facebook: mothers breastfed their children

simply and solemnly inside and outside their huts. Other times, he accompanied women in their artisanal work.

In the Roosevelt Indigenous Land, not only simple prospectors circulate but also politicians who have never set foot in the World Diamond Capital, the true regulator of this gem, in Antwerp (Belgium).

Kim turns to the laundry women near the Santo Antonio Waterfall in Porto Velho. In the then-crystal-clear waters of the Madeira River, they washed, scrubbed, and beat the clothes on stones or wood.

The freckled boy with a shoe-shine box on his back, the small store of coffee, nuts, and rubber in Cacoal. The rows of wooden houses and the boys walking along BR-364 in Ariquemes. The almost open-air barbershop in the wooden house in Colorado do Oeste.

Unforgettable scenes for Kim Leal, and now eternalized for Rondônia. Let's go to them!

MONTEZUMA CRUZ

*Polonoroeste is the acronym for the Integrated Development Program of the Northwest of Brazil, conceived by government decree in May 1981. It was developed by the Brazilian government in the late 1970s, with support from the World Bank, with the main objective of paving BR-364.

The Indigenous Pain and the Occupation, 50 Years Later

Approved by the House of Representatives and sanctioned in Brasília by the former President of the Republic, João Baptista de Oliveira Figueiredo, Complementary Law No. 41 created the 23rd Brazilian federative unit, officially established on January 4, 1982.

Between 1940 and 1950, Rondônia had an indigenous population of over one hundred thousand people. By 1985, after the end of the military regime and the dismantling of the local agrarian colonization project, only 2,500 indigenous individuals remained alive.

Faced with the clandestine exploitation of wood, metals, and minerals, indigenous people have been persecuted and killed, reduced, expelled, or confined. There was a new “war of places,” relegating traditional peoples to peripheral spaces that disintegrated their identities and ways of life.

Only four years after the state was created, Rondônia reached its first million inhabitants. It was 1985, and since then, more people have arrived. In 2023, the population exceeded 1.5 million inhabitants.

“We have repressive public security policies, with practices resulting from the inefficiency of other social policies capable of reducing poverty and creating expectations of existential improvement,” laments Marco

Teixeira, a historian at the Federal University of Rondônia, criticizing the current reality.

With some injections of funds from the Superintendency of Development of the Central-Western Region (Sudeco), former governor Humberto da Silva Guedes built the first roads, some essential bridges, and supported the National Institute for Colonization and Agrarian Reform (INCRA).

Under strong pressure from factors that today would be characterized as socio-environmental – such as the Rio Pardo, Jacundá Forest, Bom Futuro National Forest, and other areas with human occupation – former governor Ângelo Angelim began a movement to discourage migration. There was a lot of malaria and still a lack of money for public works.

Precaution and fearlessness involved barriers, one of which was imposed by former governor Jorge Teixeira de Oliveira by installing the Migrant Screening Center (Cetremi) in Vilhena. There, at the gateway to the new Brazilian agricultural frontier, 704 kilometers from Porto Velho, the government vaccinated everyone against yellow fever, and police controlled the movement of those arriving – not everyone was guaranteed to obtain a plot of land.

On January 31, 1983, the Constituent Assembly of Rondônia was installed, drafting the first Charter of the new state, promulgated in August that year.

Intense and uncontrolled migration caused various social problems, the most serious being the devastation of 30% of the state's forests. Kim Pires Leal took aerial photos of deforested areas in the Ariquemes region.

Of the 32 rural support urban centers (NUARs) created under government supervision and its Rondônia Agricultural Development Company (Codaron), almost all transitioned from villages to cities. This cost the clearing of half the forest surrounding these villages, meeting INCRA's legal requirements.

Rondônia currently exports even yam to Europe, triangulating sales with northeastern states, and is not limited to large-scale agribusiness. According to official statistics, family farming and service provision drive its economy.

The state today stands out as an exporter of electricity produced by small and large hydroelectric plants, notably Samuel, Santo Antônio, and Jirau.

Over four decades ago, settlers and non-settlers, attacked by malaria and without money for self-sustenance, handed over thousands of hectares of land to neighbors or private banks, INCRA noted.

By facilitating the appropriation of urban, rural, or natural spaces by powerful economic groups, the state perpetuates situations from the extinct territory. “Displaced masses struggle to access land, housing, and minimum social benefits, making Rondônia one of the most

notable fields of urban and rural violence, with high rates of deaths among agrarian, environmental, peasant leaders, and those affected by dams,” analyzes historian Marco Teixeira.

During Confúcio Moura's administration, the Superior Court of Justice (STJ) warned the Legislative Assembly for approving the extinction of four environmental units by simple decree. Before leaving office in 2018, the former governor created 11 conservation units by decree. Together, they total over 500,000 hectares of protection in the Amazon.

On November 27, the Legislative Assembly approved Law No. 4.892, regulating the policy of rural and urban public lands. In the first quarter of 2022, Rondônia saw a 45% increase in meat and soybean exports, totaling US\$ 903.3 million, according to state government data.

A 2017 survey revealed that the state had 270,000 rural properties adopting soy as the main commodity, the flagship of production. According to the National Supply Company (Conab), the total area planted with grains in the state exceeded 296,000 hectares.

It was estimated that the space for expansion totaled approximately 4.5 million hectares of degraded pastures, seen as an opportunity for transition to agriculture. Rondônia increased the planted area to 663.5 thousand hectares for the 2020/21 harvest, totaling 10.1% more compared to the previous harvest, resulting in a harvest of over 2.5 million tons, 4.6% higher than the 2019/20 harvest.

Based on studies, former governor Confúcio Moura created nine areas and regulated two others on March 20, 2018. Decrees published in the Official Gazette established a total of 536,647 hectares (or 5,370 square kilometers) of protected areas.

“The environmental policy of Rondônia aligns with the most promising aspects of environmental preservation. And this has not limited the advancement of economic activities based on agriculture and livestock. On the contrary, the state is a powerhouse in the sector, just as in family farming,” he adds.

Professor Marco Teixeira laments that conservation units and indigenous lands, agrarian conflicts, some of them violent, have resulted in deaths in the field and forest. If between 1976 and 1979 they occurred in lands circumscribed to the Aripuanã Indigenous Park in Cacoal, in the past decade, logging greed has ignored even forest management, advancing on the lands of the Uru-eu-au-au indigenous people in the central region of the state.

Not only there, they are already stealing wood from the Karipuna and Karitiana. There are dead and injured in these cases.

The professor has no doubt that the remaining forest area already suffers from the consequent regional climate warming and changes in rainfall indices. He points to the formation of “enormous very poor urban peripheries, never integrated into the job market, especially in the Capital.”

“Change in ethnic and environmental profiles are large mirrors of

a model that maintains the vices of any colonialist model, and this surpassed the Vargas-era idea of an extractivist and caboclo Amazon formed in the amalgamation of the Northeasterner with the indigenous,” warns historian Teixeira.

MONTEZUMA CRUZ

Reasons to Live

The Coup d’État in Brazil in 1964 resulted from a major conspiracy involving anti-communist military forces, business leaders, rural landowners, sectors of the church, the União Democrática Nacional (the ruling party), and international capital, with support from the Central Intelligence Agency (CIA), the United States’ secret intelligence service.

Executed on March 31 of that year, the coup led to the deposition of João Goulart and established a military dictatorship in the country that lasted until 1985.

In 1972, I was teaching photography at the Pré-Universitário School in Brasília. Even during the harsh years of the authoritarian regime, the school established a liberating education system where students were not required to adhere to strict schedules, and the gates were always open.

The Pré-Universitário was forced to close its professional high school program, remaining only with the pre-university course; many teachers lost their jobs, including myself. I left the Central Plateau, waited for my first child to be born, and at just 24 years old, I moved with my family to São Paulo. I spent almost all of 1974 looking for a job and doing small freelance gigs.

I was the 36th photographer at Brazil’s first photography agency, Câmera Photo Agentur. But steady work was hard to come by. My wife was already pregnant again, and our financial situation was becoming increasingly difficult. At that time, journalist Ruy Lopes was the editor-in-chief of Folha de S. Paulo and warned me that it was “not an appropriate environment for a hopeful and dreamy young man like me.”

If I couldn’t find anything, I could come back and the job would be mine. So, I stamped my work card for the second time. The environment in the photography department was far from what I had imagined. There were 60 photographers serving all the newspapers of the Grupo Folha, one of the main media conglomerates in the country.

At the time, the presses at Avenida Barão de Limeira No. 425 produced A Gazeta, Cidade de Santos, Folha de S. Paulo, Folha da Tarde, Notícias Populares, and Última Hora. Some photographers were public employees, and Folha was their second job. Almost all had one thing

in common: they didn’t like photography. They hated any assignment because it meant interrupting their domino or card game in front of the laboratory.

I arrived quietly, trying to do something different amidst the monotony and preferred to talk to journalist Plínio Marcos de Barros at Última Hora, which was one floor up. It was a time when photo credits were not mandatory. Reporters would ask if a particular photo was mine because they noticed some concern with framing, etc. And so I went...

Photojournalism during the ‘years of lead’ was not easy, especially for me, because my entire family and I are communists. My father was one of the founders of the Goiano Communist Party (PCB). As such, I couldn’t get credentials to enter various places, especially the Palácio do Planalto, where almost everything happened. I was left with less important assignments, which were the most boring.

If an indigenous person was killed, for example, I would take yet another photo of the president of Funai. This was not the photojournalism I wanted or what I thought would be possible. Photographing bureaucrats behind desks, often telling untruths, left me dissatisfied and discouraged. My colleagues Orlando Brito, Jamil Bittar, and I sought different things, especially during the parliamentary recess, but it didn’t always work out.

In April 1978, architect Paulo Magalhães invited me to be the documentary photographer for the Low-Cost Housing Project in the Federal Territory of Rondônia. Magalhães had realized the dream of Juscelino Kubitschek and architects Lúcio Costa and Oscar Niemeyer in the Brasília construction project.

I tried to get unpaid leave, but it wasn’t possible, so I decided to leave Folha de S. Paulo, one of the most coveted jobs in journalism at that time. I thought it was worth it and, in my early twenties, I got to know much of the Amazon, visiting indigenous peoples at the stage of first contact.

I spent six months mapping the entire Federal Territory of Rondônia with my photography. With the support of my images, the technicians developed the housing project. Today, I have a photo archive with thousands of images of the region. A small portion of this collection is in this book.

Ji-Paraná had a cosmopolitan air, a kind of industrial hub where the smell of angelim wood was present in almost every street. We left at dawn, and despite the short route – 105 kilometers – we preferred to charter a plane; by road, it would take us no less than five days.

After much hesitation, the pilot accepted but imposed several conditions. He said that no one had landed on that airstrip, on the left bank of the Roosevelt River, for many years. There was no information about the landing or takeoff conditions. He demanded that we take as little baggage as possible, so we left almost everything behind, except for the photography equipment. The landing was tense, the plane landed

roughly; it shook like a jeep on an off-road trail.

The Cinta Larga Indians approached the small plane, curious and astonished. Who are these crazy people, and what could they be doing in this remote place with such a dangerous landing?

Among the Cinta Larga Indians, I took the best images of my life.

Our stay in the village was marked by the unexpected arrival of a group of Cinta Larga, survivors of historical tragedies of their people. About 30 Indians were wandering lost in the jungle. There had been much news about the existence of these legitimate Tupis Mondé. Suddenly, they appeared... Probably the best images I took in my life as a photographer. These events happened decades ago; the memories are few but strong.

According to Brazilian anthropologist, writer, and politician Darcy Ribeiro, who authored the project for the Indian Protection Service (SPI) on the Xingu Indigenous Park (created in 1961), the arrival of the Portuguese on the Brazilian coast initiated the process of occupation. They noticed the region was inhabited by native peoples, whom the Portuguese called Indians, as they believed they had reached the Indies.

According to Darcy Ribeiro, around 1500 there were about five million indigenous people scattered throughout Brazilian territory. Thus, Cabral did not discover Brazil in 1500 but rather conquered this land. Genocide continued in the following centuries with new epidemics: the wear and tear of slave labor and extermination through wars, in which natives were seduced from their tribes and taken to fight against so-called enemy tribes, leading to their death and the extermination of their customs.

The intention was to fully integrate the national territory, which included an ambitious colonization program involving the relocation of nearly one million people to strategically occupy the Amazon Regional Complex, ensuring no part of the national territory was left unoccupied and securing the border areas.

However, the indigenous populations stood between the military and the realization of the largest strategic territorial occupation project in Brazilian history. Unfortunately, the indigenous people paid a very high price in pain and were almost exterminated for this.

The Figueiredo Report, for example, denounces that they were victims of human hunts with machine guns and dynamite dropped from airplanes, deliberate infection with the smallpox virus in isolated villages, and sugar mixed with strychnine, a poison commonly used to kill rats. Based on parliamentary inquiry commissions from 1962 and 1963 and subsequent complaints by deputies, it was the result of an expedition that traveled more than 16,000 kilometers, interviewing dozens of SPI agents and about 130 indigenous posts.

In 1963, the Cinta Larga, so named by the first invaders of their territories for wearing a kind of belt made from the inner bark of a tree – the tauari – were nearly wiped out in a massacre with international repercussions.

The indigenous people were victims of the opening of the agricultural frontier and the policies promoting the exploitation of natural resources, which primarily aimed to occupy the northern region of Brazil. The situation worsened with the construction of the Cuiabá-Porto Velho highway (initially BR-29, later BR-364) in 1960. The attacks reached alarming proportions intended to “clean the area,” according to the Figueiredo Report.

The Tupi trunk is one of the major groups of indigenous languages in Brazil, consisting of seven linguistic families: Arikém (one language), Juruna (one language), Mondé (seven languages), Munduruku (two languages), Ramarama (two languages), Tupari (three languages), Tupi-Guarani (21 languages), and three isolated languages at the family level: Aweti, Puruborá, and Sateré-Mawé. The Cinta Larga belong to the Tupi Mondé family, Tupi trunk, along with their neighbors Gaviões, Paiter Suruís, and Zorós.

After the Massacre of the 11th Parallel, ordered by rubber tapper Antônio Junqueira, the Brazilian state was internationally denounced for genocide, one of the most horrendous episodes known in Brazil, including robbery, rape, land grabbing, murder, bribery, torture, and other aggressions that shocked General Albuquerque Lima, Minister of the Interior, at the time.

One of the main individuals involved in the incident, the then head of SPI, Major Luiz Vinhas Neves, responsible for the massacre, was dismissed. According to the Figueiredo Report, the Indians had no way to defend themselves against the gunfire from the aggressors.

Living with them, I noticed that between four and five in the morning, everyone was out of their hammocks preparing breakfast, usually consisting of moqueca fish, roasted sweet potatoes, and game meat on thick cassava flatbreads as an edible base. Indigenous cuisine greatly influences Brazilian cuisine, especially in fishing, hunting, and roots. The day we arrived, a group of men had gone hunting and found a herd of wild pigs (collared peccaries, white-lipped peccaries).

On the Rondônia-Mato Grosso border, the Tabajara project

In 1987, on one of these trips to Rondônia photographing for the Environmental Impact Report (RIMA) of the Tabajara Hydroelectric Plant, I reached an area close to the Amazonas State. The dam was designed for the Ji-Paraná River, a watercourse that originates in the State of Rondônia; it is more commonly known to locals as the Machado River, a name also used for another river in the State of Minas Gerais.

Tabajara would generate 400 megawatts of energy. The proposal was to utilize the small waterfall called Dois de Novembro on the Machado River, as the natives prefer, 70 km from Machadinho d'Oeste, near a small village of the same name, Tabajara, or Senhor das Aldeias.

Tabajara, during the 80s, was a lost corner by the river, without road access, but very old, probably older than Porto Velho, the State Capital. I read some texts that in 1879 already received the victims of the great drought in the Northeast, droughts that devastated Brazil; one of the most severe was the one from 1877 to 1879, known as the great drought of the Northeast.

The situation became so desperate that entire families were forced to migrate to other states, promoting a wave of migrations, including foreign explorers and many prospectors, as the largest diamond reserve on the planet is in this region of Rondônia. About ten thousand prospectors had passed through the reserve, according to Funai estimates.

Our team consisted mainly of anthropologists, some with ecology backgrounds. Our job was to report problems and solutions for a large area that would be flooded by the hydroelectric plant. Indigenous peoples from the Paiter Suruí, Cinta-Larga, Zoró, Arara, and Gavião ethnic groups – all from the same Tupi Mondé trunk – lived in this area.

I was very excited and anxious to revisit some of the 27 cities built with only my photographs as references: these were the Urban Support Centers for Rural Development (NUARs) in the region, soon to be small and medium-sized cities.

***KIM PIRES LEAL**, in testimony to Nilton Ricardo: Nilton Ricardo, a photojournalist since 1968. He was the director of the photography studio at Bloch Editores for 11 years, contributed to more than eight hundred magazine covers, and participated in events such as the visits of Popes and singer Frank Sinatra. He reached Pico da Neblina with the Special Forces Paratroopers and recently covered the Antarctic Peninsula.*



Agradecimentos

Gratidão por Tudo:

Rondônia de Ontem Já Pode Ser Vista

Este livro planejado há três anos encontra-se hoje em suas mãos graças ao apoio cultural da Energisa.

Sou muito grato e estou feliz com o generoso patrocínio, sem o qual corria o risco de adiar mais uma vez mais a oferta dessas duas centenas de imagens do passado desta parte da Amazônia Ocidental Brasileira.

A memória do povo faz a história. E aqui está o Rondônia em Imagens.

Muita gente reconhecerá diversos acontecimentos, ao percorrer visualmente este livro e ver as imagens no site correspondente.

Rondônia em Imagens é uma antropologia fotográfica, na qual a Energisa assume e faz valer o seu indispensável compromisso com a promoção da cultura e história da região.

Certamente, bibliotecas, escolas, universidades e as sedes dos Três Poderes terão algo muito útil para mostrar a seus frequentadores. É a primeira vez que todos poderão conhecer um pouco do passado rondoniense.

Possivelmente, outros produtos virão e a Energisa poderá estar presente, considerando-se a existência de outras centenas de imagens que originariam exposições, ou, até mesmo, uma segunda versão.

O meu testemunho visual único da elevação do ex-Território Federal de

Rondônia a Estado vem até você com mais de 200 imagens.

Aqui trago, com legendas do jornalista Montezuma Cruz, a essência do surgimento das primeiras vilas, municípios e a complexa interação entre a colonização agrícola e a reconfiguração geográfica-ambiental da região.

Fiz tudo para que a memória da antiga Rondônia nessas breves legendas não apenas enriqueça a narrativa visual, mas também proporcionem uma perspectiva bilíngue, conectando essas memórias com os públicos nacional e internacional.

A generosa decisão em dar prioridade à doação do livro para escolas e bibliotecas do sistema público reflete um comprometimento admirável com a educação e a preservação da cultura local. Certamente, esse gesto terá um impacto duradouro, enriquecendo o conhecimento de estudantes e ampliando o acesso à rica história deste estado.

Parabenizo o Programa Energisa Cultural – um abrangente portfólio de projetos culturais aos quais a empresa ofertou seu apoio. Isso demonstra o compromisso com diversas linguagens culturais, e de aproximar-se da sociedade local, por meio de ações culturais e da manifestação dos valores regionais em áreas que a empresa atua.

Atitudes semelhantes promovem verdadeiramente o desenvolvimento local e enriquecem a vida de milhares de pessoas.

Fico sabendo que, em três anos, o Grupo Energisa patrocinou dezenas de projetos culturais em sua área de atuação, beneficiando um público que nem sempre tem acesso a bens e produtos culturais, notável, pois reflete a promoção da cultura e constrói uma sociedade mais rica e diversificada.

A minha gratidão, e a de todos os que participam deste livro.

KIM-IR-SEN PIRES LEAL

Patrocínio



Realização

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Acknowledgment

Gratitude for Everything:

Rondônia of Yesterday Can Now Be Seen

This book, planned three years ago, is now in your hands thanks to the cultural support of Energisa.

I am very grateful and happy with the generous sponsorship, without which the release of these two hundred images of the past of this part of Western Amazonia might have been postponed once again.

The memory of the people makes history. And here is Rondônia in Images.

Many people will recognize various events as they visually navigate this book and view the images on the corresponding website.

Rondônia in Images is a photographic anthropology, in which Energisa assumes and fulfills its indispensable commitment to promoting the culture and history of the region.

Certainly, libraries, schools, universities, and the headquarters of the Three Powers will have something very useful to show their visitors. For the first time, everyone will be able to know a little of Rondônia's past.

Possibly, other products will come, and Energisa might be present, considering the existence of hundreds of other images that could lead to exhibitions or even a second edition.

My unique visual testimony of the elevation of the former Federal Territory of Rondônia to State comes to you with more than 200

images.

Here I bring, with captions by journalist Montezuma Cruz, the essence of the emergence of the first villages, municipalities, and the complex interaction between agricultural colonization and the geographical-environmental reconfiguration of the region.

I have done everything to ensure that the memory of the old Rondônia in these brief captions not only enriches the visual narrative but also provides a bilingual perspective, connecting these memories with national and international audiences.

The generous decision to prioritize the donation of the book to public school and library systems reflects an admirable commitment to education and the preservation of local culture. Certainly, this gesture will have a lasting impact, enriching students' knowledge and expanding access to the rich history of this state.

I congratulate the Energisa Cultural Program—a comprehensive portfolio of cultural projects to which the company has offered its support. This demonstrates a commitment to various cultural expressions and a closer connection with the local society through cultural actions and the manifestation of regional values in the areas where the company operates.

Similar attitudes truly promote local development and enrich the lives of thousands of people.

I understand that, in three years, the Energisa Group has sponsored dozens of cultural projects in its area of operation, benefiting an audience that does not always have access to cultural goods and products. This is remarkable as it reflects the promotion of culture and builds a richer and more diverse society.

My gratitude, and that of all who participate in this book.

KIM-IR-SEN PIRES LEAL

Sponsorship



Realization

MINISTÉRIO DA
CULTURA





KIM-IR-SEN PIRES LEAL

FICHA TÉCNICA

FOTOS, COORDENAÇÃO GERAL E GERÊNCIA FINANCEIRA
KIM-IR-SEN PIRES LEAL

TEXTOS E LEGENDAS:
MONTEZUMA CRUZ

PRODUÇÃO EXECUTIVA E DESIGNER.
PEDRO DE OLIVEIRA LEAL

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO EM PORTO VELHO:
RAÍSSA DOURADO



MONTEZUMA CRUZ

TECHNICAL SHEET

PHOTOS, GENERAL COORDINATION AND FINANCIAL MANAGEMENT
KIM-IR-SEN PIRES LEAL

TEXTS AND CAPTIONS
MONTEZUMA CRUZ

EXECUTIVE PRODUCTION AND DESIGNER
PEDRO DE OLIVEIRA LEAL

PRODUCTION COORDINATION IN PORTO VELHO
RAÍSSA DOURADO



CONTATOS

KIM-IR-SEN LEAL

EMAIL: KIMIRSENPHOTO@GMAIL.COM

WHATSAPP: +55 (62) 98451-3469